

**Universidade Federal do Rio de Janeiro**

**CONSTRUÇÕES DE TRUNCAMENTO NO PORTUGUÊS DO  
BRASIL: ANÁLISE ESTRUTURAL À LUZ DA TEORIA DA  
OTIMALIDADE**

**Ana Paula Victoriano Belchor**

**2009**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CONSTRUÇÕES DE TRUNCAMENTO NO PORTUGUÊS DO BRASIL: ANÁLISE  
ESTRUTURAL À LUZ DA TEORIA DA OTIMALIDADE

Ana Paula Victoriano Belchor

Volume único

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Orientador: Prof. Doutor Carlos Alexandre Victório Gonçalves.

Rio de Janeiro  
Julho de 2009

Belchor, Ana Paula Victoriano.

Construções de truncamento no português do Brasil: análise estrutural à luz da Teoria da Otimalidade/Ana Paula Victoriano Belchor. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2009.

xiii, 151f.: il.; 31cm.

Orientador: Carlos Alexandre Victório Gonçalves.

Dissertação (mestrado) – UFRJ / Faculdade de Letras / Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2009.

Referências Bibliográficas: f. 128-132.

1. Português do Brasil. 2. Truncamento. 3. Teoria da Otimalidade. I. Gonçalves, Carlos Alexandre Victório. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. III. Construções de truncamento no português do Brasil: análise estrutural à luz da Teoria da Otimalidade.

Construções de truncamento no português do Brasil: análise estrutural à luz da Teoria da Otimidade

Ana Paula Victoriano Belchor

Orientador: Professor Doutor Carlos Alexandre Victório Gonçalves

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Examinada por:

---

Professor Doutor Carlos Alexandre Gonçalves – UFRJ (Vernáculas), Presidente

---

Professor Doutor Carmem Teresa Dorigo – UFRJ (Museu Nacional)

---

Professor Doutor Myrian Azevedo de Freitas – UFRJ (Linguística)

---

Professor Doutor Christina Abreu Gomes – UFRJ (Linguística), Suplente

---

Professor Doutor Mônica Maria Rio Nobre – UFRJ (Vernáculas), Suplente

Rio de Janeiro  
Julho de 2009

#### SINOPSE

Estudo de dois padrões de truncamento no português do Brasil. Análise segundo os princípios da Teoria da Otimalidade, com base nas restrições atuantes no fenômeno.

*Ao meu avô, José Victoriano, e ao meu querido amigo Luis Antônio, que, de onde estiverem, devem estar vibrando com o resultado desta dissertação.*

## DEDICATÓRIA

Aos meus pais, anjos que, muitas vezes, puseram os investimentos na minha educação à frente de suas necessidades e desejos pessoais.

Ao meu marido, Marco, que acompanhou, por cima dos meus ombros, o “nascimento” desta dissertação, dando-me apoio incondicional não somente neste projeto, mas em todos.

A Eduarda e Bernardo, sementinhas da família Belchor para as quais espero que, um dia, este trabalho seja motivo de orgulho e exemplo a ser seguido.

À minha irmã, Fabiana, pelas constantes campanhas de “minha irmã é muito inteligente”. Sua certeza quase me faz acreditar nisso.

À amiga Sara Roberta, minha irmã por escolha, que, mesmo distante fisicamente, acompanhou todos os passos da minha vida acadêmica e torceu pelo meu êxito em todos os momentos.

Ao primo Moacir, primeiro aluno da minha vida, que, pacientemente, assistia às aulas da professora de quatro anos de idade.

Aos familiares e amigos que, aberta ou veladamente, cada qual à sua maneira, torceram pelo meu sucesso.

Aos amigos do núcleo NEMP, pelo respeito e companheirismo mútuos, que fazem do sucesso de um o sucesso de todos.



## AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Mônica do Nascimento Figueiredo, primeira pessoa a confiar na minha competência e mostrar-me que existia (!) pesquisa na área de Letras.

Ao meu orientador, Professor Doutor Carlos Alexandre Gonçalves, não somente pela orientação nesta dissertação, mas também por toda a atenção e confiança que venho recebendo nos últimos cinco anos. Seu apoio aos meus projetos foi de suma importância para que eles se tornassem realidade.

À Professora Doutora Maria Lúcia Leitão de Almeida, minha “orientadora informal”, pela confiança e pelo apoio que venho recebendo há tempos. Seu bom-humor trouxe, muitas vezes, fôlego a momentos de desânimo.

Ao colega Roberto Rondinini, pelas generosas contribuições e pelo apoio no processo de seleção para o Doutorado.

Aos professores da Faculdade de Letras da UFRJ que contribuíram, de maneira especial, para a minha formação: Ana Flávia Gehhardt, Eliete Figueira, Márcia Machado, Maria Aparecida Lino, Maria Eugênia Duarte, Mônica Nobre e Mônica Orsini.

Aos informantes que se dispuseram a responder os questionários que tornaram possível esta dissertação.

*“Existe uma lenda acerca de um pássaro que só canta uma vez na vida, com mais suavidade que qualquer outra criatura sobre a Terra. A partir do momento em que deixa o ninho, começa a procurar um espinheiro-alvar e só descansa quando o encontra. Depois, cantando entre os galhos selvagens, empala-se no acúleo mais agudo e mais comprido. E, morrendo, sublima a própria agonia e despede um canto mais belo que o da cotovia e o do rouxinol. Um canto superlativo, cujo preço é a existência. Mas o mundo inteiro pára para ouvi-lo, e Deus sorri no céu. Pois o melhor só se adquire à custa de um grande sofrimento... Pelo menos é o que diz a lenda”. (Colleen McCullough)*

## RESUMO

CONSTRUÇÕES DE TRUNCAMENTO NO PORTUGUÊS DO BRASIL: ANÁLISE  
ESTRUTURAL À LUZ DA TEORIA DA OTIMALIDADE

Ana Paula Victoriano Belchor

Orientador: Carlos Alexandre Victório Gonçalves

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Nesta Dissertação, analiso o fenômeno de truncamento no português do Brasil, processo de formação de palavras que consiste no encurtamento de uma base, como em ‘flágra’ (< ‘flagrante’), ‘deprê’ (< ‘depressão’) e ‘odônto’ (< ‘odontologia’)<sup>1</sup>. A análise é baseada na Teoria da Otimalidade (Prince & Smolensky, 1993), mais especificamente na Teoria da Correspondência (McCarthy & Prince, 1995), que constitui desdobramento da Teoria da Otimalidade para tratar de questões referentes à interface morfologia-fonologia.

O objetivo da pesquisa é descrever o comportamento de formas truncadas distribuídas em dois grupos de afinidade estrutural. O primeiro deles é composto pelas formas que se estruturam com a preservação integral do morfema situado à margem esquerda de suas formas de base, tal como ‘gástro’ e ‘nêuro’. O segundo grupo, por sua vez, constitui-se de formas truncadas oxítonas e dissilábicas – ‘refrí’, ‘expô’ – cuja estrutura não apresenta compromisso com a preservação de morfema algum.

A análise dispõe, além da descrição do fenômeno e da revisão bibliográfica, do detalhamento das restrições que se aplicam ao processo, com base no *corpus* constituído para a pesquisa, estabelecendo-se, entre elas, posteriormente, hierarquias que façam emergir as melhores formas truncadas. Para tanto, os padrões de afinidade estrutural são tomados individualmente, uma vez que suas diferenças estruturais pressupõem hierarquias de restritores distintas.

Palavras-chave: Otimalidade, Correspondência, Truncamento.

---

<sup>1</sup> Em todos os exemplos citados nesta dissertação, são utilizados acentos gráficos com o objetivo de indicar a sílaba tônica da forma truncada, ainda que tal sílaba não seja acentuada graficamente.

*ABSTRACT*

CLIPPING CONSTRUCTIONS IN BRAZILIAN PORTUGUESE: STRUCTURAL  
ANALYSIS ACCORDING TO OPTIMALITY THEORY

Ana Paula Victoriano Belchor

Orientador: Carlos Alexandre Victório Gonçalves

*Abstract* da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

In this Master thesis, I analyze the clipping phenomenon in Brazilian Portuguese, a word's process formation that consists on a shortness of a base, like 'flágra' (< 'flagrante'), 'deprê' (< 'depressão') and 'odônto' (< 'odontologia')<sup>2</sup>. The analysis is based on Optimality Theory (Prince & Smolensky, 1993), more specifically on Correspondence Theory (McCarthy & Prince, 1995), which can be defined as an extension of Optimality Theory to deal with questions related to morphology-phonology's interface.

The research's aim is to describe the behavior of clipped forms distributed on two structural affinity groups. The first one is constituted by forms structured within the integral preservation of the morpheme situated on the left edge of the base, like 'gástro' and 'nêuro'. The second group, for its turn, is composed by dissyllabic and last stressed clipped forms – 'refrí', 'expô' – which structure does not assume any commitment with morpheme's preservation.

The analysis relies, besides the phenomenon description and the bibliographic review, on detail of constraints applied to the process, based on research's *corpus*, establishing between these constraints, subsequently, a hierarchy that let emerge the best clipped forms. So, the structural affinity groups are analyzed individually, as their structural differences require different constraints hierarchies.

Key-words: Optimality, Correspondence, Clipping.

---

<sup>2</sup> In all examples mentioned in this Master thesis, graphic stresses are used with the objective of indicating the clipped form's tonic syllables, even if those ones are not graphically stressed.

## SUMÁRIO

Capítulo 1 – Palavras iniciais .....	14
Capítulo 2 – Revisão da literatura	
2.1. Ponto de vista da Gramática Tradicional.....	19
2.2. Ponto de vista dos morfólogos .....	22
2.3. Ponto de vista da Teoria Morfológica .....	27
Capítulo 3 – Truncamento	
3.1. O fenômeno.....	33
3.2. Mapeamento de fronteiras .....	41
3.2.1. Truncamento e derivação regressiva.....	42
3.2.2. Truncamento e hipocorização.....	46
3.2.3. Truncamento e abreviação .....	51
3.3. Padrões de truncamento analisados.....	55
Capítulo 4 – Instrumental teórico	
4.1. Teoria da Otimalidade .....	57
4.2. Teoria da Correspondência .....	62
4.3. Teoria da Correspondência aplicada ao processo de truncamento.....	66
4.4. Morfologia subtrativa .....	68
Capítulo 5 – Análise do padrão ‘refri’	
5.1. Metodologia .....	73
5.2. Descrição geral do padrão.....	77
5.3. Restrições atuantes no padrão .....	80
5.4. Análise de dados.....	88
5.5. Hierarquia aplicada a dados de teste .....	100

Capítulo 6 – Análise do padrão ‘gástro’	
6.1. Descrição geral do padrão.....	104
6.2. Restrições atuantes no padrão .....	108
6.3. Análise de dados.....	115
6.4. Hierarquia aplicada a dados de teste .....	122
Capítulo 7 – Palavras finais.....	125
Referências bibliográficas .....	128
Anexo I – <i>Corpus</i> .....	133
Anexo II – Testes.....	135
Anexo III – <i>Tableaux</i> .....	140

## CAPÍTULO 1 – PALAVRAS INICIAIS

---

A presente dissertação visa a analisar o truncamento no português do Brasil, processo que consiste no encurtamento de uma base. Para tanto, serão utilizadas formas truncadas que, embora componham um *corpus* único, subdividem-se em dois padrões estruturais distintos: um deles, aqui denominado padrão ‘refrí’, resulta em formas truncadas oxítonas e dissilábicas, e o outro, denominado padrão ‘gástro’, se forma por meio da preservação integral do morfema situado na extremidade esquerda da base.

O fenômeno de truncamento carece de descrição formal, pois, nas gramáticas tradicionais, bem como nos manuais de morfologia, os autores atribuem-no o rótulo de “imprevisível” (cf. BASÍLIO, 2004) ou “não-suscetível de formalização” (cf. LAROCA, 1994) e limitam-se a fornecer listas de exemplos que constituem meras enumerações, uma vez que não permitem qualquer tentativa de análise.

O obstáculo encontrado pela morfologia tradicional na análise do truncamento reside no fato de o fenômeno não envolver a mera supressão de afixos. Dessa forma, o processo não é passível de descrição por meio de uma regra segundo a qual determinada sequência será apagada. Por essa razão, o truncamento figura entre os processos do português que Gonçalves (2004) classifica como não-concatenativos, por não envolverem o encadeamento de formativos.

Assim, a Teoria da Otimalidade, por ser um modelo não-derivacional, mostra-se eficiente na análise do truncamento, uma vez que lida com demandas de vários níveis não levadas em conta nas análises baseadas em RFPs (regras de formação de palavras).

A vantagem da análise otimalista em relação às que se fundamentam em modelos serialistas é proporcionada pela substituição de regras por restrições. Mais

especificamente, a Teoria da Otimalidade opera com restrições universais na descrição dos fenômenos linguísticos; contudo, tais restrições podem ser violadas pelos dados analisados (teoricamente denominados candidatos), sem que eles se tornem agramaticais, pois a teoria opera com *rankings* de restrições que se apresentam hierarquizadas, ou seja, em ordem de prioridade na língua.

Dessa forma, candidatos podem deixar de atender às exigências de determinadas restrições e, ainda assim, serem selecionados como ótimos (formas de *output*), caso as violações sejam cometidas para que restrições mais elevadas no *ranking* sejam atendidas. Ao contrário, nos modelos derivacionais, lineares e não-lineares, qualquer violação implica agramaticalidade, uma vez que não são admitidos desvios em relação às regras que descrevem o fenômeno e devem ser respeitadas por todos os dados.

Pelas razões expostas até então, a Teoria da Otimalidade mostra-se adequada à análise do truncamento, por ser este um processo que não permite descrição por meio de regras que determinem o apagamento de sequências previamente definidas. Assim, a incorporação de fatores prosódicos, possibilitada pela análise otimalista, se apresenta como alternativa ideal para a descrição de formas truncadas, cujo processo de formação envolve o apagamento de porções que variam de um dado para outro.

Os dados analisados na dissertação foram reunidos por Gonçalves e Vazquez (2005), em etapa anterior à pesquisa, e algumas novas formas foram incluídas no *corpus* durante as fases de iniciação científica e pós-graduação. Quanto à análise, todos os dados que compõem o *corpus* são submetidos aos *rankings* de restrições, de acordo com o padrão de formação.

As análises – sob a forma de *tableau*, tal como propõe o modelo teórico – constam todas da dissertação. Alguns dados são analisados nos capítulos destinados a



cada padrão de formação; e aqueles cujos *tableaux* não são apresentados nos referidos capítulos podem ser verificados no anexo III.

A dissertação estrutura-se do seguinte modo: no capítulo 2, é apresentada a revisão da literatura no que concerne ao processo de truncamento, com ênfase nas diferenças encontradas entre os pontos de vista da Gramática Tradicional, dos morfólogos do português e da Teoria Morfológica.

No capítulo 3, define-se o fenômeno de truncamento e justifica-se a sua inclusão entre os processos não-concatenativos de formação de palavras do português brasileiro. Além disso, são descritos brevemente três trabalhos recentes acerca do fenômeno, a saber: Santos (2002), Vilela, Godoy e Cristóvão Silva (2006) e Vazquez (2008) – os primeiros sobre o português do Brasil, e o último sobre o espanhol. Ainda no referido capítulo, faz-se o mapeamento de fronteiras entre o truncamento e os processos de derivação regressiva, hipocorização e abreviação, que também envolvem a diminuição de corpo fônico, além de delimitarem-se os dois padrões que serão analisados na dissertação.

O capítulo 4 destina-se a estabelecer as bases das teorias da Otimalidade e da Correspondência, nas quais se fundamenta a análise, além de fazer uma breve exposição acerca da aplicação da Correspondência ao fenômeno de truncamento, com base na proposta de Benua (1995). Ainda neste capítulo, na última seção, faz-se a distinção entre o truncamento e o que se pode considerar morfologia subtrativa, segundo as propostas de Spencer (1998), Horwood (2001) e Kurisu (2002).

Os capítulos 5 e 6 são dedicados à análise dos padrões ‘refrí’ e ‘gástro’, respectivamente, e contam com a descrição geral do padrão de que tratam, além das restrições atuantes no mesmo. Nos referidos capítulos, dados pertencentes ao *corpus* da

pesquisa são analisados, e formas truncadas formuladas com o propósito de compor os testes são avaliadas pelas hierarquias elaboradas para a análise, com o intuito de verificar se o *ranking* final de cada padrão também é eficiente na descrição de truncamentos que aparentemente não existem, mas apresentam características que os incluiriam em um dos padrões analisados.

No sétimo e último capítulo, apresentam-se as conclusões da dissertação, com base nas análises de dados realizadas nos capítulos 5 e 6.

## CAPÍTULO 2 – REVISÃO DA LITERATURA

---

O truncamento é um processo não-concatenativo<sup>3</sup> de formação de palavras, uma vez que não há, nesse caso, possibilidade de isolarem-se formativos, como nos processos de afixação e composição, por exemplo. Em virtude de sua natureza não-concatenativa, o truncamento não é, pois, descrito satisfatoriamente nas gramáticas tradicionais e mesmo nos manuais de morfologia, por não ser um fenômeno passível de análise segundo os princípios da morfologia derivacional.

Por não considerarem expedientes morfoprosódicos, as descrições comumente encontradas para o fenômeno tendem a tomá-lo como idiossincrático ou marginal, consistindo essas descrições em listas de exemplos que não apresentam qualquer formalização. Quanto aos critérios empregados, observa-se que alguns autores não separam o truncamento do processo de siglagem e misturam, em consequência disso, dois processos não-concatenativos que se caracterizam, entretanto, pelo encurtamento de uma forma de base, no caso do truncamento, e pela combinação dos segmentos iniciais de um sintagma (nome composto ou expressão), no caso da siglagem.

Face ao exposto, este capítulo destina-se a fazer um levantamento das informações encontradas na literatura morfológica disponível acerca do fenômeno de truncamento, para, nos capítulos 5 e 6, propor uma análise com os instrumentos da Teoria da Otimalidade, levando-se em conta, desta feita, expedientes morfoprosódicos com que a morfologia derivacional não opera.

---

<sup>3</sup> Na morfologia não-concatenativa, não há condições ideais para o isolamento de formativos, que não aparecem estritamente encadeados, isto é, pode haver, por exemplo, sobreposição em determinados pontos da cadeia – o que não se verifica na morfologia concatenativa, típica das línguas predominantemente aglutinantes e baseada nos fenômenos prototípicos de afixação ou composição, nas quais os elementos morfológicos sucedem-se em uma linha temporal e podem ser, dessa forma, isolados.

## 2.1. Ponto de vista da Gramática Tradicional

Bechara (2001) confere ao fenômeno de truncamento o nome de abreviação e define-o como o emprego de uma parte da palavra pelo todo, formando-se, assim, um novo vocábulo cuja construção é motivada pela necessidade de tornar breve o discurso. O autor cita, para fim de exemplificação, as formas ‘extra’ (< ‘extraordinário’) e ‘foto’ (< ‘fotografia’), porém mistura critérios ao considerar a siglagem *um caso especial de abreviação* (*op. cit.*: 371). Observe-se que não há critério formal capaz de proporcionar uma análise comum à formação de ‘extra’ e ‘ONU’, por exemplo, uma vez que a primeira copia, na íntegra, as duas primeiras sílabas da palavra-matriz, enquanto a segunda constitui-se do primeiro segmento de cada palavra que compõe o nome da instituição a que se refere: **Organização das Nações Unidas**.

Cunha & Cintra (2001), por sua vez, embora atribuam o nome de abreviação vocabular ao fenômeno de truncamento e definam-na como *a redução de frases e palavras até limites que não prejudiquem a compreensão* (*op. cit.*: 116), não incluem a siglagem no mesmo processo. Entretanto, os referidos autores caracterizam o processo como necessário à elocução mais rápida, em virtude do caráter dinâmico da vida moderna. Como exemplos, são apontadas as formas ‘pneu’ (< ‘pneumático’) e ‘quilo’ (< ‘quilograma’), dentre outras, em que a palavra encurtada assumiu o sentido da palavra-matriz. Observe-se que Cunha & Cintra (2001), assim como Bechara (2001), atribuem o truncamento, processo que denominam abreviação vocabular, à necessidade de economizar tempo e, portanto, palavras.

Em seção denominada “outros tipos de formação de palavras”, Rocha Lima (2002) reconhece a composição e a derivação como os principais processos de formação

de palavras em português, mas aponta cinco fenômenos que denomina “subsidiários”: onomatopeia (reprodução de ruídos, tal como em ‘tique-taque’), siglagem (redução às letras iniciais de nomes longos como ‘Organização dos Estados Americanos’ – ‘OEA’ –, por exemplo), hipocorização (encurtamento de prenomes, assim como em ‘Fernanda’ > ‘Nanda’), braquissesmia (próclise de prenome a nome de família, tal como se observa em ‘Fernão’ < ‘Fernando’) e, por fim, abreviação, que não é definida pelo autor, somente exemplificada por ‘auto’ < ‘automóvel’ e ‘foto’ < ‘fotografia’, entre outras formas. Quanto à motivação para o encurtamento, Rocha Lima (2002) não se detém à questão, que sequer é abordada na seção.

Dentre as gramáticas escolares, Nicola e Infante (1991), na seção que denominam “outros processos de formação de palavras”, apresentam a onomatopeia, a siglagem e a abreviação vocabular, definidas e exemplificadas nos mesmos termos de Rocha Lima (2002). Em relação à siglagem, os autores, tal como Bechara (2001), classificam-na como um caso especial de abreviação – o que se pode considerar, novamente, uma mistura de critérios. Quanto ao truncamento, designado abreviação vocabular, Nicola e Infante (*op. cit.*) atribuem sua formação à busca de uma comunicação mais ágil e tomam como exemplos formas já mencionadas aqui, no que se refere à abordagem de Rocha Lima (2002).

Com base nos autores selecionados para compor esta seção, pode-se dizer que a Gramática Tradicional não descreve satisfatoriamente o fenômeno de truncamento, pois o toma como um processo relacionado à intenção de agilizar a comunicação, e não à expressão de pejoratividade ou à impressão da marca do falante sobre o enunciado, que sequer são mencionadas. Além disso, observa-se que os critérios empregados para a

descrição do fenômeno não apresentam consistência suficiente para distingui-lo da siglagem.

De acordo com Abreu (2009), o processo de siglagem tem origem na língua escrita e não pode ser descrito com os instrumentos da morfologia derivacional, baseada na relação entre radicais e afixos. No entanto, embora o truncamento também não seja analisado satisfatoriamente com base na remoção de afixos, há peculiaridades que são capazes de delimitar os dois fenômenos.

Ainda segundo Abreu (*op. cit.*), siglas são compostas de letras do alfabeto – e não palavras, radicais ou afixos – dispostas em uma sequência linear na qual os elementos possuem significado autônomo, mas, juntos, remetem a um novo significado, que não coincide com a interpretação de cada constituinte isoladamente e depende do conhecimento prévio do falante. Observe-se que tais características não podem ser atribuídas ao truncamento, processo em que um mapeamento melódico permite a cópia de uma sequência da base, que passa a funcionar como unidade lexical autônoma, porém com o mesmo significado da palavra-matriz. Além disso, os constituintes das formas truncadas aparecem integrados a sílabas ou constituem, por si, uma sílaba.

Quanto aos exemplos apresentados pelos autores pesquisados, constata-se que há predomínio absoluto de construções que se encaixam no padrão de truncamento formado por meio da preservação do morfema situado na margem esquerda da palavra derivante<sup>4</sup>, tal como ‘rétro’ (< ‘retroprojeter’), não se encontrando referências a formas cuja estrutura se enquadra no padrão de ‘refri’ (< ‘refrigerante’) e ‘motô’ (< ‘motorista’),

---

<sup>4</sup> Com exceção de ‘pneu’ (‘pneumático’), forma que, se preservasse o morfema situado na margem esquerda da palavra-matriz, teria como resultado o radical grego ‘pneumat(o)’. Nesse caso, existe a possibilidade de os falantes efetuarem o encurtamento até ‘pneu’ devido à associação com outras palavras da língua tais como ‘automático’, na qual reconhecem o radical grego ‘auto’ (< *autós; avtós*) e separam-no de ‘mático’, interpretando esta última sequência como radical.

por exemplo, que mantém as duas primeiras sílabas da palavra-matriz e não apresenta compromisso com a preservação de morfema algum.

## 2.2. Ponto de vista dos morfólogos

Basílio (2004) denomina redução ou abreviação a formação de novas palavras por meio da supressão de segmentos da palavra-matriz e aponta dois tipos de estruturas que resultam do processo: (a) ‘Sampa’ (< ‘São Paulo’) e ‘delega’ (< ‘delegado’), por exemplo, em que a parte suprimida é considerada imprevisível e assistemática, e (b) ‘micro’ (< ‘microcomputador’) ou ‘vídeo’ (< ‘videocassete’), nas quais uma das partes da composição passa a ser empregada pelo todo. Segundo a autora, no primeiro caso, o produto é sinônimo da palavra derivante e usado em estilo mais coloquial, enquanto as formas do tipo (b) não causam prejuízo ou mudança de significado global em relação à base.

Carone (2004) também atribui ao fenômeno o nome de abreviação, definida como *processo bastante limitado* (*op. cit.*: 42), porém considera a atuação do processo restrita a compostos formados a partir de radicais gregos ou latinos e toma como exemplos, entre outras, as construções ‘auto’ (< ‘automóvel’) e ‘moto’ (< ‘motocicleta’). Quanto ao uso de formas truncadas (ou abreviadas, nos termos da autora), não há qualquer observação no que se refere às situações em que o falante opta por empregá-las.

Em Kehdi (2005), o truncamento, fenômeno que o autor denomina abreviação, é definido como a redução de um vocábulo sem que ocorra a mudança de classe, assim como se observa em ‘extraordinário’ (adjetivo) > ‘extra’ (adjetivo) e ‘fotografia’ (substantivo) > ‘foto’ (substantivo). Ainda segundo o autor, a abreviação não é regida

por critérios homogêneos, pois, no caso de ‘extra’, reduz-se a base ao prefixo, enquanto, no caso de ‘foto’, é mantido o primeiro radical da palavra-matriz composta.

Em relação ao emprego das formas ditas abreviadas, Kehdi (2005) afirma que podem coexistir com os derivantes, estabelecendo-se, contudo, uma diferença de sentido ou distribuição que pode ser detectada, por exemplo, em ‘cine’ e ‘cinema’ – par em que a primeira forma é empregada na presença do nome do cinema (‘Vou ao *cine* Botafogo’); e a segunda, na ausência deste (‘Vou ao *cinema*’).

Segundo Henriques (2007), a “truncação” é um tipo de abreviação (ou braquissmia) que envolve a eliminação de parte da sequência lexical, por comodidade expressiva. Quanto aos exemplos, o autor cita, dentre outras, as formas ‘preju’ (< ‘prejuízo’), ‘eletro’ (< ‘eletrocardiograma’), ‘flagra’ (< ‘flagrante’) e afirma que *eventualmente*, (sic) a abreviação ocorre mediante um processo de acomodação ou deturpação fonética (op. cit.: 126), assim como em ‘Bonsuça’ (< ‘Bonsucesso’).

Henriques (2007) inclui no processo que denomina truncação ou abreviação (nesse caso, por elipse) formas tais como ‘diretas’ (< ‘eleições diretas’) e ‘amistoso’ (< ‘jogo amistoso’), por exemplo, nas quais um item lexical ou uma expressão sintagmática são representados apenas por um de seus componentes, em contexto que pressuponha a compreensão da elipse.

Sob o ponto de vista de Alves (2000), a “truncação” é um processo menos produtivo que a derivação prefixal ou sufixal e a composição, e consiste em um tipo de abreviação na qual uma parte da sequência lexical – geralmente a final – é eliminada, assim como se observa em ‘euro’ (< ‘europeu’) e ‘asia’ (asiático’). Em relação ao emprego dessas construções, não se encontra qualquer referência na obra.



Sandmann (1989) denomina abreviação o processo que consiste na omissão da parte inicial ou final de uma palavra complexa e cita como exemplos as formas ‘Tião’ (< ‘Bastião’ < ‘Sebastião’), ‘auto’ (< ‘automóvel’), ‘foto’ (< ‘fotografia’) e ‘micro’ (< ‘microcomputador’). O uso das formas denominadas abreviadas, no entanto, constitui questão sobre a qual o autor não se detém.

Braquissesmia é o processo que Monteiro (1987) define como o emprego de parte de uma palavra pelo todo, em que o produto passa a valer semanticamente pelo vocábulo inteiro. ‘Tri’ (< tricampeonato’), ‘quilo’ (< ‘quilograma’), ‘expô’ (< ‘exposição’) e ‘vice’ (< ‘vice-presidente’) são alguns exemplos listados para elucidar o processo, que, segundo o autor, apresenta relação com a economia linguística. Além disso, o autor também aponta casos do processo que chama “braquissesmia contextual” – situação em que um elemento é omitido por ser empregado no vocábulo posterior, tal como se observa em ‘os carros chocaram-se ~~subitamente~~ e rapidamente’.

Ainda de acordo com Monteiro (1987), o truncamento, sob o nome de braquissesmia, assemelha-se à siglagem, fenômeno que o autor denomina acrossemia e define como o processo *que consiste na combinação de sílabas ou fonemas extraídos dos elementos de um nome composto ou de uma expressão (op. cit.: 175).*

Com base nas informações colhidas para compor esta seção, pode-se dizer que, mesmo entre os morfólogos, não há consenso em relação à análise do truncamento – processo considerado assistemático por todos os autores e descrito em termos de listas de exemplos que não apresentam qualquer tentativa de formalização.

O emprego de formas truncadas é atribuído pela maior parte dos autores pesquisados à economia linguística ou comodidade expressiva, com exceção de Basílio (2004), que relaciona o uso de tais construções à opção do falante por adequar-se ao

estilo coloquial. Kehdi (2005), por sua vez, afirma que há diferença de sentido (ou distribucional) entre algumas formas truncadas e as palavras-matrizes. Contudo, não foi encontrado, no *corpus* reunido para constituir a presente dissertação, caso em que tal diferença distribucional seja verificada.

Quanto aos exemplos citados, pode-se dizer que há predomínio quase absoluto de truncamentos cujas bases são compostas. Os demais padrões de formação do truncamento – um grupo constituído de estruturas que preservam a base da palavra e recebem uma vogal específica de truncamento (-a) – ‘neurose’ > ‘nêura’ –, e outro que mantém todos os segmentos que compõem a margem esquerda da palavra-derivante, dispensando-se a afixação de uma vogal preestabelecida de truncamento (‘condição’ > ‘condí’) – são mencionados somente por Basílio (2004), Monteiro (1987) e Henriques (2007), que não tecem, porém, comentários em relação à estrutura dos exemplos fornecidos.

Kehdi (2005) e Henriques (2007) empreendem as poucas tentativas de formalização encontradas nas obras aqui tomadas como referência. O primeiro ressalta que o processo de truncamento, a que denomina abreviação, não promove mudança de classe em relação à palavra-matriz – assertiva que pode ser confirmada por meio da análise do *corpus* constituído para esta dissertação, no qual, de fato, não se observa mudança de classe ocorrida no sentido base-truncamento. Henriques (2007), por sua vez, afirma que o fenômeno pode se dar por acomodação ou deturpação fonética e, para tanto, aponta o exemplo ‘Bonsuça’ (< ‘Bonsucesso’). Nesse caso, por não levar em conta expedientes morfoprosódicos pertinentes ao processo, o autor atribui as modificações encontradas na construção à deturpação fonética.

Vale enfatizar que Henriques (2007) e Monteiro (1987) consideram truncadas formas que, em verdade, sofrem o processo de elipse. O primeiro atribui ao truncamento, sob o nome de truncação ou abreviação por elipse, a diminuição no corpo fônico de expressões como ‘jogo amistoso’, que resulta em ‘amistoso’. Observe-se que, nesse caso, a palavra omitida (‘jogo’) pode ser recuperada sem dificuldade pelo contexto – daí a possibilidade da elipse, processo bastante comum no português do Brasil, como se pode notar em ‘guarda’ (< ‘guarda de segurança’) e ‘celular’ (< ‘telefone celular’), por exemplo.

Também Monteiro (1987) toma como truncadas formas em que se deu a elipse de sufixos que são omitidos por estarem presentes em outro termo da oração, assim como no exemplo já mencionado nesta seção: ‘os carros chocaram-se ~~subitamente~~ e rapidamente’. Vale destacar que, em situações como essa, o encurtamento de vocábulos deve-se à necessidade de evitar a repetição, e não a fatores ligados ao fenômeno de truncamento, tais como expressão de pejoratividade ou impressão da marca do falante sobre o enunciado.

Por fim, cumpre advertir que Sandmann (1989) e Monteiro (1987) consideram o fenômeno de truncamento, denominado abreviação pelo primeiro e braquissemia pelo segundo, semelhante ao processo de siglagem, a que ambos nomeiam acrossemia. Porém, com base nas características do truncamento discutidas mais adiante nesta dissertação (cf. capítulo 3), pode-se dizer que não há semelhança estrutural entre os dois processos, uma vez que o truncamento envolve o mapeamento melódico de uma palavra-matriz, a partir da qual uma sequência é copiada e passa a funcionar como unidade lexical autônoma, enquanto a siglagem constitui processo em que os constituintes, letras do alfabeto ou sílabas, são dispostos em uma sequência linear que

remete a um novo significado, não coincidente com a interpretação de cada elemento isoladamente.

### 2.3. Ponto de vista da Teoria Morfológica

Matthews (1998) considera a formação de adjetivos franceses, em que o gênero masculino deriva das formas femininas por meio da supressão de segmentos finais, um processo de *subtração*, tal como se pode observar nos dados a seguir:

(01)

Platte [plat] – fem. > Plat [pla] – masc. (plano)

Laide [lɛd] – fem. > Laid [lɛ] – masc. (feio)

Distincte [distɛ<sup>n</sup>kt] – fem. > Distinct [distɛ<sup>n</sup>] – masc. (distinto)

Longue [lo<sup>n</sup>g] – fem. > Long [lo<sup>n</sup>] – masc. (longo)

Grise [gri:z] – fem. > Gris [gri] – masc. (cinza)

Embora o autor admita que há possibilidades de análise diversas para qualquer fenômeno linguístico, ressalta que, tomando-se como derivante a forma feminina, a operação de derivação consiste na subtração da consoante final para a formação do masculino, enquanto, se for considerada a forma masculina como base, da qual o feminino seria constituído pela adição de morfemas, encontrar-se-ia dificuldade em identificar a consoante a ser afixada, uma vez que são inúmeras as possibilidades.

Assim, a falta de sistematização possível para que a forma masculina seja considerada básica torna viável a análise no sentido inverso, tal como propõe

Bloomfield (1933: 217): *tomando-se a forma feminina como base, pode-se descrever a irregularidade pela simples assertiva de que a forma masculina é derivada da feminina, por meio de um traço subtrativo [minus-feature], a saber, a perda da consoante final ou do grupo [-kt].* Observe-se que, no sentido oposto, seria necessário estabelecerem-se regras diversas para a constituição do feminino, cada qual pressupondo a afixação de uma consoante.

A formação dos adjetivos em francês serviu de base, portanto, para a concepção de Bloomfield (1933) em relação ao traço (ou morfema) subtrativo, que também é apresentado por Nida (1949) como um traço que determina a perda de fonemas para a expressão de uma categoria gramatical específica.

Segundo Jensen (1990), o processo denominado *back formation*, que pode ser traduzido por derivação regressiva, resulta na formação de novas palavras por meio da supressão de segmentos presentes em vocábulos já existentes – assim como se observa no par *pease* (ervilhas) x *pea* (ervilha), cujo segmento final do derivante, [z], foi interpretado como morfema indicador de plural e, por conseguinte, eliminado para a criação de uma suposta forma singular. Destarte, a partir da palavra *pease*, o inglês passou a contar com o par *pea* > *pease*, estabelecendo-se, nesse caso, a oposição singular x plural.

Pode-se dizer, então, que ocorre *back formation* nas situações em que os falantes reanalisam construções existentes na língua e reestruturam-nas de modo a compor novas palavras. Quanto à percepção do falante em relação ao processo, contudo, Jensen (*op. cit.*) afirma que a maioria não intui de que modo os produtos foram formados. Por isso, o autor considera a derivação regressiva relevante apenas sincronicamente, visto que os

falantes empregam as palavras assim formadas sem ter percepção do processo que subjaz à constituição das mesmas.

Outro caso em que ocorre, de acordo com Jensen (1990), derivação regressiva é a criação do que o autor chama “verbo composto”, formado a partir de um nome composto lexicalizado. Como exemplo, pode-se citar a formação do verbo composto *air-condition*, cuja palavra-origem é o nome *air-conditioner*, tal como se segue:

(02)

$$[air-conditioner_{\text{nome}}] \xrightarrow[\text{reanálise}]{} [[air-condition_{\text{verbo}}] + -er_{\text{agente}}]$$

Observe-se que, em (02), o nome composto *air-conditioner* (‘ar-condicionado’), considerado lexicalizado pelo autor por designar não um aparelho que “impõe condições quaisquer sobre o ar”, mas resfria ou aquece o ambiente, é interpretado como uma sequência verbal acrescida do sufixo agentivo em inglês: *air-condition* + *-er*. Assim, teve origem um novo verbo, que possui sentido semelhante a “tornar o ar frio ou aquecido”.

Jensen (1990) ainda apresenta um processo que denomina truncamento e define como o apagamento de um morfema segundo condições morfológicas, isto é, a supressão de morfemas para que sejam atendidas condições morfológicas determinadas. Com base em Aronoff (1976), o autor aponta como exemplo no inglês o apagamento do sufixo formador de advérbios *-ly* antes do sufixo *-er*, formador de comparativo.

O adjetivo *quick* (rápido), por exemplo, dá origem, por meio da adjunção do sufixo *-ly*, ao advérbio *quickly* (rapidamente), cujo comparativo é *quicker*, e não *\*quicklier*, tal como o esperado. Observa-se, então, que o comparativo apresenta a

mesma forma para o advérbio e o adjetivo – o que Aronoff (1976) atribui a uma regra de apagamento segundo a qual o sufixo comparativo *-er* pode ser afixado a advérbios em *-ly*; porém, este último sufixo deve ser deletado em seguida, devido a uma regra de truncamento.

Destarte, o processo a que Jensen (1990) denomina truncamento consiste no apagamento sofrido por um vocábulo para que não seja infringida uma condição morfológica atuante na língua, assim como a adjunção do sufixo comparativo *-er* a advérbios, que pressupõe o apagamento do sufixo adverbial *-ly*.

Villalva (2000), contudo, busca refutar a regra de truncamento proposta por Aronoff (1976) com base em dados também do português – língua que dispõe de constituintes temáticos que, acrescidos ao radical, formam o tema verbal ou nominal. Dessa forma, a autora afirma que Aronoff (*op. cit.*) utiliza-se de casos em que a base não é, na verdade, um radical para fundamentar a referida regra de truncamento.

Palavras como ‘fum(o)aça’ < ‘fumo’, ‘cas(a)ebre’ < ‘casa’ e ‘hebr(eu)aico’ < ‘hebreu’, por exemplo, nas quais a adjunção dos sufixos promove a supressão das terminações *-o*, *-a* e *-eu*, respectivamente, permitem, segundo Villalva (2000: 145), a identificação de uma outra regra em que *a sufixação e a integração dos radicais em classes são processos paralelos, pelo que não faz sentido falar em supressão do constituinte temático da forma derivante*. Logo, sob o ponto de vista de Villalva (*op. cit.*), não há justificativa para regras de truncamento que, sob condições morfológicas, determinem a supressão de alguns sufixos ou índices temáticos para que seja efetuada uma nova sufixação.

Em contraposição, a autora propõe que sufixação e integração de radicais em classes constituem processos paralelos cuja base é um radical, e não uma forma

derivada – hipótese reforçada por dados como ‘barça’ e ‘chinelada’, por exemplo, nos quais não é possível determinar as formas de base (Barco? Barca? Chinelo? Chinel?). Nesses casos, tomando-se como base os radicais *barc-* e *chinel-*, é possível resolver o problema com a identificação da forma derivante e, além disso, descartar a atuação de regras de truncamento que pressuponham o apagamento de determinados sufixos ou índices temáticos para posteriores derivações.

Com base nos autores pesquisados para compor esta seção, pode-se dizer, portanto, que os teóricos em morfologia aproximam-se mais da derivação regressiva, por analisarem o fenômeno de encurtamento em relação a uma palavra-matriz ora como necessário à expressão de categorias gramaticais, tal como na formação dos adjetivos masculinos em francês, ora como processo vinculado à criação de novas palavras por meio da reanálise de alguns morfemas (plural e agentivo, por exemplo).

Jensen (1990), com base em Aronoff (1976), descreve um processo que denomina truncamento, em que o apagamento de alguns segmentos se deve a condições morfológicas que são obrigatoriamente respeitadas na língua pesquisada – no caso, o inglês. Porém, o conceito de truncamento fornecido pelo autor não se aplica à proposta desta dissertação, em que o fenômeno não se caracteriza por expressar categorias gramaticais ou atender a condições morfológicas preestabelecidas, mas por envolver o mapeamento melódico de uma base, após o qual uma sequência passa a funcionar como unidade lexical autônoma.

Dessa forma, o apagamento é processado até o ponto em que os fatores morfoprosódicos considerados o permitam, ou seja, não há, nesse caso, atuação de condições estritamente morfológicas que determinem os segmentos a ser deletados. Quanto à questão de categorias gramaticais, há nova divergência entre a posição dos



teóricos em morfologia e o ponto de vista adotado na presente pesquisa, uma vez que, no *corpus* reunido, não se verificam mudanças de gênero, sentido ou classe ocorridas no produto em relação à palavra-matriz.

Spencer (1998) propõe análises distintas para os fenômenos a que denomina morfologia subtrativa e truncamento (em inglês, *subtractive morphology* e *clipping*, respectivamente), uma vez que a primeira, de acordo com o autor, consiste no processo em que uma forma deriva de outra por meio do apagamento de material segmental, necessário para a expressão de uma nova categoria gramatical, enquanto, no segundo, o encurtamento apresenta relação com a morfologia avaliativa.

Apesar de tratar o encurtamento de nomes próprios como truncamento, assim como outros autores, Spencer (*op. cit.*) propõe a análise de formas truncadas em termos do ajuste da sequência de fonemas que compõem a palavra a um molde prosódico definido. Observe-se que o autor incorpora à sua proposta aspectos prosódicos, além de sinalizar a relação existente entre o processo de truncamento e a morfologia avaliativa, aproximando-se, assim, da perspectiva adotada nesta dissertação. Para maiores detalhes e exemplos, vide capítulo 4, seção 4.4, dedicada exclusivamente à morfologia subtrativa.

A seguir, será feito um contraponto entre o truncamento e os demais processos morfológicos do português que se caracterizam pelo encurtamento de uma base. Lá, fornecemos uma definição mais detalhada para o fenômeno e apresentamos os três padrões estruturais existentes na língua.

## CAPÍTULO 3 – TRUNCAMENTO

---

### 3.1. O fenômeno

O truncamento é um processo não-concatenativo de formação de palavras que consiste no encurtamento de uma base, ou seja, ao contrário do que ocorre na prefixação e na sufixação, é um processo que não se estrutura a partir da adjunção de afixos, mas da supressão de segmentos da palavra-matriz, por meio do acesso da morfologia a informações fonológicas, como sílaba, pé e palavra prosódica, segundo Gonçalves (2004). Para fim de exemplificação, podem-se citar as formas truncadas ‘nêura’ (‘neurose’), ‘expô’ (‘exposição’) e ‘gástro’ (‘gastroentorologista’).

Processo pouco estudado no âmbito da Gramática Tradicional, e mesmo dos manuais de morfologia, o truncamento é brevemente mencionado nas seções denominadas “outros tipos de formação de palavras” ou “tipos especiais de formação de palavras”, sob o nome de “abreviação” (cf. BECHARA, 2001; BASÍLIO, 2004 e SANDMANN, 1989) ou “braquissomia” (cf. MONTEIRO, 1987), por exemplo.

Sob o ponto de vista tradicionalista, por conseguinte, o truncamento é descrito de maneira breve e considerado um processo marginal de formação de palavras, uma vez que as análises tradicionais dos processos de formação de palavras, baseadas em princípios ou regras que atuam de maneira absoluta, não proporcionam uma descrição satisfatória do processo, que não é, necessariamente, resultado da supressão de afixos.

De acordo com Gonçalves (2004: 10-11), *o português é uma língua que se ajusta bem a uma descrição que isola entidades morfológicas, uma vez que a grande maioria das operações é, de fato, aglutinativa [...], de modo que há condições ótimas*

*para a isolabilidade de morfemas.* No entanto, há, segundo o autor, processos que são considerados marginais, por diferirem dos demais (composição, flexão e derivação), uma vez que não envolvem simples adjunção de afixos a bases.

A presente dissertação propõe, destarte, uma análise mais sistemática do fenômeno de truncamento, tomando-se como base expedientes morfoprosódicos, que não são levados em conta pela morfologia derivacional. Nas palavras de Spencer (1991), o truncamento é um dos processos que requerem acesso a informações prosódicas e resultam da união entre primitivos morfológicos (radical, afixo) e primitivos prosódicos (mora, pé). Outros processos dessa natureza são a reduplicação ('puxa-puxa', 'bate-bate'), a hipocorização ('Fátima' > 'Fafá', 'Felipe' > 'Lipe'), a mesclagem lexical ('chafé' – 'chá' + 'café', 'sacolé' – 'saco' + 'picolé') e a siglagem ('PT' – 'Partido dos Trabalhadores').

Dessa forma, o truncamento é um processo de encurtamento que se estrutura a partir do mapeamento melódico de uma forma de base, em que uma sequência da palavra-matriz é copiada e passa a funcionar como unidade lexical autônoma. Contudo, o fenômeno não apresenta função lexical, visto que não é empregado com o objetivo de nomear uma nova entidade. Ao contrário, é utilizado, em geral, como forma de expressão do pejorativo ('português' > 'portúga', 'analfabeto' > 'análfa') ou como meio de expressar a marca do falante sobre o enunciado ('beleza' > 'belê', 'prejuízo' > 'prejú').

De acordo com autores como Basílio (2004) e Gonçalves (2003), há quatro funções linguísticas passíveis de ocorrer nas operações morfológicas: (a) mudança categorial, (b) denominação (ou rotulação), (c) expressão de avaliação e (d) indexação do falante. Segundo Santos (2002), a função de mudança categorial não ocorre no

truncamento, por ser este um processo que visa a *reproduzir um sinônimo da palavra derivante*, ou seja, o termo truncado tem o mesmo valor semântico e a mesma especificação morfossintática da base (‘motorista’ > ‘motô’; ‘condição’ > ‘condí’). Ainda segundo o autor, o fenômeno também não apresenta a função de denominação ou rotulação, visto que o falante certamente não é motivado pela necessidade de rotular ou denominar *um item conceitual ou material existente no universo para o qual não haja denominação* (SANTOS, 2002: 49).

A pesquisa realizada por Santos (*op. cit.*) constata, portanto, que a função expressiva de avaliação (função discursiva) é a que mais se relaciona com o truncamento, pois *parece não haver dúvida de que o processo é movido por aspectos discursivo-pragmáticos e pela subjetividade do falante* (cf. SANTOS, 2002: 50), que se externa por meio da pejoratividade (‘japonês’ > ‘jápa’) e da afetividade (‘professor’ > ‘prófe’).

A função indexical, proposta por Gonçalves (2003), assinala a possibilidade de construções morfológicas veicularem informações sócio-culturais do falante ou de grupos de falantes. Segundo Santos (2002), o truncamento está relacionado à linguagem dos jovens e à de grupos que utilizam fala menos formal – o que permite a associação do fenômeno a aspectos sócio-culturais do falante.

Entretanto, uma vez que o objetivo desta dissertação é promover uma análise estrutural do truncamento, os aspectos ligados às funções expressiva de avaliação e indexical não serão contemplados na descrição ora empreendida.

Recente estudo acerca do comportamento de formas truncadas foi realizado por Vazquez (2008), porém no espanhol – língua em que o fenômeno se mostra bastante produtivo. Com base em 185 dados pertencentes à região da Espanha peninsular e

insular coletados em situações reais de uso – fala espontânea, crônicas, entrevistas, *chats*, reportagens, *blogs* – e diferentes meios, tais como internet, televisão, rádio e jornal, o autor propõe a existência de três grupos de palavras truncadas. Para tanto, foi utilizado como ferramenta o dicionário da Real Academia Española, em sua versão *online*, chamado *Diccionario de la Real Academia* (DRAE), com vistas a ratificar a existência dos truncamentos no espanhol.

No primeiro grupo descrito, encontram-se os seis truncamentos de bases complexas que constam, no DRAE, como entrada principal, ou seja, esse grupo abrange as formas truncadas que têm uso mais frequente na língua do que a própria base (‘kilogramo’ > ‘kilo’; ‘largometraje’ > ‘largo’), enquanto o segundo grupo engloba os 57 truncamentos de bases simples sufixadas reconhecidos pelo DRAE e cujo emprego oscila com o da palavra-matriz (‘catedrático’ > ‘cátedro’; ‘forajido’ > ‘foraja’).

O terceiro grupo, por sua vez, abarca os 121 casos de truncamento de bases simples que ainda não figuram no DRAE, embora muitos sejam frequentemente usados pelos falantes de espanhol (‘capitán’ > ‘capi’; ‘película’ > ‘peli’). A razão apontada por Vazquez (2008) para que as formas truncadas pertencentes a este último grupo não constem no DRAE é o fato de a frequência de uso desses truncamentos ainda não ser abrangente o suficiente para conferir-lhes autonomia lexical, apesar de muitos serem reconhecidos, sem dificuldade, pelos falantes.

Quanto aos resultados obtidos, a pesquisa de Vazquez (*op. cit.*) constitui análise cuidada do processo de truncamento na língua espanhola, com base em seis fatores, a saber: padrão silábico, tipo de corte, segmentos deletados, padrão acentual, categoria gramatical e terminação do truncamento.

Os resultados da pesquisa mostraram que, em relação ao padrão silábico, há predominância de formas truncadas dissilábicas (70%), embora também haja, no *corpus*, dados trissilábicos (26%). O número reduzido de construções polissilábicas (3%) e monossilábicas (1%), segundo o autor, pode ser explicado pelo fato de as primeiras contrariarem a natureza do fenômeno de truncamento, que pressupõe um encurtamento, e de as segundas comprometerem a fidelidade à base, em razão do maior número de segmentos apagados.

O tipo de corte, outro fator utilizado para a análise, revelou que predominam os apagamentos processados à direita da palavra-matriz (95%), apesar de haver casos de supressão na borda esquerda (4%) ou no interior da base (1%). A justificativa encontrada para o baixo percentual de formas em que o apagamento se dá à esquerda ou no interior da palavra de base é a dificuldade gerada, nesse caso, no rastreamento semântico do produto.

A proporção dos segmentos deletados ratificou o valor da relação de fidelidade entre palavra-matriz e truncamento, uma vez que o princípio de fidelidade rege o número de apagamentos, que não podem prejudicar a relação base-truncamento, isto é, não devem interferir na recuperação do conteúdo semântico. Nesse sentido, os resultados obtidos por Vazquez (2008) revelaram diferentes quantidades de sílabas apagadas, consoante o tamanho da base, tal como se segue: cinco sílabas (1%), quatro sílabas (7%), três sílabas (19%), duas sílabas (42%), uma sílaba (29%) e nenhuma sílaba (2%).

Quanto ao padrão acentual, os resultados mostraram que o processo de truncamento no espanhol mantém a tendência geral da língua, com predomínio de formas paroxítonas (96%), ainda que a base não o seja. Em relação à categoria

gramatical, outro fator pesquisado por Vazquez (2008), constatou-se que os substantivos (79%) são mais frequentes que os adjetivos (21%). Além disso, verificou-se também que a flexão de número é regida pelo padrão geral da língua, e que a especificação de gênero é comumente perdida, sendo recuperada somente pelo contexto.

Por fim, o último critério empregado pelo autor, a terminação do truncamento, revelou que, para o padrão dissilábico, embora se encontrem formas truncadas terminadas nas vogais -e (20%), -a (16%) e -u (3%), bem como em consoantes (6%), imperam as terminações com vogais as -o (27%) e -i (28%): ‘automóvil’ > ‘auto’; ‘gilipollas’ > ‘gili’. Para o padrão trissilábico, por sua vez, somente três elementos vocálicos aparecem na borda direita do truncamento, -a (61%), -o (35%) e -e (4%): ‘estupefacientes’ > ‘estupa’, por exemplo.

Com base nos seis fatores apresentados, portanto, Vazquez (*op. cit.*) conclui que truncamentos (a) tendem a ser dissilábicos ou trissilábicos, (b) mantêm a categoria gramatical da base, (c) possuem acentuação paroxítona, e (d) têm os segmentos apagados na margem direita da base e controlados pelo princípio de fidelidade.

Também Vilela, Godoy e Cristóforo Silva (2006) empreenderam recente estudo acerca das propriedades do fenômeno de truncamento, que, segundo as autoras, consiste em um processo do português do Brasil contemporâneo caracterizado por alterar a organização segmental de palavras preexistentes na língua, cuja atuação origina palavras que passam a co-ocorrer com a palavra-matriz.

A pesquisa realizada por Vilela, Godoy e Cristóforo Silva (*op. cit.*) revisa o ponto de vista da Gramática Tradicional em relação ao truncamento, com o objetivo de identificar os problemas que podem ser encontrados na descrição do processo, e discute

as abordagens dos manuais de morfologia, bem como as de Gonçalves (1999) e Araújo (2002), além de apresentar a caracterização do fenômeno por autores diversos.

No referido estudo, é feita a distinção entre truncamento e os processos de (a) abreviação, como ‘apê’, por exemplo, que consiste na representação ortográfica da abreviação de ‘apartamento’; (b) siglagem, processo considerado pelas autoras muito produtivo no português do Brasil e que pode ser exemplificado por ‘tevê’, leitura da sigla TV; e (c) redução vocabular, que, sob a perspectiva das autoras, caracteriza-se por um corte morfológico no limite da composição, tal como se observa em ‘fotografia’ > ‘foto’.

O método empregado na pesquisa baseou-se em apresentar alguns dados de truncamento a 59 alunos da Faculdade de Letras da UFMG, no ano de 2004, solicitando-se que, em seguida, os informantes realizassem o encurtamento de uma lista de dados do português brasileiro. O teste foi realizado por escrito, sob a orientação de que a sílaba tônica da forma truncada fosse indicada por meio de acentuação gráfica aguda.

As palavras selecionadas para o experimento foram colhidas pelas autoras no uso cotidiano dos falantes de Belo Horizonte, e reuniu-se, desse modo, um *corpus* de 150 palavras truncadas.

Com base em seis critérios tomados de Araújo (2002) e Gonçalves (1999), Vilela, Godoy e Cristóvão Silva (2006) propõem uma nova análise para o fenômeno de truncamento, tal como se segue. Quanto à vogal temática, os resultados mostraram que, dentre os 47 truncamentos dissilábicos, há 24 terminados na vogal -a, e 23 terminados em outras vogais, enquanto, para as formas truncadas trissilábicas, foi confirmada a generalização da vogal final -a.



Em relação ao local do corte, Vilela, Godoy e Cristófaros Silva (2006) discutem a afirmativa de Araújo (2002), segundo a qual o apagamento de segmentos dá-se pelo limite direito da palavra. As autoras verificaram que, apesar de, na maior parte dos dados, o corte ser efetuado pela borda direita, há formas truncadas pertencentes ao *corpus* que sofrem o encurtamento a partir da margem esquerda, tais como ‘paranoia’ > ‘nóia’ e ‘cachaça’ > ‘cháça’<sup>5</sup>. Vale ressaltar que, sob a perspectiva da presente dissertação, o apagamento de segmentos da margem esquerda justifica-se pelo fato de o apagamento a partir da borda direita acarretar a coincidência com palavras já existentes na língua: ‘paranoia’ > ‘para’ (verbo); ‘cachaça’ > ‘cácha’ [‘kaʃa] (caixa).

O número de sílabas da palavra truncada, também pesquisado pelas autoras, revelou que, embora Araújo (2002) considere o truncamento um fenômeno que gera formas predominantemente dissilábicas, há, no *corpus*, 42% de truncamentos trissilábicos – percentual bastante expressivo.

Os truncamentos monossilábicos, analisados individualmente, são atribuídos pelas autoras a nomes próprios, o que, sob o ponto de vista adotado nesta dissertação, não procede, uma vez que o encurtamento de antropônimos não constitui caso de truncamento, mas de hipocorização (cf. SILVA, 2008; LIMA, 2008; e GONÇALVES, 2004).

Outro fator selecionado para análise é o rastreamento, visto que Araújo (2002) vincula a legitimidade do truncamento ao fato de a palavra-matriz ser sempre rastreável. Nesse caso, o autor não reconhece a forma ‘deprê’ como um truncamento legítimo, por ser possível a sua correspondência a duas bases: ‘depressão’ e ‘deprimido(a)’. Vilela,

---

<sup>5</sup> Ao que tudo indica, esse caso de truncamento é característico da fala mineira. Na fala carioca, o truncamento de ‘cachaça’ é ‘cátia’, com alteração da consoante fricativa palatal para africada palatal. O uso dessa forma generalizou-se com uma música composta e interpretada pelo cantor Latino.

Godoy e Cristófaros Silva (2006: 163), contudo, refutam a proposta do autor e afirmam que *um truncamento que corresponde a mais de uma base será facilmente rastreável no contexto semântico-pragmático em que é proferido*.

Quanto ao acréscimo semântico, último fator pesquisado, Vilela, Godoy e Cristófaros Silva (*op. cit.*) defendem que as formas truncadas externam o ponto de vista ou avaliação do falante, tal como propõe Gonçalves (1999), porém não apenas com carga pejorativa, mas também jocosa, de zombaria, afetiva e familiar. Para entender melhor a natureza do fenômeno, traça-se, a seguir, o mapeamento de fronteiras entre o truncamento e outros processos de redução.

### **3.2. Mapeamento de fronteiras**

Por ser o truncamento um processo de formação de palavras que consiste na supressão de segmentos em relação à palavra-matriz, faz-se necessário, neste capítulo, diferenciá-lo de outros processos que também envolvem a perda de material fônico da base para o produto, a saber: derivação regressiva, abreviação e hipocorização. Logo, as sub-seções seguintes dedicam-se à delimitação de fronteiras entre tais fenômenos e o truncamento, com o objetivo de evidenciar as particularidades de cada processo e evitar os frequentes problemas encontrados na identificação dos mesmos.

### 3.2.1. Truncamento e derivação regressiva

A derivação regressiva é um processo de formação de palavras que, assim como o truncamento, envolve a perda de segmentos da base. Contudo, esses processos diferem-se em relação à porção suprimida.

Constituem casos de derivação regressiva os nomes em que a sequência apagada é interpretada como afixo e retirada com o objetivo de formar uma nova palavra, constituída apenas da (suposta) base e de uma vogal temática nominal. Esse é o caso da palavra-origem ‘sarampão’, por exemplo, a partir da qual se formou ‘sarampo’ devido à análise da sequência -ão como sufixo aumentativo.

Observe-se que a supressão do elemento tomado como sufixo envolve também a mudança de significado: ‘sarampo’ tornou-se o nome com que é conhecida a doença infantil, enquanto ‘sarampão’ passou a designar um ‘intenso ataque de sarampo’.

Também constitui caso de derivação regressiva a formação do vocábulo ‘gajo’, a partir da interpretação da sequência -ão como sufixo aumentativo em ‘gajão’, termo que, segundo Ferreira (1999), consiste em *título respeitoso de que usam os ciganos para com as pessoas de outros povos*. Nesse caso, bem como em ‘sarampo’, a formação da suposta base, após a supressão da sequência -ão, tomada como afixo para a expressão de grau, envolve mudança de significado, uma vez que ‘gajo’ designa, ainda segundo Ferreira (1999), *homem de maneiras brutalhadas; indivíduo ou sujeito qualquer*.

Vale ressaltar que Cunha (1996) indica a entrada de ‘sarampão’ na língua portuguesa, no século XVI, anterior ao ingresso de ‘sarampo’, que teria se dado em 1844. Quanto à relação entre ‘gajão’ e ‘gajo’, o dicionário atribui a mesma época de

entrada para as duas formas, 1899, porém com a ressalva de que a forma ‘gajo’ foi deduzida de ‘gajão’, constituindo-se, portanto, um caso de derivação regressiva.

Dessa forma, a derivação regressiva nominal deve ser diferenciada do processo inverso de derivação sufixal, pois envolve a supressão de uma sequência que não é um afixo, mas analisada como tal, e permite a formação de novas palavras. Nos casos em que há a operação inversa do processo de derivação sufixal, por sua vez, têm-se, pares como ‘livro’/‘livrão’ e ‘carro’/‘carrão’, em que a supressão de um sufixo real leva a bases já existentes na língua, apenas livres da expressão de grau.

O processo de truncamento, assim como a derivação regressiva, pressupõe a supressão de segmentos da palavra-matriz. Entretanto, a porção apagada, nesse caso, não é interpretada como afixo, uma vez que não apresenta as características necessárias para tanto (‘micro**computador**’ > ‘micro’; ‘falsif**icado**’ > ‘falsí’). Os princípios da Teoria da Otimalidade, que norteiam a análise do truncamento empreendida nesta dissertação, permitem a identificação de um conjunto de restrições de ordem prosódica, métrica, de molde, entre outras, que atuam na seleção da forma truncada.

O fato de o truncamento consistir em um processo de formação de palavras que envolve fatores morfoprosódicos, e não a mera retirada de sufixos ou de segmentos tomados como tal, apresenta-se como razão para que, de acordo com a morfologia derivacional, o processo seja considerado imprevisível ou assistemático. No entanto, o fenômeno mostra-se bastante regular se levada em conta a ocorrência de um mapeamento melódico baseado em expedientes morfoprosódicos que determinam a natureza do produto, conforme o será descrito mais adiante, com os instrumentos da Teoria da Otimalidade.

No que tange à questão semântica, o truncamento não envolve mudanças de significado, pois as formas truncadas mantêm o referente da palavra-matriz. Nesse caso, têm-se produtos que possuem o mesmo significado de suas bases, porém acrescidos de fatores tais como pejoratividade ou marca do falante sobre o enunciado:

(01)

‘Japonês’ > ‘jápa’

‘Analfabeto’ > ‘anáfa’

‘Motorista’ > ‘motô’

‘Prejuízo’ > ‘prejú’

A derivação regressiva, em contrapartida, atribui ao produto novo significado, assim como se observa em ‘sarampo’ e ‘gajo’, casos já mencionados nesta sub-seção. Tem-se, então, uma nova diferença entre os processos de truncamento e derivação regressiva nominal, visto que o primeiro mantém o significado da base, apenas acrescentando-a de aspectos como vínculo com a fala informal ou pejoratividade, enquanto o segundo promove mudança de significado relacionada à remoção do suposto sufixo para a formação de uma nova palavra.

Há, ainda, outra distinção entre truncamento e derivação regressiva, desta vez no âmbito da mudança de classe. Com base na análise do *corpus* constituído para esta pesquisa, pode-se afirmar que as palavras-matrizes são prioritariamente substantivas, dentre elas algumas que também podem exercer a função de adjetivos, assim como ‘analfabeto’ e ‘heterossexual’, por exemplo. As formas truncadas, em relação à classe, mantêm a categoria de suas bases, isto é, não se observam mudanças de classe após o

encurtamento. Destarte, têm-se formas truncadas que atuam como substantivo ou adjetivo, de acordo com a classe da palavra-matriz, que permanece inalterada no produto.

No que tange à derivação regressiva, observa-se que, no caso das formações de base nominal, não ocorre mudança de classe em relação à palavra-matriz, isto é, têm-se bases substantivas (cf. ‘sarampão’, ‘gajão’) e produtos também substantivos (cf. ‘sarampo’, ‘gajo’). Contudo, há uma diferença entre truncamento e derivação regressiva no sentido de que o primeiro não envolve mudança de classe, enquanto esta última pode resultar em uma nova categoria no caso das formações deverbais.

Processo bastante produtivo no português, a derivação regressiva deverbal forma nomes a partir de verbos, promovendo, assim, mudança de classe do produto em relação à base. Segundo Basílio (2004), tomando-se como base o tema verbal, tem-se, nas derivações regressivas, o acréscimo de sufixos como -e, -o ou -a para a formação de substantivos a partir de verbos: ‘atacar’ > ‘ataque’; ‘amparar’ > ‘amparo’; ‘entregar’ > ‘entrega’.

Dessa forma, além da supressão da marca de infinitivo, ocorre a afixação das vogais -a, -e ou -o, caracterizando-se a derivação regressiva deverbal como um processo de encurtamento e posterior afixação. Sob esse aspecto, a derivação regressiva deverbal assemelha-se ao truncamento, uma vez que este último pode ser formado por meio da afixação da vogal -a ou dos sufixos -eco e -ico após o encurtamento, tal como se observa nos exemplos a seguir<sup>6</sup>:

---

<sup>6</sup> As formações que envolvem afixação posterior ao encurtamento foram analisadas por Gonçalves e Vazquez (2005) e Gonçalves (2004). Por isso, não serão contempladas pela análise desenvolvida nesta dissertação.

(02)

‘Sargento’ > ‘sárja’

‘Japonês’ > ‘jápa’

‘Travesti’ > ‘travéco’

‘Militar’ > ‘milíco’

Vale ressaltar, no entanto, que a semelhança entre derivação regressiva deverbal e truncamento se restringe ao encurtamento seguido de afixação, pois não há mudança de classe da palavra-matriz para a forma truncada, tal como se observa nas construções deverbais, em que se formam substantivos a partir de verbos.

### 3.2.2. Truncamento e hipocorização

A hipocorização, assim como o truncamento, é um fenômeno que envolve diminuição no corpo fônico da palavra-matriz. Entretanto, há diferenças entre os dois processos que, segundo Gonçalves (2004), permitem defender a autonomia desses fenômenos, embora autores como Colina (1996) e Piñeros (2000) considerem a hipocorização um tipo de truncamento. Nesta sub-seção, portanto, adota-se a proposta de Gonçalves (2004) e apontam-se as principais diferenças entre truncamento e hipocorização, tomados como processos distintos.

A característica de bases e produtos pode ser utilizada como parâmetro para a distinção entre truncamento e hipocorização, pois, no primeiro, têm-se bases e produtos da classe dos substantivos próprios<sup>7</sup> (‘Belo Horizonte’ > ‘Belô’) ou comuns (‘beleza’ >

---

<sup>7</sup> Nesse caso, topônimos, pois os antropônimos encontram-se sob o domínio da hipocorização, conforme será exposto a seguir.

‘belê’), dentre os quais se encontram alguns que também podem exercer a função de adjetivos (cf. sub-seção 3.2.1). A hipocorização, por sua vez, pode ser considerada uma operação que tem como base somente antropônimos que, após o encurtamento, mantêm a sua categoria, tal como se observa nos dados em (03), a seguir:

(03)

‘Roberto’ > ‘Béto’

‘Alexandre’ > ‘Xânde’

‘Isabel’ > ‘Bél’

‘Fernando’ > ‘Nândo’

Quanto ao valor expressivo, tem-se nova diferença entre hipocorização e truncamento, visto que a primeira apresenta relação com a afetividade ou com o grau de intimidade existente entre o falante e a pessoa a que o antropônimo se refere. Hipocorísticos são, em geral, construções restritas ao âmbito familiar ou ao círculo de amigos do falante, nos quais se mostram adequados tratamentos como ‘Malu’ (‘Maria Lúcia’) ou ‘Edu’ (‘Eduardo’).

Valor diferente possui o truncamento, cujo emprego se relaciona com a expressão de pejoratividade (‘japonês’ > ‘jápa’) ou com a marca do locutor sobre o enunciado (‘refrigerante’ > ‘refri’) – fatores ligados a contextos informais, independente dos laços de afetividade existentes na relação entre falante e interlocutor.

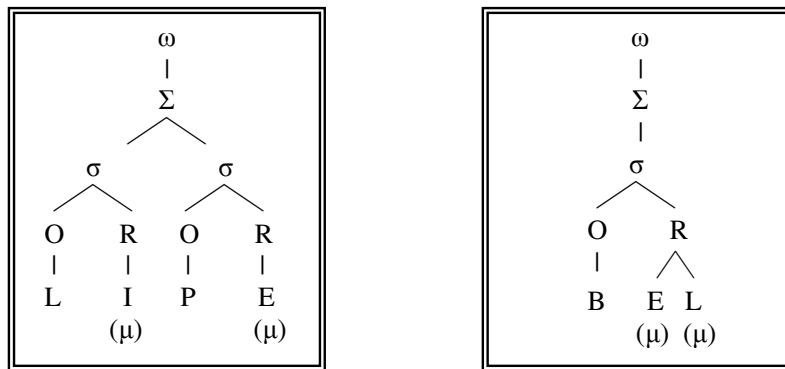
Truncamento e hipocorização distinguem-se também quanto à forma, pois, de acordo com Gonçalves (2004), os hipocorísticos, por se assemelharem à linguagem infantil, sujeitam-se a condições de boa-formação, isto é, nessas construções, as



estruturas silábicas de menor complexidade são privilegiadas. Dessa forma, a hipocorização em português tende a apresentar, por exemplo, sílabas abertas ('Augusto' > 'Gúto') e *onsets* não complexos ('Gertrudes' > 'Túde'), que se caracterizam por constituir estruturas menos complexas na língua.

Além disso, a hipocorização forma palavras mínimas na língua, não ultrapassando, por isso, o limite de duas sílabas. Assim, hipocorísticos são construções que possuem uma sílaba ('Bel', 'Quel') ou, no máximo, duas ('Lípe', 'Léne'). Segundo Gonçalves (2004), ocorre palavra mínima nos casos em que a palavra prosódica ( $\omega$ ) dominar um e somente um pé ( $\Sigma$ )<sup>8</sup>:

(04)



Legenda comum às duas representações:  $\sigma$  – sílaba; O – *onset*; R – rima;  $\mu$  – mora.

Nas representações em (04), têm-se um caso de dissílabo formado por sílabas leves (à esquerda) e de um monossílabo com rima ramificada (à direita), que constituem

<sup>8</sup> Segundo Nespôr & Vogel (1986), em termos de hierarquia prosódica, um agrupamento de duas sílabas forma um constituinte superior a que se dá o nome de *pé*. Quanto à proeminência, a sílaba acentuada de um pé pode ser a primeira, formando-se, nesse caso, uma estrutura trocaica, ou a segunda, responsável pela geração de estruturas iâmbicas. A palavra prosódica, constituinte imediatamente superior ao pé métrico na hierarquia prosódica, pode ser identificada pelo acento primário, pois cada palavra prosódica possui um, e somente um, acento principal. Por existirem palavras morfológicas que contêm mais de um acento, nem sempre há coincidência entre a palavra prosódica e a palavra morfológica. Em português, por exemplo, essa distinção é observada em compostos como 'guarda-chuva', que é uma palavra morfológica, mas duas palavras prosódicas, uma vez que possui dois acentos primários.

palavras mínimas em português. Como se pode observar, nos dissílabos com sílabas leves, as duas moras do troqueu<sup>9</sup> distribuem-se pelas duas sílabas, enquanto, no caso dos monossílabos com ramificação na rima, as moras localizam-se em uma única sílaba.

Pelo que foi exposto até então, pode-se dizer que a hipocorização, além de formar palavras mínimas na língua, está sujeita a condições de boa-formação que justificam diferenças encontradas entre antropônimo e hipocorístico, tais como a simplificação de *onsets* complexos ('Euclides' > 'Kíde') e a supressão de codas ('Roberto' > 'Beto'), com o objetivo de formar estruturas silábicas menos complexas, do tipo CV. Destarte, a hipocorização consiste em um processo que privilegia a marcação sobre a fidelidade, uma vez que a fidelidade à base pode ser sacrificada em favor de estruturas menos marcadas na língua.

O truncamento, por sua vez, é um fenômeno em que a fidelidade à palavra-matriz sobrepõe-se à marcação, pois, nesse caso, a margem esquerda da base é preservada na forma truncada, mesmo que, para tanto, condições de boa-formação, como a não complexidade no *onset* e a não-existência de codas, sejam desrespeitadas. Em outras palavras, no processo de truncamento, estruturas silábicas consideradas complexas no português são admitidas, não se observando restrições quanto ao preenchimento da posição de coda ('expô', 'gástro') ou à complexidade no *onset* ('refrí', 'rétro'), visto que a fidelidade à margem esquerda da palavra-matriz mostra-se prioritária em relação a qualquer restrição de marcação.

Cabe observar que, na coleta de dados para esta pesquisa, foram encontradas duas formas truncadas que não preservam a margem esquerda da base: (i) 'análise' (<

---

<sup>9</sup> Segundo Collischonn (2005), o troqueu moraico relaciona-se ao peso silábico, isto é, conta as moras (unidades de tempo de que se constituem as sílabas), da seguinte forma: cada duas moras formam um pé, com cabeça à esquerda. Dessa forma, sílabas leves não formam um pé, por possuírem uma única mora, e sílabas pesadas formam sozinhas um pé, visto que possuem ramificação na rima e, por conseguinte, contam duas moras.

‘psicanálise’), que, se mantivesse a fidelidade à porção esquerda da palavra-matriz, teria como produto a forma ‘psíco’, já empregada como truncamento de ‘psicologia’; e (ii) ‘net’ (< ‘internet’), construção que também não preserva a fidelidade à margem esquerda de sua base – o que resultaria no truncamento ‘ínter’, amplamente empregado como encurtamento de ‘Internacional’, clube de futebol do Rio Grande do Sul fundado em 1909 e, portanto, já existente à época da chegada da internet ao Brasil.

Assim, as formas truncadas supracitadas deixam de atender a exigência de fidelidade à margem esquerda da palavra-matriz, essencial no processo, para evitar que surjam truncamentos coincidentes com outras formas encurtadas já existentes na língua.

Em relação à formação de palavras mínimas, o truncamento também apresenta comportamento distinto da hipocorização, pois, enquanto esta última não ultrapassa o limite de duas sílabas, conforme já mencionado nesta seção, o truncamento não forma necessariamente palavras mínimas. Os dados a seguir mostram que truncamentos podem apresentar mais de duas sílabas, ou seja, expandirem-se para além de um pé:

(05)

‘Bicí’ (bicicleta)

‘Saláfra’ (salafrário)

‘Belê’ (beleza)

‘Madrúga’ (madrugada)

‘Retrô’ (retrospectiva)

‘Elétro’ (eletrocardiograma)

‘Deprê’ (depressão)

‘Hemáto’ (hematologista)

‘Bijú’ (bijuteria)

‘Pedágo’ (pedagogia)

Em (05), as formas truncadas da coluna à esquerda são palavras mínimas em português, por serem dissílabas e constituídas de um único pé iâmbico, isto é, em todos os exemplos, têm-se vocábulos formados por duas sílabas abertas, nas quais cada núcleo contribui com uma mora para a formação do pé, que, nesse caso, é iâmbico devido à proeminência à direita. Porém, os dados da coluna à direita revelam que o truncamento não forma necessariamente palavras mínimas, visto que são admitidos trissílabos, ou seja, palavras que possuem um pé formado à direita e uma sílaba “desgarrada”, fora do domínio desse pé – condição que sofreria restrições na formação de um hipocorístico.

Existe, ainda, outra diferença entre truncamento e hipocorização, desta feita no âmbito da afixação. De acordo com o discutido na sub-seção 3.2.1, destinada à distinção entre derivação regressiva e truncamento, este último é um processo que pode se realizar por meio da afixação da vogal -a após o encurtamento (‘Barcelona’ > ‘Bárça’, ‘português’ > ‘portúga’). Hipocorísticos, por sua vez, não são passíveis da afixação de qualquer vogal depois de processado o encurtamento que gera palavras mínimas.

Face às peculiaridades discutidas nesta seção, a presente pesquisa toma hipocorização e truncamento como fenômenos distintos, pois as diferenças encontradas entre ambos mostram-se suficientes para a conclusão de que se trata de dois processos que, embora envolvam o encurtamento da palavra-matriz, possuem cada qual suas particularidades.

### **3.2.3. Truncamento e abreviação**

Esta seção visa a estabelecer diferenças entre os fenômenos de truncamento e abreviação, pois, embora autores como Basílio (2004), Carone (2004) e Sandmann

(1989) considerem encurtamentos diversos como abreviações, na presente dissertação, para que se trate de truncamento, é necessário atender a certas condições formais que não se aplicam à abreviação. Por esse motivo, faz-se mister delimitar os dois processos e esclarecer de que modo a abreviação é entendida sob o ponto de vista adotado nesta pesquisa.

O primeiro fator que pode ser utilizado para separar abreviação de truncamento consiste em uma característica deste último que já foi apontada na sub-seção 3.2.2: a preservação da margem esquerda da palavra-matriz. Palavras truncadas mantêm-se fiéis à margem esquerda de suas bases, isto é, no fenômeno de truncamento, a relação de fidelidade entre forma truncada e palavra-matriz sobrepõe-se à necessidade de submeter o produto a condições de boa-formação, uma vez que a fidelidade à porção esquerda da base é priorizada sobre a emergência de estruturas não-marcadas na língua (cf. sub-seção 3.2.2).

Entende-se por margem esquerda a sequência composta pelas duas primeiras sílabas da palavra-matriz, com exceção feita às formas truncadas compostas por radicais e prefixos monossilábicos, que, por preservarem, integralmente, os morfemas situados mais à esquerda de suas bases, representam, por si, a fidelidade à base. Nesse sentido, a abreviação distingue-se do truncamento por consistir em uma operação que não apresenta compromisso com a preservação da margem esquerda da palavra-origem, visto que, embora algumas formas mantenham-na em parte ('avenida' > 'av'; 'senador' > 'sen'; 'professor' > 'prof'), há um grande número de dados que revelam a não-fidelidade à porção esquerda da base:

(06)

‘Praça’ > ‘pça’

‘Campo’ > ‘cpo’

‘General’ > ‘gal’

‘Excelentíssimo’ > ‘exmo’

‘Senhor’ > ‘sr’

‘Apartamento’ > ‘apto’

‘Loja’ > ‘lj’

‘Comandante’ > ‘comte’

‘Banco’ > ‘bco’

‘Coronel’ > ‘cel’

‘Santa’ > ‘sta’

‘Folha’ > ‘fl’

Dessa forma, o apagamento de segmentos que integram a margem esquerda da palavra-matriz pode ser empregado como parâmetro para a diferenciação entre abreviação e truncamento, uma vez que este último, por consistir em um fenômeno que privilegia a fidelidade à base, tem como característica a preservação da porção esquerda, que é mantida integralmente na forma truncada, mas não necessariamente em abreviações.

Outra diferença que pode ser apontada entre abreviação e truncamento é o fato de a primeira formar, inúmeras vezes, sequências cuja ordenação de letras<sup>10</sup> não corresponde a estruturas silábicas aceitáveis em português. Dito de outra maneira,

---

<sup>10</sup> Falamos em letras, nesse caso, porque acreditamos que a abreviação é um típico fenômeno da língua escrita.

formas abreviadas não raro são constituídas de sequências fônicas que não podem compor sílaba em português, tais como ‘cpo’, ‘sr’, ‘pl’ e ‘bco’ – o que torna o processo de abreviação mais restrito à escrita, por resultar em uma série de configurações que não podem ser pronunciadas como palavras da língua<sup>11</sup>.

Truncamentos, em contrapartida, são sempre constituídos de sequências de sons que se conformam ao padrão silábico do português – característica que lhes é conferida pela preservação da margem esquerda da palavra-matriz. Assim, não há formas truncadas que se tornem impronunciáveis por não corresponderem a construções entendidas pelo falante como palavras da língua. A partir de então, pode-se afirmar que o truncamento não se apresenta como um fenômeno restrito à modalidade escrita, uma vez que não há qualquer impedimento à pronúncia de formas truncadas, cujas estruturas atendem aos padrões silábicos do português e podem, por essa razão, ser expressas em ambas modalidades, o que não parece acontecer com as abreviações.

Em relação ao uso, também se estabelece, neste estudo, uma distinção entre abreviação e truncamento, visto que este pode ser empregado com o intuito de expressar pejoratividade, imprimir a marca do falante sobre o enunciado ou indicar informalidade (cf. 3.2.1). Desse modo, pode-se dizer que o falante, ao optar por formas truncadas, visa, em geral, à expressão de um aspecto não veiculado pelo emprego da palavra-matriz.

A abreviação, por sua vez, não apresenta relação com os fatores supracitados, pois a escolha do falante, nesse caso, parece estar condicionada à economia de tempo ou de espaço na escrita, uma vez que grande número de formas abreviadas tem seu emprego restrito a essa modalidade (‘pl’ e ‘bco’, por exemplo), embora algumas

---

<sup>11</sup> Nesse caso, a forma abreviada ‘prof.’ constitui exceção, uma vez que a epêntese vocálica na posição final tem como resultado ‘prófi’ [ˈprɔ.fi] – construção que se mostra adequada ao padrão silábico do português e, em consequência disso, pode ser pronunciada como uma palavra da língua, tal como se observa em dados de fala espontânea. Contudo, não considero a forma ‘prófi’ um dado de truncamento em virtude de não se ajustar aos padrões identificados para a análise do fenômeno.

construções possuam estrutura silábica compatível com os padrões do português, assim como ‘gal’ – o que permite a análise e a pronúncia das mesmas como palavras da língua. Além disso, vale lembrar o caso da abreviação ‘prof’, em que a epêntese vocálica adapta a forma ao padrão silábico do português, segundo o qual a posição de travamento silábico não é licenciada às consoantes fricativas labiais<sup>12</sup>.

Em suma, pode-se dizer que, ao valerem-se de abreviações, os falantes objetivam somente encurtar formas de modo a promover a adaptação da palavra que se deseja utilizar a condições de tempo e/ou espaço limitadas, visto que não se verifica a expressão de conteúdos tais como pejoratividade, marca do falante sobre o enunciado e índice de informalidade no uso de construções abreviadas.

### 3.3. Padrões de truncamento analisados

Esta seção tem como objetivo explicitar os dois tipos de truncamento que serão analisados na presente dissertação, antes de proceder-se à análise segundo as restrições relevantes em cada um dos padrões. Em Gonçalves e Vazquez (2005), o *corpus* recolhido para análise revelou que as construções truncadas podem ser distribuídas em padrões distintos de formação, de acordo com as características estruturais observadas.

O primeiro desses padrões (a) é constituído de estruturas que tendem a preservar o radical da palavra e recebem uma vogal específica de truncamento (-a), nem sempre presente na palavra-matriz: ‘japonês’ > ‘jápa’; ‘delegado’ > ‘deléga’; ‘neurose’ > ‘nêura’. O segundo padrão (b) abrange os dados cujo encurtamento é realizado de modo

---

<sup>12</sup> Vale lembrar que, de acordo com Cristóvão Silva (2002), que retoma a proposta de Camara Jr. (1970), há somente quatro consoantes pós-vocálicas, isto é, aquelas que podem ocupar a posição final de sílaba: o arquifonema /S/, o “R forte”, /l/ e o arquifonema /N/. No dialeto carioca, têm-se como exemplos ‘mas’, ‘faz’, ‘flor’, ‘portal’, ‘banda’ e ‘compra’.



que sejam preservados todos os segmentos que compõem a margem esquerda da base, até o segundo núcleo silábico, dispensando-se a afixação de uma vogal preestabelecida de truncamento ('prejuízo' > 'prejú'; 'refrigerante' > 'refrí'; 'bijuteria' > 'bijú'). O terceiro (c), por sua vez, agrupa os truncamentos que se formam por meio da preservação integral do morfema situado mais à esquerda das suas palavras-matrizes ('fonoaudiologia' > 'fôno'; 'quilograma' > 'quílo'; 'hematologista' > 'hemáto').

O comportamento das formas truncadas distribuídas nos grupos de afinidade estrutural (b) e (c) constituem o objeto de estudo desta pesquisa. Para tanto, esses dois padrões serão tomados individualmente, uma vez que suas diferenças estruturais pressupõem, em princípio, hierarquias de restritores distintas.

Os truncamentos que constituem o grupo (a) não terão seu comportamento descrito neste estudo por terem sido analisados em Gonçalves e Vazquez (2005) e Gonçalves (2004). Em etapa posterior da pesquisa, pretende-se unificar a análise otimalista de truncamentos, de modo a dar conta dos três padrões por meio de uma hierarquia única. Esta dissertação é, portanto, ponto de partida para um futuro trabalho de doutoramento. No próximo capítulo, apresentamos o quadro teórico no qual a pesquisa se apoia e discutimos o tratamento dispensado à chamada morfologia subtrativa.

## CAPÍTULO 4 – INSTRUMENTAL TEÓRICO

---

### 4.1. Teoria da Otimalidade

A Teoria da Otimalidade, doravante OT (do inglês, *Optimality Theory*), visa a responder questões que dizem respeito à relação existente entre *input* (forma subjacente) e *output* (forma de superfície), bem como à atuação do *ranking* de restrições relevantes na língua em análise. Dessa forma, os objetivos da OT são determinar **de que modo** um dado *input* é emparelhado com o *output* correto, além de identificar **as razões** pelas quais algumas restrições são violadas e as condições que favorecem tais violações, ainda que as restrições em questão sejam satisfeitas pela maior parte dos dados.

No âmbito da OT, nem todas as restrições são necessariamente satisfeitas por um *output*, pois, frequentemente, a forma escolhida como ótima viola alguma restrição, que, normalmente, é dominada por outras na hierarquia estabelecida. Assim, um *output* pode não ser estruturalmente perfeito e, ainda assim, vir à superfície, desde que seja superior aos outros candidatos frente ao *ranking* de restrições relevantes na língua e/ou no processo estudado. Observe-se que, em vez de regras aplicadas categoricamente, a análise otimalista pressupõe uma hierarquia de restrições que determina o candidato ótimo por meio da noção de “graus de satisfação”, que pode implicar a violação de uma restrição mais baixa na hierarquia para garantir a satisfação de outras que estejam em posições mais elevadas.

A inovação proposta pela OT visa, portanto, a minimizar a rigidez das análises baseadas em regras, possibilitando resultados mais abrangentes, uma vez que, de acordo com esse modelo, os princípios da gramática podem ser violados, sem que sejam

gerados resultados agramaticais. Em outras palavras, segundo Costa (2001: 28), *um candidato que viole uma dada restrição pode ser gramatical, desde que as violações dos outros candidatos sejam piores de acordo com a hierarquia definida para a língua.*

Deve-se salientar, no entanto, que, embora sejam permitidas, as violações devem ser mínimas, visto que *a proposta feita neste modelo [OT] prevê que determinada regra ou princípio possa ser violada, apenas se a sua violação permitir satisfazer outra regra ou princípio* (COSTA, 2001: 13). Assim, se todos os candidatos apresentados violarem restrições, vencerá aquele que obtiver as infrações menos graves.

Os princípios arquiteturais que regem a OT são quatro e podem ser definidos, segundo Sherrard (1997), do seguinte modo:

- (a) ‘Universalidade’, que prevê a existência de restrições em todas as línguas, por refletirem tendências universais;
- (b) ‘Violabilidade’ e ‘Hierarquização’, segundo as quais restrições – que devem estar ordenadas hierarquicamente – são violáveis, devendo o grau de violação, contudo, ser mínimo. Dessa forma, violações são toleradas, desde que permitam atender às exigências de restrições em posição mais elevada no *ranking* proposto;
- (c) ‘Inclusividade’, que determina a avaliação, em conjunto, dos possíveis *outputs* pela hierarquia de restrições previamente estabelecidas; e
- (d) ‘Paralelismo’, princípio que prevê o confronto entre o conjunto de candidatos a *output* e o conjunto de restrições da hierarquia, permitindo, dessa forma, a seleção do *output* ótimo por meio da melhor satisfação à hierarquia, sem qualquer tipo de serialismo.

Seguindo tais princípios, a análise é elaborada da seguinte maneira, de acordo com Prince & Smolensky (1993): GEN (do inglês, *generator*) é um mecanismo gerador cuja tarefa é gerar diversas expressões linguísticas consideradas potenciais *outputs* (denominados teoricamente “candidatos”) para o *input* a ser analisado (no caso, a própria palavra derivante), ou seja, a cada *input* (forma subjacente) deve ser associado um conjunto de formas candidatas a *output* (forma de superfície). Em seguida, o mecanismo EVAL (do inglês, *evaluator*) associa os *outputs* gerados por GEN ao *input* e elimina os que não são aceitáveis frente ao conjunto de restrições hierarquizadas.

No caso do truncamento, objeto desta dissertação, as formas truncadas candidatas são avaliadas pelo *ranking* de restrições previamente estabelecidas e hierarquizadas, conforme a sua relevância na língua em questão, que procederão à avaliação desses candidatos. O *output* correto, isto é, a forma que emergirá como truncamento de determinada base, será o candidato que melhor satisfizer a hierarquia de restrições responsáveis pela avaliação. O processo de avaliação, na OT, é apresentado sob a forma de uma tabela especialmente projetada para tanto, denominada *tableau*, que pode ser exemplificada hipoteticamente de acordo com o que se segue:

(01)

<i>Input</i>	Restrição A	Restrição B
Candidato 1    ↗		*
Candidato 2	* !	

A disposição das restrições no *tableau* reflete, da esquerda para a direita, a relação de dominância na hierarquia, ou seja, a primeira restrição do *ranking*, à esquerda, apresenta-se como prioritária, cuja violação é crucial. A seguir, as demais restrições são dispostas de acordo com a sua relevância na língua e/ou no fenômeno estudado.

O símbolo ( $\ominus$ ) é utilizado para indicar o candidato ótimo. O asterisco (\*) e o ponto de exclamação (!) marcam, respectivamente, as violações cometidas pelos candidatos e aquela que, dentre as violações cometidas, foi a responsável pela eliminação de cada candidato. As áreas hachuradas indicam as restrições que já não apresentam relevância na avaliação dos candidatos, uma vez que infrações a restrições mais elevadas na hierarquia foram cometidas anteriormente.

No *tableau* em (01), o candidato 1, embora não seja estruturalmente perfeito, pois viola uma das restrições da hierarquia, é selecionado como ótimo porque o concorrente infringe a restrição A, mais elevada no *ranking*. Nesse caso, o contraste com o desempenho do concorrente, que viola a restrição dominante, é o fator determinante para a seleção da forma 1, não o número de infrações.

No âmbito da OT, *outputs* tendem a ser gerados pelo conflito entre restrições de marcação e de fidelidade (cf. KAGER, 1999). As primeiras estão ligadas às condições de boa-formação da língua e conduzem à seleção de *outputs* menos marcados, enquanto as últimas, por sua vez, militam contra qualquer tipo de mudança, com o objetivo de preservar ao máximo a identidade entre *input* e *output*. Assim, de acordo com Gonçalves (2005: 78), *restrições de marcação se voltam apenas para os candidatos a output, enquanto as de fidelidade focalizam a relação entre inputs e outputs, proibindo inserções e apagamentos, por exemplo.*

Nesse sentido, as restrições de marcação constituem exigências estruturais que atuam sobre o *output* e bloqueiam candidatos que não atendam aos padrões de boa-formação da língua. Tem-se, então, uma família de restritores de marcação, dentre os quais se podem citar, por exemplo, (i) sílabas devem ser abertas (NO-CODA), (ii) sílabas devem ter ataque (ONSET) e (iii) sílabas não podem apresentar ramificações em seus constituintes (\*COMPLEX).

As restrições de fidelidade, em contrapartida, determinam o mapeamento entre as formas de *input* e *output*, exigindo a identidade entre essas duas representações. Em Prince & Smolensky (1993), as relações de fidelidade são representadas, entre outras, pelas restrições MAX I-O e DEP I-O, que impõem identidade entre *input* e candidatos a *output*, de acordo com as definições a seguir:

- (iv) MAX I-O (maximalidade do *input* no *output*) exige que cada elemento do *input* tenha um correspondente no *output*, ou seja, milita contra apagamentos do primeiro para o segundo.
- (v) DEP I-O (dependência do *output* em relação ao *input*) determina que cada elemento do *output* tenha um correspondente no *input*, isto é, são vetadas as epênteses.

Destarte, uma infração a MAX implicará a perda de um elemento do *input*, enquanto a violação de DEP, por sua vez, levará à inserção de um segmento no *output*. Por serem restrições de fidelidade, sempre que MAX e DEP são dominantes na hierarquia, haverá identidade entre *input* e *output*. Por outro lado, nos casos em que as restrições estruturais dominarem as restrições de fidelidade, ocorrerá o que McCarthy & Prince (1994) denominam “Emergência do Não-Marcado”, pois serão selecionados *outputs* menos marcados, os quais revelam padrões considerados mais básicos na língua.

Em suma, a não-identidade entre *input* e *output* deve-se à necessidade de serem preservados padrões estruturais da língua.

Para encerrar esta seção, observe-se que as restrições, na OT, representam tendências, e não leis absolutas – daí a possibilidade de uma ou mais violações não levarem a resultados agramaticais. Regras e restrições diferenciam-se pelo fato de as primeiras serem ligadas às línguas de modo particular, enquanto as segundas são universais e podem ser aplicadas a qualquer língua, de acordo com a sua relevância no fenômeno estudado. Desse modo, o modelo teórico prevê que as gramáticas de todas as línguas têm como base o mesmo conjunto de restrições universais, sendo as distinções entre as gramáticas individuais devidas à ordem em que essas restrições apresentam-se em cada língua.

#### **4.2. Teoria da Correspondência**

Em McCarthy & Prince (1993), a noção de correspondência foi introduzida na OT como uma relação de identidade entre base e reduplicante. No entanto, em McCarthy & Prince (1995), os autores propõem a generalização dessa noção de correspondência, estendendo-a a outros domínios tais como *output-output* e *input-output*.

A motivação para a extensão da noção de correspondência teve origem no estudo do processo de reduplicação, em que os autores, McCarthy & Prince (1995), constataram a reduzida possibilidade de ser atendida uma das restrições atuantes no processo, RED = Base (o reduplicante deve ser igual à base). Assim, dados como ‘Dedé’ (André) e ‘Cacá’ (Carlos), nos quais o reduplicante reproduz apenas uma parte da base, contrariam a relação de identidade entre base e reduplicante proposta pela OT

Clássica, uma vez que tal relação é atendida somente em casos de reduplicação total, como ‘puxa-puxa’ e ‘quebra-quebra’, havendo, somente nestes últimos casos, a perfeita correspondência entre a palavra-matriz e o reduplicante.

Dessa forma, a Teoria da Correspondência, desenvolvida com base nos princípios básicos da OT, amplia a noção de identidade, visto que, sob essa nova perspectiva, elementos correspondentes não precisam ser idênticos, pois a identidade é regulada, nesse caso, por restrições de fidelidade. Em termos de restrições, tem-se que, quando as restrições de fidelidade são dominadas por outras na hierarquia proposta, a identidade entre a base e o reduplicante é sacrificada. Em contrapartida, se as mesmas restrições de fidelidade forem dominantes, base e reduplicante serão idênticos.

De acordo com Gonçalves (2005: 84), a extensão da noção de fidelidade torna possível a distinção entre operações morfológicas e processos fonológicos, pois a morfologia, *se, por um lado, acessa informações prosódicas e se sujeita a pressões fonotáticas, por outro, manifesta um conteúdo e, por isso mesmo, formas subjacentes nunca podem ser exatamente idênticas às de superfície*. Por essa razão, ainda segundo o autor, a identidade nas operações morfológicas não deve ser checada entre uma única forma de *input* e uma de *output*, mas entre *inputs* (base e morfema) e *outputs*, ou, ainda, entre formas de *outputs* (base e produto de processos morfológicos).

No processo de truncamento, objeto desta dissertação, verifica-se que, de fato, formas subjacentes não podem ser exatamente idênticas às de superfície nas operações morfológicas, pois, em geral, o encurtamento está associado à expressão de um conteúdo. Os dados ‘análfá’ e ‘belê’, por exemplo, diferem de suas bases, ‘analfabeto’ e ‘beleza’, por veicularem um conteúdo inexistente nestas últimas: em ‘análfá’, o conteúdo a ser expresso é a pejoratividade, ao passo que, em ‘belê’, esse conteúdo está



vinculado à fala informal. Destarte, pode-se dizer que a redução necessária à formação do truncamento está ligada à chamada função discursiva dos processos de formação de palavras, nos termos de Basílio (2004), por veicular um conteúdo expressivo.

Com base no que foi exposto nesta seção, constata-se que a Teoria da Correspondência é mais adequada para a análise de operações morfológicas, uma vez que amplia a noção de identidade, constituindo-se um modelo que opera com a noção de fidelidade entre representações linguísticas de níveis variados. A definição de correspondência, formulada por McCarthy & Prince (1995), prevê uma relação entre camadas, de acordo com o que se segue:

(02) Dadas duas camadas,  $S_1$  e  $S_2$ , correspondência é uma relação  $R$  dos elementos de  $S_1$  para os elementos de  $S_2$ . Segmentos  $\alpha$  (um elemento de  $S_1$ ) e  $\beta$  (um elemento de  $S_2$ ) são considerados correspondentes um do outro quando  $\alpha R \beta$ .

De acordo com a definição em (02),  $S_1$  e  $S_2$  são variáveis que podem ser substituídas por  $I$  (*input*),  $O$  (*output*) ou por outros domínios que exijam a identidade entre formas. Desse modo, nas palavras de Gonçalves (2005: 84),  $S_1$  *pode ser interpretado genericamente como uma base (B) sobre a qual atuam processos como a reduplicação, o truncamento e a hipocorização. Nesses casos,  $S_2$  pode ser o reduplicante (R), a palavra truncada (T) ou o hipocorístico (H).*

A seguir, serão definidas algumas famílias de restrições que atuam sobre elementos correspondentes. Essas restrições envolvem as representações  $S_1$  e  $S_2$ , que partem das relações entre *input* e *output* (I-O), mas podem ser estendidas a relações do

tipo *output-output*, tais como a identidade base-reduplicante (B-R) e base-truncamento (B-T):

(03) MAX:  $S_2$  deve estar maximamente contida em  $S_1$  (não deve haver apagamentos).

(04) DEP:  $S_1$  deve estar maximamente contida em  $S_2$  (não deve haver inserções).

(05) LIN (LINearidade): a sequência linear dos elementos de  $S_2$  deve ser idêntica à dos seus correspondentes em  $S_1$  (não pode haver inversão de segmentos).

(06) IDENT-T (IDENTidade de traços): segmentos correspondentes possuem o mesmo valor para o traço T, ou seja, não são permitidas permutas de traços de  $S_1$  para  $S_2$ .

O processo de truncamento envolve, portanto, a dimensão B-T (base-truncamento), cujas relações de correspondência se concretizam, por exemplo, por meio da restrição de fidelidade MAX B-T (maximalidade da base no truncamento), que veta apagamentos. Nesse caso, por ser o truncamento um processo que envolve perdas segmentais obrigatórias, uma vez que se trata de um processo de encurtamento<sup>13</sup>, a restrição MAX B-T será sistematicamente violada, devendo, por isso, estar dominada na hierarquia. Dessa forma, conforme já mencionado nesta seção, a identidade entre a base e o truncamento é sacrificada em favor de outras restrições prioritárias.

Na próxima seção, traça-se um panorama mais completo acerca da relação entre correspondência e truncamento, tomando-se como base o trabalho de Benua (1995).

---

<sup>13</sup> De acordo com Benua (1995), esta afirmação não pode ser considerada inteiramente verdadeira, pois, em japonês, nomes constituídos de bases monomoraicas devem alongar-se para formar truncamentos. Entretanto, com exceção desses raros casos, o truncamento morfológico exige a perda de material da base, ou, em termos de restrições, violações a MAX B-T.

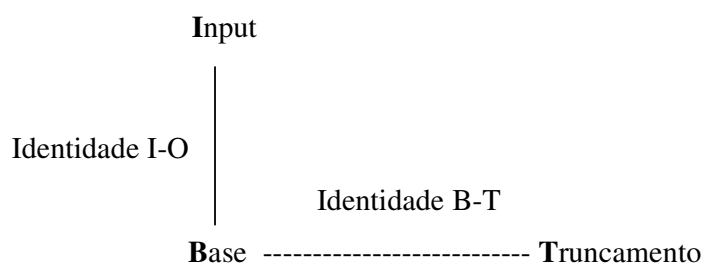
### 4.3. Teoria da Correspondência aplicada ao processo de truncamento

A proposta de extensão da Teoria da Correspondência ao processo de truncamento cabe a Benua (1995). Vale ressaltar, no entanto, que, sob a perspectiva da autora, hipocorização e truncamento constituem um único processo, ou seja, não há distinção entre a operação de encurtamento realizada em antropônimos e nos demais nomes. Nesta dissertação, contudo, reitero a proposta de Gonçalves (2004; 2006), segundo a qual o encurtamento dos antropônimos vincula-se ao processo de hipocorização, restringindo-se o truncamento à redução dos demais nomes. Cabe observar, ainda, que a distinção ora feita entre hipocorização e truncamento não impede a aplicação dos instrumentos da Teoria da Correspondência, uma vez que o encurtamento constitui característica de ambos processos.

Benua (1995) propõe que a Teoria da Correspondência, cujo enfoque inicial é a relação de fidelidade entre a base e sua contraparte reduplicada, propicia uma descrição mais satisfatória das relações de identidade envolvidas no processo de truncamento, pois é um modelo teórico que opera com *rankings* de restrições – o que, segundo a autora, fornece meios para a análise da *aparentemente arbitrária interação entre a morfologia truncatória e a fonologia* (*op. cit.*: 8).

Dessa forma, o modelo aplicável à análise do truncamento proposto pela autora se aproxima da proposta formulada em McCarthy & Prince (1995) para o estudo da reduplicação. Nesse caso, entende-se que, se os dois processos, por um lado, se afastam, uma vez que o primeiro encurta palavras, enquanto o segundo alonga-as, por outro lado, se aproximam, no sentido de que não envolvem afixação de segmentos.

A proposta consiste em tomar o truncamento como um processo que envolve duas relações de correspondência: uma relação *input*-base e uma correspondência *output-output* entre base e forma truncada. Para fins de análise, nas palavras de Benua (1995), *a relação output-output será chamada correspondência B-T (da base para o truncamento), e as restrições de fidelidade que regulam a identidade dos outputs correspondentes serão chamadas restrições de identidade B-T (op. cit.: 5-6), de acordo com o esquema a seguir:*



Sob a perspectiva da autora, portanto, a base do truncamento deve ser um *output* porque, assim como os reduplicantes, *palavras truncadas podem refletir propriedades de superfície de suas bases (op. cit.: 6)*. Assim, o *input* é mapeado pela relação I-O, e a correspondência B-T relaciona a base à forma truncada, sendo as restrições de identidade B-T que relacionam os dois *outputs* responsáveis pelos efeitos de identidade entre a base e o truncamento.

Observe-se que a proposta não prevê relação de correspondência entre o *input* e a forma truncada (*output*) – o que serve de indício para a maior fidelidade ao *input* estar vinculada à base, e não à palavra truncada. Nos termos de Benua (1995: 6), *não haverá casos em que a base sofra epêntese, apagamento ou outra falta de fidelidade em relação ao input que não seja observada também na palavra truncada correspondente.*

Quanto à correspondência B-T, a morfologia truncatória requer violação de MAX (restrição que veta apagamentos), e qualquer proposta a ser aplicada ao processo deve levar em conta a perda de material da base – salvo os casos de nomes monomoraicos em japonês, já mencionados em forma de nota na seção anterior. Assim, a posição em que MAX B-T aparece na hierarquia revela-nos peculiaridades tanto acerca do processo de truncamento quanto acerca da língua em estudo: nos casos em que tal restrição não é dominada por restrições prosódicas, a preservação da fidelidade entre palavra-matriz e palavra truncada mostra-se mais importante do que ajustar esta última a padrões fonológicos regulares; em contrapartida, quando MAX B-T é dominada por restrições de ordem prosódica, a fidelidade entre base e forma truncada será sacrificada para que sejam atendidas as exigências prosódicas prioritárias.

#### **4.4. Morfologia subtrativa**

De acordo com Spencer (1998: 140), um *fenômeno muito difícil de ser analisado em termos de adição de afixos é a morfologia subtrativa, em que uma forma é derivada de outra forma por meio do apagamento de material*. Como exemplos, o autor aponta os nomes de agentes em russo derivados de nomes latinos que indicam ciência ou profissão: *biologija* (biologia) e *biolog* (biólogo); *agronomija* (agronomia) e *agronom* (agrônomo). Dressler *apud* Spencer (1998) afirma que não há justificativa para supor que a derivação ocorre no sentido contrário, ocorrendo a sufixação; entretanto, a sequência deletada nos exemplos apresentados, *-ija*, possui característica de sufixo – o que caracterizaria o processo de derivação regressiva (cf. capítulo 3).

Ainda sob a perspectiva de Spencer (1998), o truncamento é um processo relacionado à morfologia subtrativa e muito empregado na morfologia avaliativa, consistindo na formação de diminutivos de nomes próprios: *Michael* > *Mike*; *Patricia* > *Trish*. Observe-se que, assim como Benua (1995), o autor trata o encurtamento de antropônimos como truncamento, isto é, não reconhece a distinção proposta nesta dissertação entre os processos de hipocorização e truncamento (cf. capítulo 3).

Kurusu (2002), por sua vez, defende que truncamento e morfologia subtrativa constituem processos distintos, apontando, para tanto, duas diferenças formais entre eles. Uma das diferenças apresentadas pelo autor diz respeito à função morfossintática, no sentido de que a morfologia subtrativa é gramaticalizada, estando a sua ocorrência (ou não) relacionada a propriedades morfossintáticas. Dessa forma, têm-se casos de morfologia subtrativa quando a perda de segmentos da base for necessária para a expressão de gênero, por exemplo, tal como se observa na formação de alguns adjetivos masculinos em francês, a partir do apagamento de segmentos finais das formas femininas (cf. MATTHEWS, 1998): *blanche* (feminino), *blanc* (masculino); *longue* (feminino), *long* (masculino). Destarte, segundo Kurisu (*op. cit.*), a ausência da morfologia subtrativa nos casos em que ela se fizer necessária pode gerar problemas na comunicação.

Em contrapartida, o truncamento, ainda sob a perspectiva de Kurisu (2002), não é associado a qualquer função morfossintática. Nesse caso, o autor propõe a existência de morfemas não-gramaticalizados que exercem influência na morfologia e apresentam um importante papel na análise do truncamento, visto que, no processo, não há a atuação de propriedades morfossintáticas. Tais morfemas são por ele denominados *morfemas sociolinguísticos*, representados por  $\tau$ , independente do seu significado

sociolinguístico, e não possuem conteúdo fonológico subjacente. Dessa forma, o truncamento pode ser analisado como *uma estratégia particular para expressar a presença do morfema  $\tau$  na superfície* (Kurusu, 2002: 126). A proposta do morfema sociolinguístico  $\tau$  remonta a autores tais como Bagemihl (1989), Tateishi (1989), Itô, Kitagawa e Mester (1996), e Sanders (2000), para os quais alguns processos que não são gramaticalizados no sistema linguístico apresentam comportamento fonológico regular e produtivo, não raro correspondente ao de variadas operações morfológicas gramaticalizadas.

Observe-se que a proposta de Kurisu (2002) permite a associação da redução que caracteriza o truncamento à função discursiva dos processos de formação de palavras, instituída por Basílio (2004) e já mencionada neste capítulo, por veicular um valor expressivo – nesse caso, um conteúdo sociolinguístico.

Kurusu (2002) propõe, ainda, uma segunda diferença entre morfologia subtrativa e truncamento, desta vez em relação à porção deletada e ao produto. Sob a perspectiva do autor, indiferentemente a fatores fonológicos, a sequência apagada é constante na morfologia subtrativa, isto é, uma vez que o processo apresenta relação com propriedades morfossintáticas, determinados morfemas são deletados para a expressão de uma nova categoria.

No processo de truncamento, contudo, a parte prosodicamente constante é o resíduo do apagamento, ou seja, o produto. Tal afirmativa pode ser comprovada por meio da análise de formas truncadas que constituem o *corpus* desta dissertação e atendem a condições que fazem limitações quanto ao tamanho – condições essas que bloqueiam formas polissílabas e permitem a emergência daquelas que respeitem o limite imposto, tornando-se os produtos, dessa forma, constantes prosodicamente. Em termos

de Teoria da Otimalidade, as restrições ANAL- $\sigma$  (análise sílabas) e TD PÉ (D) (todo pé à direita) são responsáveis pela eliminação de candidatos que ultrapassem o molde prosódico, isto é, a limitação de três sílabas<sup>14</sup>.

De modo semelhante, Horwood (2001) afirma que o processo de truncamento envolve *o mapeamento de um constituinte morfológico de acordo com um (menor) molde prosódico, resultando na perda de segmentos (op. cit.: 1)*, enquanto as operações de morfologia subtrativa são responsáveis pela formação de uma unidade gramatical a partir da periferia direita ou esquerda de uma unidade morfológica, que pode ser uma raiz ou uma palavra morfológica.

Assim, tal como Kurisu (2002), Horwood (2001) propõe que o truncamento envolve “variações na palavra”, diferindo-se das operações de morfologia subtrativa pelo fato de estas últimas assinalarem modificações semânticas ou categoriais em relação à palavra-matriz.

Observe-se que as propostas de ambos autores, apesar de divergirem em determinados pontos, aproximam-se no sentido de não identificar função morfossintática no processo de truncamento, uma vez que não há mudança de categoria da base para a forma truncada, restringindo-se a mudança à expressão de um conteúdo sociolinguístico presente no truncamento, mas ausente na palavra-matriz.

Quanto à estrutura, Kurisu (2002) e Horwood (2001) propõem que a formação do truncamento envolve um mapeamento melódico que mantém constante o resíduo do

---

<sup>14</sup> ANAL- $\sigma$  é uma restrição de licenciamento prosódico que exige a integração da sílaba a uma categoria que lhe seja superior na hierarquia prosódica: o pé. A violação ocorre quando o candidato apresentar sílabas não integradas a pés, conforme ocorre em pa(ré.de) e ca(mí.sa). TD PÉ (D), por sua vez, é uma restrição prosódica que atua sobre as categorias palavra prosódica e pé. A exigência feita por esse restritor é o alinhamento de pés à direita do *output*, ou seja, haverá infração sempre que um candidato possuir mais de três sílabas, pois, desse modo, será formado um segundo pé alinhado à margem esquerda da base.



apagamento. Em outras palavras, os produtos são prosodicamente constantes devido à existência de um molde prosódico gerado por determinadas condições de formação.

No próximo capítulo, as condições de formação para o truncamento no português do Brasil serão detectadas por meio de *rankings* construídos segundo os princípios da Teoria da Correspondência. Tais *rankings* são compostos por restrições prosódicas e de alinhamento, dentre outras, que permitem, em conjunto com as restrições de fidelidade, a identificação dos padrões que regulam a formação do truncamento.

## CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DO PADRÃO ‘REFRÍ’

---

### 5.1. Metodologia

O *corpus* utilizado nesta pesquisa foi, em grande parte, coletado por Gonçalves e Vazquez (2005) e conta, hoje, com 113 formações, dentre as quais algumas foram acrescentadas nos períodos de iniciação científica e curso de Mestrado que culminaram na presente dissertação. As fontes que serviram de base para a recolha de dados realizada por Gonçalves e Vazquez (2005) foram jornais de grande circulação nacional, como *O Globo* e *Jornal do Brasil*, sobretudo nas seções esportivas ou destinadas ao público jovem, que tendem a utilizar uma variante menos formal da língua; dicionários eletrônicos, como o “Aurélio”; além de dados produzidos em diversas situações de fala espontânea.

Os autores supracitados identificaram, após a coleta de dados, três padrões estruturais de formação para o truncamento (cf. capítulo 3), entre os quais se encontram os dois padrões analisados na presente dissertação, aqui retomados: (a) construções oxítonas cujo encurtamento é realizado de modo que sejam preservados todos os segmentos que compõem a margem esquerda de suas bases, até o segundo núcleo silábico, tal como se observa em ‘prejuízo’ > ‘prejú’; e (b) formas truncadas que preservam integralmente o morfema situado mais à esquerda de suas bases, a exemplo de ‘hematologista’ > ‘hemáto’.

Selecionados os grupos de afinidade estrutural a ser analisados nesta dissertação, procedeu-se à elaboração de testes que validassem os resultados da pesquisa. Esses testes abarcaram, em conjunto, os dois padrões e foram divididos em três etapas: na

primeira, apresentou-se uma lista de palavras truncadas para que o informante respondesse qual o significado delas, com o objetivo de observar se conseguiam recuperar a forma plena. Na segunda etapa, foram indicados vocábulos passíveis de truncamento, para que o informante procedesse ao encurtamento, com o intuito de determinar a estratégia utilizada pelos falantes ao encurtar bases. Na terceira e última etapa, foram apresentados uma forma de base e diversos truncamentos possíveis, com o objetivo de constatar se a palavra truncada presente no *corpus* era realmente a mais empregada pelos falantes.

Em todos os testes, foram utilizadas também formas encurtadas aparentemente inexistentes ('ventí' e 'térmo', por exemplo) e bases para as quais não foi encontrado truncamento conhecido, como 'particular' e 'hermografia'. O objetivo era, nessas situações, verificar se os informantes associariam as formas truncadas fornecidas a uma palavra-matriz possível, bem como detectar a estratégia que seria empregada ao encurtar as bases que não possuem truncamento conhecido. No anexo II, encontra-se um exemplar dos testes aplicados.

Os dezesseis informantes que responderam o questionário foram distribuídos em quatro faixas etárias – 8 a 13 anos, 14 a 19 anos, 20 a 35 anos e mais de 35 anos – e enquadravam-se nos níveis de escolaridade 1ª a 4ª séries (primeiro segmento do ensino fundamental), 5ª a 8ª séries (segundo segmento do ensino fundamental) e ensino médio. Por haver, entre os informantes, crianças de 8 a 13 anos, foram desconsiderados universitários e os que possuíam nível superior de escolaridade, com o objetivo de evitar disparidades nos resultados obtidos. Quanto ao sexo, foram selecionados, para cada faixa etária, dois informantes do sexo masculino e dois do sexo feminino. A tabela a seguir ilustra a distribuição dos informantes.

(01)

	SEXO		IDADE				ESCOLARIDADE		
	Fem	Masc	8 a 13	14 a 19	20 a 35	+ de 35	1ª a 4ª	5ª a 8ª	Ensino Médio
<b>Inf. 1</b>	X				X				X
<b>Inf. 2</b>		X				X			X
<b>Inf. 3</b>	X		X					X	
<b>Inf. 4</b>		X	X					X	
<b>Inf. 5</b>	X			X				X	
<b>Inf. 6</b>	X				X				X
<b>Inf. 7</b>		X			X				X
<b>Inf. 8</b>	X		X					X	
<b>Inf. 9</b>	X			X					X
<b>Inf. 10</b>		X				X			X
<b>Inf. 11</b>		X			X				X
<b>Inf. 12</b>	X					X		X	
<b>Inf. 13</b>	X					X			X
<b>Inf. 14</b>		X	X					X	
<b>Inf. 15</b>		X		X					X
<b>Inf. 16</b>		X		X					X

Os resultados do teste 1 revelam que os informantes, em geral, conseguiram associar os truncamentos fornecidos a bases do português<sup>15</sup>. Dentre as formas truncadas que compõem o *corpus* da pesquisa, o percentual encontrado para a identificação das bases pelo informante varia de 60 a 90 %, observando-se as maiores divergências nos casos em que o informante associa o truncamento não à forma esperada, mas a outra que lhe seja mais familiar. Esse é o caso dos truncamentos propostos ‘elétro’ e ‘vídeo’, cujas

<sup>15</sup> Com exceção da forma truncada ‘expô’, cuja base, ‘exposição’, não foi rastreada por três informantes das faixas etárias mais baixas (8 a 13 e 14 a 19 anos). Os referidos informantes atribuíram a forma truncada à suposta base ‘épo’ [‘e].po] – o que sinaliza a possibilidade de os falantes mais jovens não interpretarem-na como encurtamento de ‘exposição’, mas como base para composições do tipo ‘expo-noivas’, ‘expo-bebês’ e ‘expo-gestantes’, por exemplo. Vale observar, no entanto, que há diferença acentual entre a forma truncada pertencente ao *corpus*, ‘expô’, e a suposta base para composição ‘épo’, uma vez que o encurtamento de ‘exposição’ produz uma forma que, isolada, é oxítone, porém tem sua tonicidade deslocada para a primeira sílaba, em que se verifica a abertura da primeira vogal, ao ser empregada em recomposições.

palavras-matrizes correspondem, no *corpus*, a ‘eletrocardiograma’ e ‘videocassete’, mas foram vinculados por muitos informantes às bases ‘eletrodoméstico’ e ‘videogame’, respectivamente.

Quanto às formas truncadas criadas para integrar o teste 1, os informantes não tiveram dificuldade em associá-las a palavras do português.

Em relação ao teste 2, o percentual de encurtamentos produzidos pelos informantes que resultaram nas formas presentes no *corpus* variou entre 20 e 90%, e a maioria dos casos em que a forma atestada não corresponde à encontrada no *corpus* deve-se à não identificação da fronteira dos morfemas nas amostras do padrão que preserva o morfema situado na margem esquerda da base. Destarte, há, entre os resultados, formas como ‘néoli’ por ‘néo’ (< ‘neoliberal’) e ‘hêma’ por ‘hemáto’ (< ‘hematologista’), sobretudo no que tange aos informantes mais jovens.

Não houve divergência relevante entre os resultados obtidos para os truncamentos gerados quando da composição dos testes e os que integram o *corpus*, pois os informantes dispensaram-nos tratamento semelhante.

O teste 3, por sua vez, revela que, entre as alternativas apresentadas aos informantes, a taxa de opção pela forma truncada pertencente ao *corpus* varia de 40 a 70%. Nesse caso, também a maior parte das situações em que o informante não optou pela forma presente no *corpus* pode ser justificada com base na não identificação das fronteiras de morfemas, uma vez que foram atestadas formas tais como ‘retroprô’ por ‘rétro’ (< ‘retroprojeter’) e ‘ófta’ por ‘oftálmo’ (< ‘oftalmologista’), no que se refere ao padrão que preserva o morfema que compõe a margem esquerda da base<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> Consta, no *corpus* inicial, o truncamento ‘alô’, cuja palavra-matriz é ‘alojamento’. Contudo, os informantes foram unânimes em apontar, no teste 3, a forma encurtada ‘alója’, cuja estrutura não se mostra adequada ao padrão ‘refri’, foco do presente capítulo, tal como será exposto nas seções seguintes. Por ser ‘alô’ uma forma opaca em relação à base, homônima a uma outra já existente na língua e, ao que

Assim como nos testes anteriores, este último não revelou divergência relevante entre os pares base-truncamento pertencentes ao *corpus* e aqueles criados para a composição dos testes, pois os informantes conferiram-nos semelhante tratamento em relação ao encurtamento processado.

## 5.2. Descrição geral do padrão

As formas descritas e analisadas neste capítulo não se formam com a afixação da vogal -a, tal como o padrão descrito por Gonçalves e Vazquez (2005) e por Gonçalves (2009), cujos produtos apresentam, por exemplo, o formato ‘portúga’ (‘português’) ou ‘céerva’ (‘cerveja’). Vale ressaltar que as formas aqui analisadas (‘refrí’, ‘bijú’) foram descritas por Belchor (2005), porém, na presente dissertação, adota-se novo ponto de vista em relação ao referido artigo – o que permite uma análise mais refinada do padrão em voga.

O presente capítulo destina-se, pois, à análise de truncamentos que têm como bases palavras cujo número de sílabas varia de três (‘beleza’) a cinco (‘falsificado’) e cuja acentuação pode ser proparoxítona, oxítona ou paroxítona, com predominância desta última. Em termos percentuais, uma vez que se encontram, no *corpus*, vinte formas truncadas pertencentes ao padrão, 55% das bases são paroxítonas (onze dados); 30%, oxítonas (seis dados); e 15%, proparoxítonas (três dados).

Quanto aos produtos, têm-se truncamentos oxítonos e dissilábicos, que revelam o processo de formação do padrão. Devido ao compromisso que o fenômeno apresenta com a preservação da margem esquerda da palavra-matriz, o apagamento de segmentos

---

parece, de uso restrito, os informantes optaram por ‘alója’. Por isso, descartamos o dado ‘alô’ do *corpus* e acrescentamos ‘alója’ ao grupo que se forma por meio da afixação da vogal -a, assumindo que a formação de ‘alojamento’ > ‘alója’ segue o padrão de ‘delegado’ > ‘deléga’.

processa-se a partir da margem direita e prossegue até a segunda sílaba da base. Nesse ponto, ocorre a formação de um pé iâmbico do tipo [(be.'le)], em que os parênteses indicam fronteiras de pé; e os colchetes, fronteiras de palavra fonológica:

(02)

[(mo.'to)] < ‘motorista’

[(vi.'su)] < ‘visual’

[(bi.'ci)] < ‘bicicleta’

[(de.'pre)] < ‘depressão’

[(pre.'ju)] < ‘prejuízo’

[(Gua.'ru)] < ‘Guarujá’

[(qui.'ti)] < ‘quitinete’

[(pro.'vi)] < ‘(morro da) Providência’

De modo geral, os truncamentos pertencentes ao padrão ora descrito constituem-se das duas primeiras sílabas da palavra-matriz, na íntegra. A única exceção encontrada no *corpus* é ‘retrô’ (< ‘retrospectiva’), em que a segunda sílaba sofre o apagamento do constituinte coda, aqui representado pelo arquifonema /S/. Esse comportamento pode ser explicado pela condição de boa-formação do português que favorece sílabas abertas, isto é, que não possuam coda, pois, embora o truncamento seja um fenômeno que prioriza a fidelidade à base sobre a marcação, não há impedimento quanto à atuação desta última em algum momento do processo<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> Também seria possível considerar tal forma resultante do padrão de encurtamento de bases morfológicamente complexas. Nesse caso, ‘retro’ constitui elemento morfológico isolável (base presa), mas, para diferenciar essa formação de ‘rétro’ (truncamento de ‘retroprojeter’), desloca-se o acento para a sílaba seguinte, criando-se uma oposição entre ‘rétro’ e ‘retrô’.

Em contrapartida, há, no *corpus*, dados em que a coda, desta feita na primeira sílaba (‘expô’, ‘condí’ e ‘falsí’), é mantida em favor da fidelidade à base, uma vez que o apagamento desse constituinte interferiria de maneira decisiva não somente na fidelidade da forma truncada em relação à palavra-matriz, mas também no rastreamento semântico, visto que ‘epô’, por exemplo, dificilmente seria identificado como encurtamento de ‘exposição’. Observe-se que a manutenção da coda nesses três exemplos, em oposição ao apagamento processado em ‘retrô’, ratifica a característica do fenômeno quanto à preservação da margem esquerda da base.

Nos pés iâmbicos, as moras distribuem-se de modo que a cabeça (elemento proeminente) posicione-se à direita, gerando, no caso de produtos dissilábicos, formas oxítonas do tipo (. \*). Segundo Tesar (1997), as estruturas métricas são regidas, nas línguas naturais, por exigências quanto à formação dos pés. Tomando-se, por exemplo, uma sequência de três sílabas em que a tonicidade recai sobre a sílaba medial,  $[\sigma \ ' \sigma \sigma]$ , a organização dos pés pode ocorrer de duas formas, a saber: (a) nas línguas que priorizam pés iâmbicos, formar-se-á um pé alinhado à margem esquerda,  $[(\sigma \ ' \sigma) \sigma]$ , e, por outro lado, (b) nas línguas que priorizam pés trocaicos, formar-se-á um pé alinhado à margem direita –  $[\sigma \ (' \sigma \sigma)]$  –, ou seja, para que a exigência quanto à formação dos pés seja atendida, a distribuição das sílabas e o alinhamento dos pés variam de uma língua para outra.

Por ser o padrão de truncamento analisado neste capítulo dissilábico e oxítono, há evidências de que atue, no processo de formação, uma restrição que exija a formação de pés iâmbicos, tal como se pode observar nos dados em (02); entretanto, esta, bem como as demais restrições atuantes no processo serão descritas a seguir, nas próximas seções, de acordo com os princípios da Teoria da Otimalidade.



### 5.3. Restrições atuantes no padrão

Esta seção destina-se a detalhar, no âmbito da Teoria da Otimalidade, as restrições atuantes na formação dos truncamentos do tipo ‘refrí’<sup>18</sup>, porquanto, de acordo com os pressupostos teóricos apresentados no capítulo 4, a Teoria da Otimalidade pode ser caracterizada, em linhas gerais, por privilegiar restrições sobre regras na formação de palavras.

O levantamento das restrições atuantes no processo analisado – no caso, o truncamento – é realizado com base no exame do *corpus*, pois, segundo os princípios otimalistas, são os dados que permitem a identificação das restrições relevantes no processo pesquisado, ou seja, os próprios dados indicam as restrições atuantes e, por conseguinte, responsáveis pelo veto de determinadas estruturas.

As formas truncadas pertencentes ao padrão analisado neste capítulo caracterizam-se pela acentuação oxítona e por serem dissilábicas (cf. seção 5.2). Desse modo, constata-se que atuam, no padrão, restrições responsáveis por exigências quanto ao número de sílabas e à acentuação. Tais restrições são: TODO PÉ À DIREITA (TD PÉ D) e IAMBO<sup>19</sup>.

(03)

**TD PÉ (D)**<sup>20</sup> – TODO PÉ À DIREITA – é uma restrição fundamentada em McCarthy & Prince (1993) e empregada por autores como Piñeros (2000) e Gonçalves e Vazquez (2005) na análise do truncamento no espanhol e no

<sup>18</sup> Para verificação dos dados que se enquadram no padrão em voga, conferir anexo I.

<sup>19</sup> No modelo teórico, restrições são representadas em caixa alta.

<sup>20</sup> Há duas possibilidades para a restrição TD PÉ – à direita ou à esquerda. No entanto, como, no português, pés tendem a ser formados o mais próximo possível da borda direita da palavra, entendemos que a versão TD PÉ (D) mostra-se mais adequada à análise do fenômeno.

português, respectivamente. Por definição, TD PÉ (D) é uma restrição de alinhamento que exige o posicionamento de todo pé na margem direita da palavra prosódica. Dessa forma, ocorre violação nos casos em que um candidato a *output* possuir mais de três sílabas, pois se formará um segundo pé alinhado à margem esquerda, tal como em [(**bi.ju**).te.'ri] – truncamento possível para a base ‘bijuteria’.

(04)

**IAMBO** é uma restrição métrica que determina o posicionamento da cabeça do pé (sílabas dominante) à direita. Violações a essa restrição ocorrem em candidatos como [(‘vi.su)] < ‘visual’, por exemplo, em que a cabeça do pé encontra-se à esquerda, e não à direita, tal como prevê IAMBO.

Observe-se que TD PÉ (D) e IAMBO, definidas em (03) e (04), revelam características marcantes do padrão de truncamento analisado neste capítulo: formas dissilábicas, constituídas, portanto, de um único pé; e oxítonas, pois, o posicionamento do pé iâmbico à margem direita do *output* resulta em formas truncadas de acentuação oxítona (cf. dados em 02).

Contudo, há, ainda, uma característica fundamental na formação do truncamento que não pode ser justificada com base na atuação de TD PÉ (D) e IAMBO: a preservação da margem esquerda da palavra-matriz. Assim, faz-se necessária a incorporação de um restritor que determine a preservação da borda esquerda da base: ANCOR (T, E).

(05)

**ANCOR (T, E)** – ANCORAGEM DO TRUNCAMENTO À ESQUERDA – é uma restrição proposta por McCarthy & Prince (1995) e utilizada por Piñeros (2000) e Benua (1995) na análise do truncamento no espanhol e da hipocorização em japonês, respectivamente. Trata-se de uma restrição de alinhamento que atua sobre categorias morfológicas e milita contra apagamentos e epênteses na borda esquerda da base, para que haja correspondência entre os segmentos que compõem a margem esquerda da palavra-matriz e aqueles que compõem a margem esquerda da forma truncada. Ocorrerá violação em formas como [('fri.ge).('ran.te)] (< 'refrigerante'), em que houve apagamento dos dois segmentos iniciais da palavra-matriz.

As três restrições até então apresentadas permitem a identificação das principais características dos truncamentos pertencentes ao aqui chamado “padrão refr”: estruturas compostas de duas sílabas, acentuação oxítona e preservação da margem esquerda da base. Dessa forma, TD PÉ (D), ANCOR (T, E) e IAMBO são as restrições mais importantes no processo e, conseqüentemente, invioláveis, uma vez que a infração a qualquer desses restritores implica a descaracterização do padrão.

Em termos otimalistas, as três restrições em voga ocupam as primeiras posições do *ranking*, são invioláveis e, portanto, responsáveis pela eliminação sumária de candidatos a *output*. Por estar relacionadas às características mais marcantes do padrão de truncamento ora analisado, tais restrições atuam em conjunto, isto é, não se apresentam hierarquizadas, como proposto no *ranking* parcial a seguir:

(06)

TD PÉ (D), ANCOR (T, E), IAMBO<sup>21</sup>

Para completar o *ranking*, é necessária nova restrição quanto ao número de sílabas, visto que as formas truncadas pertencentes ao padrão ‘refrí’ são, conforme discutido ao longo desta seção, dissilábicas. A primeira restrição que compõe o *ranking* bloqueia truncamentos extensos, porém há casos em que se verifica o número de três sílabas para um candidato, constituindo-se a primeira destas em uma sílaba leve, tal como se observa em [re.(‘fri.ge)].

Note-se que, na forma [re.(‘fri.ge)], possível truncamento para a base ‘refrigerante’, há três sílabas, mas a primeira destas, por ser leve, não forma um pé. Assim, tal candidato não seria eliminado por TD PÉ (D), embora não seja dissilábico, tal como prevê o padrão, uma vez que não há formação de um segundo pé à esquerda – daí a necessidade de uma nova restrição que vise a bloquear formas truncadas trissilábicas. A restrição selecionada para compor a hierarquia e permitir a emergência somente de truncamentos dissílabos é ANALISE SÍLABAS.

(07)

**ANAL-σ**, ANALISE SÍLABAS, é uma restrição de licenciamento prosódico que exige a integração da sílaba a uma categoria que lhe seja superior na hierarquia prosódica – no caso, o pé. Destarte, ocorrerá violação nos casos em que o candidato apresentar sílabas não integradas a pés, assim como [re.(‘fri.ge)],

---

<sup>21</sup> Na representação dos *rankings*, restrições não-hierarquizadas são separadas por vírgulas. Quando há relação de dominância, é utilizado o símbolo (>>) para separá-las, da seguinte forma: restrição dominante >> restrição dominada. Nos *tableaux*, a relação de dominância é representada por linhas cheias entre as restrições, enquanto linhas pontilhadas separam as restrições que se apresentam não-hierarquizadas.

anteriormente citado. Tal restrição, formulada por McCarthy e Prince (1994), foi empregada por Benua (1995) e Piñeros (2000) na análise de hipocorísticos japoneses e truncamentos no espanhol, respectivamente.

Após a incorporação de ANAL- $\sigma$ , tem-se novo *ranking*, desta feita acrescido de uma restrição que elimine formas truncadas trissilábicas admitidas por TD PÉ (D):

(08)

TD PÉ (D), ANCOR (T, E), IAMBO >> ANAL- $\sigma$

ANAL- $\sigma$  é uma restrição que pode ser, de acordo com os princípios da Teoria da Otimalidade, minimamente violada, uma vez que a sua presença no *ranking* visa a bloquear formas não eliminadas por TD PÉ (D), e não a garantir a estrutura silábica característica do padrão – daí a sua condição de restrição dominada pelas três primeiras que compõem a hierarquia. De modo geral, a Teoria da Otimalidade prevê que restrições minimamente violáveis podem ser infringidas, desde que um candidato concorrente viole uma restrição de mesmo status, ou seja, o candidato que violar uma restrição minimamente violável pode prosseguir na análise, caso um concorrente infrinja uma restrição de mesmo *status*.

As duas últimas restrições a compor o *ranking* estabelecido para a análise do padrão ‘refrí’ são UNIQUENESS e MAXIMALIDADE DA BASE NO TRUNCAMENTO. A primeira é uma restrição de bloqueio homofônico, baseada em Piñeros (2000) e empregada por Silva (2008) na análise de hipocorísticos no português, que pode ser definida nos seguintes termos:

(09)

**UNIQUENESS** (UNIQ) promove o bloqueio de determinada forma linguística caso haja, na língua, outra forma com configuração fonológica idêntica.

Violações a UNIQUENESS ocorrerão, portanto, quando as formas truncadas remeterem a palavras já existentes na língua, tal como se observa em [(‘con.di)], possível truncamento para a base ‘condição’, que não se apresenta como candidato ótimo devido à acentuação paroxítona (violação de IAMBO), bem como à coincidência em forma fonológica com a palavra ‘conde’.

UNIQUENESS, no *ranking* ora proposto, é uma restrição minimamente violável, assim como ANAL- $\sigma$ , visto que a sua presença na hierarquia não tem como objetivo assegurar as peculiaridades do padrão, mas evitar a emergência de formas truncadas coincidentes com palavras preexistentes na língua. Dessa forma, a violação a UNIQ pode ser admitida para determinado candidato, caso um concorrente tenha violado ANAL- $\sigma$  ou as restrições mais altas.

Vale ressaltar que UNIQUENESS, embora ocupe uma das posições mais baixas no *ranking*, é uma restrição que se faz necessária, visto que, por ser o truncamento um processo de formação de palavras, é imprescindível que os produtos constituam formas novas na língua. Assim, a motivação para a presença de UNIQUENESS na hierarquia está ligada à possibilidade de, para certos candidatos, o apagamento de alguns segmentos resultar em palavras já existentes no léxico, tal como o truncamento possível [(‘con.di)], anteriormente citado.

A última restrição a integrar o *ranking* estabelecido para a análise do padrão ‘refri’ é MAXIMALIDADE DA BASE NO TRUNCAMENTO, cuja função consiste

em controlar os apagamentos segmentais processados na formação das formas truncadas. Esse restritor, doravante MAX B-T, foi aplicado à análise dos truncamentos em espanhol por Piñeros (2000) e pode ser definido da maneira a seguir:

(10)

**MAX B-T** é uma restrição de fidelidade base-truncamento, segundo a qual todo segmento da base deve ter um correspondente na forma truncada.

Observe-se que, de acordo com a definição fornecida, qualquer truncamento envolve infração a MAX B-T, por se tratar de processo que consiste no encurtamento de formas. Por essa razão, MAX B-T, devido à sua condição de restrição sistematicamente violada, ocupa a posição mais baixa do *ranking*.

Cumprir destacar, no entanto, que MAX B-T, embora sistematicamente violada, deve constar no *ranking* para que seja assegurada a fidelidade à base, consoante o número de segmentos apagados. Dessa forma, dentre os candidatos [(vi.'su)] e [(vis)], por exemplo, ambos para a palavra-matriz 'visual', o primeiro emerge como candidato ótimo em virtude do maior número de segmentos apagados no segundo. Nesse caso, MAX B-T desempenha papel decisivo na análise, uma vez que os candidatos citados não infringem qualquer das restrições anteriores, cabendo a esta, portanto, a seleção do candidato ótimo.

A partir da incorporação de MAX B-T, tem-se o *ranking* completo e definitivo para a análise do padrão 'refrí' de truncamento:

(11)

**TD PÉ (D), ANCOR (T, E), IAMBO >> ANAL- $\sigma$  >> UNIQ >> MAX B-T**

Antes, porém, de proceder-se à análise de dados, cumpre destacar que as restrições definidas nesta seção atuam em diferentes níveis linguísticos. TD PÉ (D), IAMBO e ANAL- $\sigma$ , por exemplo, atuam no nível prosódico, mais especificamente métrico, e envolvem as noções de sílaba, pé e cabeça de pé (proeminência acentual). Dessa forma, para que a atuação de tais restrições seja verificada nos *tableaux*, é imprescindível que os candidatos apresentados estejam divididos em pés, pois, caso contrário, as possíveis infrações não serão visualizadas.

ANCOR (T, E) e MAX B-T, por sua vez, atuam no nível morfológico – logo, da palavra – e, desse modo, tornam-se visíveis nas representações ortográficas, uma vez que a primeira milita contra a não-coincidência entre as margens esquerdas da base e da forma truncada, e a segunda veta apagamentos processados da base para o truncamento. Assim, formalizações de pés não se mostram necessárias para a verificação das infrações às referidas restrições, que não envolvem categorias prosódicas, mas apagamentos de segmentos da margem esquerda ou direita, detectados via ortografia.

UNIQUENESS opera no plano fonológico, em que atua o bloqueio homofônico responsável pela violação de candidatos cuja forma fonológica coincida com a de outra palavra existente na língua. Observe-se, portanto, que é possível detectar infrações a UNIQ no nível da palavra, em que podem ser utilizadas representações fonológicas, com o intuito de mostrar que palavras ortograficamente diferentes podem coincidir em forma fonológica na cadeia fônica.



#### 5.4. Análise de dados

A presente seção destina-se à análise de dados que integram o *corpus* da pesquisa e enquadram-se no padrão ‘refrí’ de truncamento. Para tanto, foram selecionadas quatro formas truncadas, a saber: ‘bijú’ (< ‘bijuteria’), ‘refrí’ (< ‘refrigerante’), ‘condí’ (< ‘condição’) e ‘visú’ (< ‘visual’). O *input* para todas as análises é a base seguida do morfema vazio de truncamento, /TRUNC/, que determina o encurtamento das bases (cf. BENUA, 1995; GONÇALVES, 2009).

As avaliações dos candidatos são apresentadas sob a forma de *tableaux*, em que o símbolo (☞) aponta o candidato ótimo, isto é, aquele que emerge como truncamento da base selecionada. Quanto às restrições que compõem os *tableaux*, infrações são marcadas por asteriscos (\*), e o ponto de exclamação (!), imediatamente depois de (\*), sinaliza a eliminação do candidato. Após ser eliminado um candidato, as áreas correspondentes às demais restrições são hachuradas, com o objetivo de mostrar que não apresentam relevância na análise, uma vez que o candidato teve sua eliminação determinada por restrições anteriores.

Quanto às formalizações dos candidatos, em todos os *tableaux* apresentados doravante, as sílabas proeminentes de cada pé são indicadas por ( ' ), e as que portam o acento lexical aparecem destacadas em negrito.

A primeira base tomada para efeito de análise é ‘bijuteria’. Os *tableaux* em (12) e (13), o primeiro parcial e o segundo completo, apresentam cinco truncamentos possíveis para a referida palavra-matriz.

Consoante o processo de construção do *ranking* elaborado na seção 5.3, pode-se verificar que TD PÉ (D), ANCOR (T, E) e IAMBO são as restrições responsáveis pelas

características principais das formas truncadas pertencentes ao padrão ora analisado (estrutura dissilábica, preservação da margem esquerda da base e acentuação oxítona). Por isso, são restrições prioritárias na hierarquia – invioláveis – e promovem a eliminação sumária dos candidatos que as infringem.

No entanto, por assegurarem as características que permitem a identificação do padrão, tais restrições devem atuar em conjunto, ou seja, não deve haver, entre elas, hierarquização. Em termos de análise, a eliminação de candidatos ocorre somente após verificadas as violações às três restrições, tal como se observa no *tableau* parcial a seguir.

(12)

<b>Input: Bijuteria + /TRUNC/</b>	<b>TD PÉ (D)</b>	<b>ANCOR (T,E)</b>	<b>IAMBO</b>
a) [(bi.'ju)]			
b) [bi.('ju.te)]			*
c) [(bi.'ju).(te.'ri)]	*		
d) [( 'ju.te).( 'ri.a)]	*	**	**
e) [( 'ju.te)]		**	*

Os candidatos (c) e (d), 'bijuterí' e 'jutería', respectivamente, por possuírem quatro sílabas, apresentam um segundo pé cuja posição coincide com a margem esquerda – condição bloqueada por TD PÉ (D), restrição que exige o posicionamento de pés exclusivamente à direita da palavra prosódica. Esses candidatos desrespeitam, portanto, TD PÉ (D) e recebem a marca de violação (\*).

A seguir, os candidatos (d) e (e), respectivamente 'jutería' e 'júte', violam ANCOR (T, E), restrição que exige o aproveitamento da margem esquerda da base.

Observe-se que os referidos candidatos sofrem o apagamento da primeira sílaba da palavra-matriz – o que implica violação a ANCOR (T, E), restrição que visa a garantir, no truncamento, a manutenção da borda esquerda da base. Os candidatos recebem, portanto, a marca de violação a ANCOR (T, E) – uma para cada segmento apagado.

A próxima restrição do *ranking*, IAMBO, é infringida pelos candidatos ‘bijúte’, ‘jutería’ e ‘júte’, candidatos (b), (d) e (e), respectivamente. Observe-se, por meio da representação fornecida no *tableau* em (12), que, nos três candidatos, o membro forte dos pés localiza-se à esquerda – fato que implica a violação de IAMBO, restrição que determina o posicionamento da cabeça à direita e favorece formas oxítonas, nos casos em que o acento primário recai sobre o pé localizado à direita. Assim, os referidos candidatos recebem a marca de violação a IAMBO (\*), um símbolo para cada pé infrator, embora (d) e (e) já tenham cometido infrações anteriores.

A partir de então, realizado o exame das infrações cometidas às restrições prioritárias da hierarquia, pode-se indicar a eliminação dos candidatos que as violam (por meio do sinal “!”), pois, vale ressaltar, as restrições iniciais do *ranking* asseguram, em conjunto, as características formais do padrão de truncamento em voga – daí o seu caráter inviolável. A seguir, o *tableau* (13) ilustra o completo processo de avaliação.

(13)

<b>Input: Bijuteria + /TRUNC/</b>	<b>TD PÉ (D)</b>	<b>ANCOR (T,E)</b>	<b>IAMBO</b>	<b>ANAL-σ</b>	<b>UNIQ</b>	<b>MAX B-T</b>
a) [(bi.'ju)] ➔						*****
b) [bi.( 'ju.te)]			*!	*		***
c) [(bi.'ju).(te.'ri)]	*!					*
d) [( 'ju.te).( 'ri.a)]	*!	**	**			**
e) [( 'ju.te)]		*!*	*			*****

O candidato (b), ‘bijúte’, é eliminado por IAMBO – restrição que exige o posicionamento da cabeça do pé à direita e garante, dessa forma, a acentuação oxítona das formas truncadas. As restrições posteriores a IAMBO têm, para todos os candidatos, suas regiões hachuradas, uma vez que não apresentam qualquer relevância na avaliação das formas: o *output* ótimo já emerge antes mesmo das avaliações pelas três últimas demandas (daí o hachuramento nessas áreas).

‘Bijuterí’ e ‘jutería’ – candidatos (c) e (d), respectivamente – são eliminados devido à infração a TD PÉ (D), restritor cuja atuação limita a um único pé, posicionado à direita, a estrutura do truncamento. Observe-se que, dentre os referidos candidatos, ‘jutería’ é o menos satisfatório, pois comete infrações a três restrições invioláveis, uma vez que apresenta distribuição em dois pés com proeminência acentual à esquerda e, além disso, não se aproveita da margem esquerda da base. Uma única violação, no entanto, já é suficiente para a eliminação dessa forma, uma vez que o rival vencedor (a) passa ileso pelas três exigências mais importantes.

As restrições prioritárias da hierarquia, em conjunto, são responsáveis pela seleção do candidato ótimo, pois somente ‘bijú’ atende às exigências de TD PÉ (D), ANCOR (T, E) e IAMBO. Dessa forma, após a eliminação dos candidatos (b), (c), (d) e (e), define-se ‘bijú’ como *output*.

Deve-se notar, ainda, que o candidato ‘bijúte’ infringe também ANAL- $\sigma$ , uma vez que apresenta uma sílaba isolada à esquerda, sem integração a um pé. A violação ocorre, portanto, em virtude de a primeira sílaba não se vincular a um pé, constituinte superior da hierarquia prosódica, tal como determina ANAL- $\sigma$ . Nesse caso, ANAL- $\sigma$  não tem qualquer efeito, já que ‘bijú’ foi escolhida de pronto pelas restrições mais bem cotadas. Se uma forma como ‘bijuté’ fosse incluída, ANAL- $\sigma$  seria a restrição

responsável pela decisão, pois essa forma, cuja análise métrica é [bi.(ju.'te)], tem um único pé iâmbico e efetivamente se aproveita da margem esquerda da palavra-matriz. Contudo, apesar de atender às exigências mais altas, como a rival 'bijú', essa forma fatalmente violaria ANAL- $\sigma$ , uma vez que a sílaba < bi > permanece desgarrada.

Quanto a UNIQUENESS, nenhum dos candidatos apresentados comete infração, devido a não coincidirem, em forma fonológica, com palavras previamente existentes na língua.

MAX B-T, restrição sistematicamente violada que veta apagamentos processados em relação à base, é infringida por 'bijú', candidato ótimo, bem como pelos demais candidatos. Nesse caso, as violações são previsíveis, visto que o apagamento de segmentos é o preço que se paga para processar o truncamento.

Faz-se mister observar, contudo, que MAX B-T, embora seja uma restrição definida como sistematicamente violada, deve sofrer o menor número de infrações possível. Em relação à palavra-matriz 'bijuteria', o candidato ótimo ('bijú') apaga cinco segmentos mais próximos à margem direita, porém os candidatos cujo número de segmentos deletados é menor ou igual a cinco são eliminados por TD PÉ (D), ANCOR (T, E) e IAMBO. Destarte, apesar de cometer maior número de violações a MAX B-T, 'bijú' torna-se o candidato ótimo devido a não infringir restrições prioritárias.

O papel de MAX B-T seria decisivo na análise caso houvesse, no *ranking*, um candidato de comportamento semelhante ao de 'bijú', isto é, que não violasse qualquer das restrições prioritárias ou minimamente violáveis, mas sofresse apagamento de mais de cinco segmentos em relação à palavra-matriz. Nessas circunstâncias, MAX B-T seria responsável pela definição de 'bijú' como *output* ótimo, uma vez que eliminaria o candidato para o qual foi registrado maior número de apagamentos.

Encerrada a análise dos *tableaux* que ilustram a avaliação dos candidatos a truncamento da base ‘bijuteria’, segue-se novo *tableaux*, em (14), que, desta feita, apresenta cinco possíveis truncamentos para ‘refrigerante’.

(14)

<b>Input: Refrigerante + /TRUNC/</b>	<b>TD PÉ (D)</b>	<b>ANCOR (T,E)</b>	<b>IAMBO</b>	<b>ANAL-<math>\sigma</math></b>	<b>UNIQ</b>	<b>MAX B-T</b>
a) [re.( <b>fri</b> .ge)]			*!	*		*****
b) [(re. <b>fri</b> )] $\Rightarrow$						*****
c) [( <b>fri</b> .ge).(ran.te)]	*!	**	**			**
d) [re.(fri. <b>ge</b> )]				*!		*****
e) [(re.fri).(b <b>ge</b> .ra)]	*!		**		*	***

Dentre as restrições prioritárias, TD PÉ (D) é infringida por ‘frigerante’ e ‘refrigera’, candidatos (c) e (e), respectivamente, uma vez que ambos possuem quatro sílabas – o que implica a formação de um segundo pé localizado à margem esquerda das palavras prosódicas resultantes. Por ser TD PÉ (D) uma restrição que visa a bloquear candidatos cujas estruturas apresentem pés situados à esquerda, ‘frigerante’ e ‘refrigera’ violam-na e, por conseguinte, recebem a marca (\*).

ANCOR (T, E), por sua vez, é uma restrição que exige a preservação, no *output*, da margem esquerda da base. Logo, verifica-se infração somente do candidato (c), ‘frigerante’, em que ocorre o apagamento da primeira sílaba e conseqüente divergência entre as margens esquerdas do candidato e da base. As violações são marcadas no *tableau*, ainda que o candidato tenha cometido infração anterior, e a análise prossegue.

IAMBO é violada por três candidatos: ‘refrige’, ‘frigerante’ e ‘refrigera’. Por meio da formalização de pés fornecida em (14), é possível constatar que os candidatos

em voga são constituídos de pés com proeminência à esquerda e infringem, por essa razão, IAMBO, restrição que arbitra em favor de pés com cabeça à direita. Assim, ‘refríge’, ‘frigerante’ e ‘refrigera’, candidatos (a), (c) e (e), respectivamente, recebem a marca formal de violação, uma para cada pé infrator, mesmo que haja violações anteriores.

Como (b) e (d) satisfazem as três demandas mais importantes, os candidatos (a), (c) e (e) recebem a marca de eliminação e posterior hachuramento nas áreas correspondentes às restrições seguintes a IAMBO.

Eliminados os candidatos (a), (c) e (e), prossegue a avaliação dos concorrentes (b) e (d), ‘refrí’ e ‘refrigê’, que atendem às exigências das restrições prioritárias. Nesse caso, a seleção do candidato ótimo dar-se-á com base em uma restrição menos cotada, a saber, ANALISE SÍLABAS.

ANAL- $\sigma$  desempenha papel decisivo na seleção do candidato que, entre ‘refrí’ e ‘refrigê’, emergirá como truncamento de ‘refrigerante’, uma vez que ambos atendem às exigências de TD PÉ (D), ANCOR (T, E) e IAMBO. Destarte, ANAL- $\sigma$  é responsável pela seleção do candidato ótimo, nos seguintes termos: aquele que a infringe – no caso, ‘refrigê’ – é eliminado, e define-se como ótimo o concorrente que não comete violação. O candidato eliminado é ‘refrigê’, em virtude de a primeira sílaba não estar integrada a um pé, tal como determina ANAL- $\sigma$ .

Assim, tem-se, após a eliminação de ‘refrigê’ pelo restritor ANAL- $\sigma$ , a definição de ‘refrí’ como *output* de ‘refrigerante’, porquanto este último é o candidato que melhor satisfaz à hierarquia, em razão de se conformar às exigências das restrições que eliminam os demais concorrentes.

Vale ressaltar que, após a eliminação do último candidato, ‘refrigê’, as áreas correspondentes às demais restrições são hachuradas, inclusive na avaliação do candidato ora definido como ótimo (‘refrí’), visto que, mesmo antes da atuação de todas as restrições do *ranking*, a sua seleção está efetivada, tal como indica o símbolo  $\Rightarrow$ .

Para concluir a análise, verifiquemos a atuação de UNIQUENESS e MAX B-T, últimas restrições da hierarquia, embora a seleção do candidato ótimo seja definida por restritores mais cotados.

UNIQUENESS é violada somente por ‘refrigéra’, candidato coincidente em forma fonológica com o verbo ‘refrigerar’ conjugado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo.

MAX B-T, restrição segundo a qual todo segmento da base deve ter um correspondente na forma truncada, é infringida por todos os candidatos, mas a forma vencedora é a que mais apaga. Observa-se, portanto, que satisfazer às demandas mais bem cotadas significa infringir mais vezes a restrição de fidelidade, o que nos mostra que a violabilidade não é fortuita: resulta do melhor atendimento às exigências prioritárias.

A seguir, o *tableau* (15) ilustra a avaliação de cinco possíveis candidatos a truncamento de ‘condição’.

(15)

<i>Input: Condição + /TRUNC/</i>	TD PÉ (D)	ANCOR(T,E)	IAMBO	ANAL- $\sigma$	UNIQ	MAX B-T
a) [(‘con.di)]			*!		*	***
b) [di.(‘çã)]		*!*		*		***
c) [(con.‘di)] $\Rightarrow$						***
d) [(‘con.di).(‘çã)]	*!		*		*	
e) [(‘con)]					*!	*****



Observe-se, com base no *tableau* (15), que TD PÉ (D) é violada pelo candidato (d), ‘condição’, cuja estrutura prosódica se apresenta dividida em dois pés. Nesse caso, por ser a base trissilábica, o encurtamento tende a produzir formas que não se expandam para além de um pé – daí a infração constatada somente para o candidato ‘condição’, em que não foram processados apagamentos.

ANCOR (T, E) é infringida somente pelo candidato (b), ‘dição’, uma vez que o apagamento da primeira sílaba implica a não coincidência com a margem esquerda da base. O candidato é, portanto, eliminado, e procede-se à avaliação de IAMBO – última entre as restrições prioritárias.

Verificam-se infrações a IAMBO nos casos em que a cabeça dos pés localiza-se à esquerda, e não à direita, como preconiza tal restrição. Dessa forma, os candidatos (a) e (d), respectivamente ‘côndi’ e ‘condição’, não atendem à exigência da restrição em voga e recebem, por conseguinte, a marca de infração que elimina (a), mas não (d), já com marca de violação em TD PÉ (D).

Consoante a apreciação de (15), constata-se que o candidato ótimo não é definido pelas restrições mais altas na hierarquia, uma vez que dois concorrentes – a saber, (c) e (e) – atendem às exigências de TD PÉ (D), ANCOR (T, E) e IAMBO. Nesse caso, a seleção do candidato ótimo define-se por restrições menos cotadas.

ANAL- $\sigma$  é violada pelo candidato ‘dição’, cuja primeira sílaba não se integra a um pé. Contudo, o referido candidato foi eliminado anteriormente por ANCOR (T, E), e a violação a ANAL- $\sigma$ , embora marcada no *tableau*, não interfere na seleção do candidato ótimo, visto que seguem na disputa somente os candidatos (c) e (e).

A próxima restrição do *ranking*, UNIQUENESS, é violada por três candidatos: ‘côndi’, ‘condição’ e ‘côn’. Os primeiros, eliminados respectivamente por IAMBO e

TD PÉ (D), recebem o sinal de violação a UNIQUENESS devido à coincidência com os nomes ‘conde’ e ‘condição’.

UNIQUENESS desempenha papel decisivo na seleção do candidato ótimo, pois a violação cometida por ‘côn’, candidato (e), em virtude da coincidência com a preposição ‘com’, implica a sua eliminação, enquanto o concorrente – ‘condí’, candidato (c) – não infringe UNIQUENESS.

‘Condí’, após a eliminação de ‘côn’, único concorrente que ainda permanecia na disputa, define-se, então, como candidato ótimo.

O hachuramento nas regiões correspondentes a MAX B-T, inclusive para o candidato ótimo, já definido por UNIQUENESS, indica a não relevância dessa restrição na avaliação.

Finalizada a análise dos candidatos a truncamento de ‘condição’, apresenta-se, a seguir, novo *tableau*, desta feita com cinco candidatos a truncamento para a base ‘visual’.

(16)

<i>Input: Visual + /TRUNC/</i>	TD PÉ (D)	ANCOR(T,E)	IAMBO	ANAL- $\sigma$	UNIQ	MAX B-T
a) [(vi.'su)]						**
b) [(vi.su)]			*!		*	**
c) ['vi]				*!	*	****
d) [('vis)]						***!
e) [su.(al)]		*!*		*		**

Observe-se, por meio do *tableau* (16), que nenhum dos candidatos apresentados viola TD PÉ (D). A ausência de infrações, nesse caso, pode ser justificada pelo número

de sílabas da base, que, por ser trissilábica, não gera, ao sofrer o encurtamento, formas cuja estrutura prosódica se expanda para além de um pé.

ANCOR (T, E), por sua vez, é infringida pelo candidato (e), ‘suál’, cuja margem esquerda não coincide com a da base, devido ao encurtamento processado à esquerda – o que resulta no apagamento da primeira sílaba.

O candidato (b), ‘vísu’, não atende à exigência de IAMBO. Observe-se, por meio da representação fornecida no *tableau* (16), que a sílaba proeminente do candidato localiza-se à esquerda, e não à direita, como preconiza a restrição em voga.

Os candidatos (e) e (b), ‘suál’ e ‘vísu’, devido às infrações cometidas a ANCOR (T, E) e IAMBO, respectivamente, são eliminados da disputa e recebem, por essa razão, o sinal (\*!) no *tableau*.

Seguem na disputa os candidatos (a), (c) e (d), que atendem às exigências das restrições prioritárias da hierarquia. Logo, a definição do candidato ótimo dar-se-á por restrições menos cotadas no *ranking*, a saber: ANALISE SÍLABAS, UNIQUENESS e MAX B-T.

ANAL- $\sigma$  é violada somente pelo candidato (c), ‘ví’, uma vez que este não possui as duas moras necessárias à formação de um pé e, portanto, constitui-se de uma sílaba avulsa, integrada diretamente à palavra prosódica. O candidato recebe, destarte, o sinal indicativo da violação (\*) e, em seguida, o símbolo de eliminação (!) da disputa. As regiões correspondentes às restrições que se seguem a ANAL- $\sigma$  na avaliação do candidato (c) são, dessa forma, hachuradas, e dá-se continuidade à análise, posto que restam dois candidatos na disputa: ‘visú’ e ‘vís’<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> ‘Vís’ corresponde a um iambo monossilábico, formação possível graças ao peso da sílaba: a existência de uma consoante em coda assegura a binariedade do pé, que corresponde a um iambo atípico (cf. HAYES, 1995).

A restrição que se segue na hierarquia, UNIQUENESS, penaliza ‘vísu’ e ‘ví’, candidatos (b) e (c), respectivamente, devido à coincidência com os verbos ‘visar’ e ‘ver’ conjugados na primeira pessoa do singular do presente do indicativo (‘viso’) e na primeira pessoa do pretérito perfeito do indicativo (‘vi’).

É MAX B-T, última restrição da hierarquia, que tem papel decisivo na seleção do candidato ótimo, uma vez que ‘visú’ e ‘vís’ atendem às exigências de todas as restrições anteriores. Por ser MAX B-T uma restrição de fidelidade que bane apagamentos em relação à base, sabe-se, de antemão, que todo candidato a truncamento a violará. Contudo, o número de segmentos apagados em cada concorrente determinará a seleção do candidato ótimo, nos seguintes termos: aquele que tiver o maior número de segmentos deletados será eliminado, e definir-se-á como ótimo o candidato que sofrer menos apagamentos.

Dessa forma, verificadas as violações a MAX B-T, o candidato (d), ‘vís’, é eliminado da disputa ao ser contabilizado o apagamento do terceiro segmento, visto que o concorrente, ‘visú’ – candidato (a) – tem somente dois segmentos da base deletados. Por conseguinte, o candidato ‘vís’ recebe o sinal de eliminação (!) após a terceira infração, e o candidato ótimo, ora definido, recebe o símbolo (☞).

Vale ressaltar que, embora MAX B-T ocupe a última posição da hierarquia, devido à sua condição de restrição sistematicamente violada, pode ser responsável pela seleção do candidato ótimo, assim como as restrições mais cotadas. Passemos, agora, à análise dos dados controlados em testes de percepção e avaliação de formas.


### 5.5. Hierarquia aplicada a dados de teste

O objetivo da presente seção é mostrar que as restrições definidas e empregadas neste capítulo são capazes de descrever satisfatoriamente o padrão ‘refrí’ de truncamento. Para tanto, a hierarquia estabelecida será aplicada a formas truncadas criadas exclusivamente para compor os testes e que não possuem truncamento conhecido, com o intuito de verificar se o *ranking* mostra-se eficiente na análise destas.

Os testes revelaram que os informantes atribuíram ao padrão ‘refrí’ – caracterizado por estruturas dissilábicas, oxítonas e que preservam a margem esquerda da base – supostos truncamentos para as bases ‘ventilador’ e ‘liquidação’. Por isso, as referidas bases serão utilizadas para verificar a eficiência da hierarquia proposta.

No *tableau* em (17), apresentam-se cinco possíveis truncamentos para a base ‘ventilador’, que será avaliada tal como as bases tomadas para efeito de análise na seção 5.4.

(17)

<b>Input: Ventilador + /TRUNC/</b>	<b>TD PÉ (D)</b>	<b>ANCOR(T,E)</b>	<b>IAMBO</b>	<b>ANAL-<math>\sigma</math></b>	<b>UNIQ</b>	<b>MAX B-T</b>
a) [(ven.' <b>ti</b> )] 						*****
b) [(ven).( 'ti.la)]	*!		*		*	***
c) [(ti.la).('dor)]	*!	***	*			***
d) [(ven)]					*!	*****
e) [(ven).(ti.'la)]	*!				*	***

Dentre as restrições prioritárias do *ranking*, TD PÉ (D) é violada pelos candidatos (b), (c) e (e), mas, como há outras restrições que atuam em conjunto com TD

PÉ (D), é necessário verificar as violações a estas antes de proceder-se à eliminação de candidatos.

ANCOR (T, E) é violada somente pelo candidato (c), ‘tiladôr’, que se forma por meio do apagamento da primeira sílaba da base e, por isso, não apresenta a coincidência de margens exigida por ANCOR (T, E).

IAMBO não é obedecida pelos candidatos (b) e (c), ‘ventíla’ e ‘tiladôr’, uma vez que ambos apresentam um pé com cabeça à esquerda. Como há duas formas que passam ilesas pelos três primeiros restritores, uma marca de violação já é suficiente para eliminar candidatos.


ANAL-σ não sofre violação, visto que não há sílabas isoladas, sem integração, em qualquer dos candidatos apresentados. Dessa forma, permanecem na disputa os candidatos (a) e (d), ‘ventí’ e ‘ven’, que atendem às exigências das restrições até então avaliadas.

A próxima restrição do *ranking*, UNIQUENESS, é violada por três candidatos (dois deles já eliminados), a saber: ‘ventíla’, ‘ven’ e ‘ventilá’.

O papel desempenhado por UNIQUENESS é decisivo na seleção daquele que, entre ‘ventí’ e ‘ven’, emergirá como ótimo. Observe-se que o segundo coincide com a terceira pessoa do singular do presente do indicativo para o verbo ‘vir’ – o que implica violação a UNIQUENESS e posterior eliminação da disputa (\*!), uma vez que o único concorrente ainda no páreo não comete infração, por não apresentar forma fonológica coincidente com a de outra palavra da língua. Destarte, o candidato (d), ‘ven’, é eliminado por UNIQUENESS, e o concorrente, ‘ventí’, define-se como ótimo para a base ‘ventilador’.

A seguir, tem-se novo *tableau*, em (18), que ilustra o processo de avaliação de cinco candidatos a truncamento da base ‘liquidação’.

(18)

<i>Input: Liquidação</i> + /TRUNC/	TD PÉ (D)	ANCOR (T,E)	IAMBO	ANAL-σ	UNIQ	MAX B-T
a) [li.('qui.da)]			*!	*	*	***
b) [(‘qui.da).('çãõ)]	*!	**	*			**
c) [(li.'qui)] 						*****
d) [(‘li.que)]			*!			*****
e) [li.(que.'dã)]				*!	*	***

TD PÉ (D) é violada somente pelo candidato (b), ‘quidação’. Observe-se que o referido candidato possui três sílabas, das quais a última é pesada. Por essa razão, formam-se dois pés, um deles posicionado à esquerda.

ANCOR (T, E) é violada pelo candidato (b), ‘quidação’, cuja margem esquerda não coincide com a da base.

Verificam-se violações a IAMBO nos candidatos (a), (b) e (d). Os referidos candidatos recebem o símbolo da infração (\*) a IAMBO, e, a partir de então, podem ser observadas as eliminações: (a), (b) e (d) estão fora da disputa porque os rivais (c) e (e) não apresentam violação alguma nas três principais demandas.

Nesse caso, portanto, a seleção do candidato ótimo será definida por restrições menos cotadas no *ranking*, uma vez que os concorrentes atendem às exigências das restrições mais importantes.

ANAL-σ é violada pelos candidatos (a), ‘liquída’, e (e), ‘liquidá’, pois ambos não apresentam a primeira sílaba integrada a um pé. Quanto ao candidato (a), a violação

a ANAL- $\sigma$  é assinalada, porém não interfere no resultado, visto que essa forma já foi eliminada anteriormente, devido à infração de IAMBO. Entretanto, o papel de ANAL- $\sigma$  torna-se fundamental na seleção do candidato ótimo, porquanto a violação do candidato (e) implica a sua eliminação, o que promove a definição de ‘líqui’ como candidato ótimo.

Com base nas análises dos dados que compõem a presente seção, pode-se afirmar que a hierarquia proposta para a descrição do aqui denominado padrão ‘refrí’ de truncamento mostra-se eficiente na análise de truncamentos conhecidos e empregados pelos falantes, bem como se aplica também a formas encurtadas cuja estrutura se adapta ao padrão em voga, embora não constituam truncamentos propriamente, uma vez que não foram encontradas na recolha do *corpus*.

Deve-se ressaltar que as formas truncadas criadas para a aplicação dos testes, com vistas a verificar se o informante as associaria a uma possível base do português, bem como a detectar a estratégia de encurtamento de que se valeria, ratificam o *ranking* proposto, visto que este se aplica também a dados que, consoante a estrutura, poderiam ser empregados como truncamentos. Destarte, não há, nesse caso, a criação de uma hierarquia que se conforme apenas ao *corpus* constituído para a pesquisa, posto que se mostra eficiente também na análise de possíveis truncamentos.



## CAPÍTULO 6 – ANÁLISE DO PADRÃO ‘GÁSTRO’

---

### 6.1. Descrição geral do padrão

As formas analisadas neste capítulo (‘gástro’, ‘mícro’), já descritas por Belchor (2006), porém retomadas na presente dissertação sob mais refinado ponto de vista, diferem, em estrutura, daquelas analisadas por Gonçalves e Vazquez (2005) e Gonçalves (2009) – ‘nêura’ (‘neurose’); ‘estranja’ (‘estrangeiro’) –, bem como das focalizadas no capítulo 5 da presente dissertação (‘motorista’ > ‘motô’; ‘bicicleta’ > ‘bicí’).

O capítulo é destinado à análise de truncamentos que se caracterizam pela preservação integral do morfema situado na extremidade esquerda da palavra-matriz, tal como em ‘oftalmologista’ > ‘oftálmo’ e ‘quilograma’ > ‘quílo’. Observe-se que, em ambos exemplos, os radicais gregos *ophthalmós* (port. ‘oftalmo’) e *kilo* (port. ‘quilo’) são integralmente mantidos nas formas truncadas.

No referido padrão, têm-se como bases palavras cujo número de sílabas varia de quatro (‘quilograma’) a dez (‘otorrinolaringologista’) e cuja acentuação pode ser proparoxítona, oxítona ou paroxítona, com predominância desta última. Em termos percentuais, das 33 formas truncadas pertencentes ao padrão, 63,7% das bases são paroxítonas (21 dados); 33,3%, oxítonas (onze dados); e 3%, proparoxítonas (um dado).

Quanto à estrutura, têm-se bases morfológicamente complexas constituídas de prefixos ou radicais de origem grega ou latina compostos com outros radicais e/ou sufixos. Como exemplos, podem-se citar ‘tetracampeão’ e ‘ecocardiograma’.

Os produtos são truncamentos prioritariamente paroxítonos<sup>23</sup> (à exceção dos prefixos monossilábicos), cujo número de sílabas varia de um a quatro. Devido ao compromisso que o fenômeno apresenta com a preservação do morfema posicionado mais à esquerda da palavra-matriz, o apagamento de segmentos processa-se a partir da margem direita e prossegue até a fronteira do morfema que compõe a margem esquerda da base. Nesse ponto, ocorre a formação de um pé quase sempre trocaico<sup>24</sup>, no caso dos truncamentos que possuem duas ou mais sílabas, tal como nos exemplos a seguir, em que os parênteses indicam fronteiras de pé; e os colchetes, fronteiras de palavra fonológica:

(01)

[('gas.tro)] < ‘gastroenteorologista’

[('ex.tra)] < ‘extraordinário’

[('fo.no)] < ‘fonoaudiólogo’

[e.(‘le.tro)] < ‘eletrocardiograma’

[gi.(‘ne.co)] < ‘ginecologista’

[he.(‘ma.to)] < ‘hematologista’

Vale destacar que, diferente da situação encontrada na análise do padrão ‘refrí’ (cf. capítulo 5), a estrutura dos truncamentos que compõem o padrão ora denominado ‘gástro’ pode se expandir para além de um pé. Observe-se que as formas truncadas

<sup>23</sup> Há uma forma truncada proparoxítona presente no *corpus*, ‘hétero’ < ‘heterossexual’. Nesse caso, a acentuação pode ser justificada com base na característica essencial do padrão em voga: a preservação do morfema situado mais à esquerda da base (‘hétero’ < ‘héteros’, do grego). Adiante, na seção 6.2, será possível verificar, por meio do *ranking* de restrições atuantes no padrão, que a preservação do morfema localizado à borda esquerda da base deve maximizada.

<sup>24</sup> Pés trocaicos apresentam cabeça à esquerda e favorecem formas paroxítonas. Dessa forma, opõem-se aos pés iâmbicos, cuja cabeça localiza-se à direita, como vimos no capítulo 5.

‘elétro’, ‘ginéco’ e ‘hemáto’, cujas estruturas prosódicas estão representadas em (01), apresentam uma sílaba não integrada a um pé – o que indica a não relevância da restrição ANALISE SÍLABAS no padrão ‘gástro’ e, por conseguinte, a possibilidade de haver truncamentos que possuem mais de duas sílabas.

Cumprir advertir também que a presença de codas na estrutura silábica de alguns candidatos gera a formação de pés alinhados à margem esquerda dos mesmos, embora o número de sílabas seja inferior a quatro, assim como ‘cárdio’ /kaɾ.dʒiu/ (no dialeto carioca), em que a presença de coda nas duas sílabas promove a formação de dois pés (quatro moras).

Entretanto, a formação de tais pés não interfere na seleção do candidato ótimo, uma vez que, segundo o *ranking* constituído para a análise, definido na próxima seção, a preservação do morfema situado à esquerda da base deve ser priorizada, ou seja, ainda que resultem em estruturas compostas por mais de um pé métrico, as formas truncadas pertencentes ao padrão preservam o morfema localizado na extremidade esquerda da base. Por isso, TD PÉ (D), restrição atuante no padrão ‘refrí’, não apresenta relevância no padrão ‘gástro’.

Há, ainda, outra diferença entre os padrões ‘refrí’ e ‘gástro’ de truncamento, pois, enquanto, no primeiro, as formas truncadas são constituídas de um único pé iâmbico (sem a possibilidade de apresentar sílabas isoladas), o segundo caracteriza-se por abarcar truncamentos que possuem um pé alinhado à margem direita – com ou sem uma sílaba isolada à esquerda –, bem como aqueles que não possuem as duas moras necessárias à formação de um pé, tal como nos prefixos monossilábicos:

(02)

['bí] &lt; 'bicampeão'

['pré] &lt; 'pré-vestibular'

Cumpramos ressaltar, no entanto, que, embora varie o número de sílabas das formas truncadas, assim como a possibilidade de estas se estruturarem pela formação ou não de um pé, há um aspecto que se mantém constante: a preservação integral do morfema (radical ou prefixo) situado mais à esquerda das bases. Nos dados fornecidos em (01) e (02), por exemplo, são mantidos integralmente os radicais de origem grega 'gastro' (*gastér*, *gast(e)ros*), 'fono' (*phōné*), 'eletro' (*élektron*), 'gineco' (*gynē*, *gynaikós*), 'hemato' (*haimato*), bem como os prefixos de origem latina 'extra', 'pós' (*post*) e 'pré' (*prae*).

Tal característica revela que, em termos otimalistas, além da restrição quanto à preservação da margem esquerda da base, ANCOR (T, E) – atuante na análise de qualquer truncamento no português do Brasil –, há uma nova restrição que atua no padrão 'gástro' e exige a preservação não somente da margem esquerda, mas de todo o morfema que compõe essa porção da base. Adiante, na seção 6.2, são citadas e definidas as restrições que atuam no padrão em voga e asseguram a regularidade do fenômeno.

Para encerrar a presente seção, é interessante observar que o padrão 'gástro' confere o *status* de palavra morfológica a formas presas, uma vez que 'pós' e 'éco', por exemplo, se tomados como truncamentos de 'pós-graduação' e 'ecocardiograma', respectivamente, já não são formas que aparecem somente ligadas a outros elementos. Ao contrário, os dois exemplos são capazes de constituir um enunciado por si, tal como as formas livres na língua.

## 6.2. Restrições atuantes no padrão

Com base no *corpus* coletado para esta dissertação, observa-se que a característica mais marcante do padrão ‘gástro’ é a preservação integral, na forma truncada, do morfema localizado na extremidade esquerda da base. Dessa forma, por ser a Teoria da Otimalidade um modelo em que os dados revelam a atuação de restrições aos fenômenos linguísticos, deve-se buscar uma restrição que milite em favor da preservação integral do morfema que compõe a margem esquerda da base.

A restrição responsável pela preservação do morfema, nesses termos, é UM MORFEMA EQUIVALE A UMA PALAVRA PROSÓDICA, doravante  $MORPH \approx PWd$ , definida em (03):

(03)

**MORPH  $\approx$  PWd** é uma restrição de molde que exige a correspondência entre uma palavra prosódica e um, e somente um, morfema. Haverá violações nas situações em que o candidato consistir em uma palavra prosódica que não coincida estritamente com um único morfema, tal como em [re.(tro.'pro)] – possível forma truncada para ‘retroprojeter’, que não atende à exigência de  $MORPH \approx PWd$  por não se limitar ao prefixo latino ‘retro’ (movimento para trás).

$MORPH \approx PWd$  é motivada pela restrição  $LX \approx PR$  (uma palavra lexical equivale a uma palavra prosódica), formulada por Prince & Smolensky (1993), que exige a vinculação de elementos da categoria morfológica ‘lexema’ (LX) a elementos da

categoria prosódica ‘palavra fonológica’ (PR). Mais especificamente, toda palavra morfológica (MWd) deve ser licenciada por uma palavra prosódica (PWd).

Gonçalves (2004) propõe uma releitura da restrição, de modo que seja vista como restrição de alinhamento, ALINH (M ↔ P) – alinhamento de margens de MWd com margens de PWd –, definida nos seguintes termos: *a margem E/D da categoria palavra morfológica é alinhada com a margem correspondente da categoria palavra prosódica.*

Para que a análise do padrão ‘gástro’ seja satisfatória, proponho que LX ≈ PR seja vista como restrição de molde, de forma que MORPH ≈ PWd exija a coincidência estrita entre uma palavra prosódica e um morfema. Em Kager (1999), encontra-se restrição de exigência semelhante empregada pelo autor na análise de truncamentos em islandês: UMA RAIZ EQUIVALE A UMA PALAVRA PROSÓDICA, representada, em inglês, por STEM = PrWd.

Há, no *corpus*, dois dados que não se constituem de um único morfema, porém se afirmam como truncamentos de ‘pedagogia’ e ‘otorrinolaringologista’, respectivamente: ‘pedágo’ e ‘otorrino’.

O primeiro, apesar de ser constituído de dois radicais gregos – *pes*, *pedos* (criança) e *ago*, *agog(os)* (condutor) –, é definido como candidato ótimo na disputa com os concorrentes. Nesse caso, a presença dos dois radicais na forma truncada pode ser justificada pela opacidade que seria gerada ao ser apagado o segundo radical, ou seja, ‘ped(a)’, por exemplo, é uma forma encurtada mais opaca em relação à base do que ‘pedágo’. Assim, embora viole MORPH ≈ PWd, ‘pedágo’ define-se como candidato ótimo por cometer menos infrações que os demais candidatos (cf. anexo III).

A opacidade em relação à base também pode ser a razão para o licenciamento de ‘otorríno’, cuja situação, embora seja constituído de mais de um morfema<sup>25</sup>, difere da encontrada para ‘pedágo’. A análise da base ‘otorrinolaringologista’ (cf. *tableau* no anexo III) aponta a forma truncada ‘otô’ como candidato ótimo; contudo, não é essa a forma empregada pelos falantes.

Também nesse caso, a divergência entre a forma ótima e a usada em situações de fala real pode ser explicada com base na opacidade, uma vez que ‘otô’ torna o rastreamento da base mais difícil. Destarte, o candidato ótimo não emerge como truncamento porque os falantes optam por formas menos opacas e que tornem, por isso, menos custoso o rastreamento da base – daí a preservação também do segundo radical que compõe a palavra-matriz.

A partir de então, vistos a exigência de MORPH  $\approx$  PWd e os casos em que as formas truncadas ótimas não a atendem, podem-se especificar as demais restrições que compõem o *ranking*.

Consoante as características gerais do processo de truncamento já explicitadas no capítulo 5 desta dissertação, as formas truncadas devem preservar a margem esquerda da base. Desse modo, uma restrição atuante no padrão ‘refrí’ – foco do capítulo 5 – será muito relevante também na análise do padrão ‘gástro’: ANCOR (T, E). Para dirimir quaisquer dúvidas em relação à definição dessa restrição, vide capítulo 5, seção 5.3.

ANCOR (T, E) é uma restrição de correspondência que, nesse caso, atua sobre categorias morfológicas e milita contra apagamentos e epênteses na borda esquerda da palavra-derivante, para que haja correspondência entre os segmentos que compõem a

---

<sup>25</sup> Em ‘otorríno’, têm-se dois radicais de origem grega: *oûs*, *otós* (ouvido, orelha) e *rhís*, *rhînós* (nariz).

margem esquerda da base e aqueles que compõem a margem esquerda da forma truncada. Candidatos tais como [on.(to.lo).('gi.a)] < ‘paleontologia’, em que houve o apagamento das duas primeiras sílabas, violarão a referida restrição.

De início, ANCOR (T, E) pode ser tomada como restrição redundante no *ranking*, visto que a preservação integral do morfema situado mais à esquerda da base (garantida por MORPH  $\approx$  PWd) implica, necessariamente, a preservação da margem esquerda da mesma base. Contudo, há de se pensar que a maior parte das bases que compõem o *corpus* é complexa morfologicamente – o que pode levar um candidato a atender MORPH  $\approx$  PWd, mas não ANCOR (T, E).

Para a base ‘fonoaudiologia’, por exemplo, o possível candidato ‘áudio’ passaria ileso por MORPH  $\approx$  PWd, uma vez que se trata de um radical de origem grega, porém o truncamento encontrado para a referida base é ‘fôno’. Daí a função de ANCOR (T, E) no *ranking*: vetar formas truncadas que, embora sejam constituídas por um morfema, não preservem o morfema situado na extremidade esquerda da base.

Os dois restritores vistos até aqui – MORPH  $\approx$  PWd e ANCOR (T, E) – serão, portanto, as primeiras restrições a aparecer na hierarquia para análise do padrão ‘gástro’ de truncamento.

MORPH  $\approx$  PWd constará no topo do *ranking*, por ser a restrição que visa a assegurar a característica mais marcante do padrão: a preservação de um morfema e a consequente “libertação” de uma forma presa. Logo, essa restrição é prioritária e, quando infringida, implicará a eliminação sumária do candidato, uma vez que violações, nesse caso, geram formas que não atendem à principal demanda do padrão.

A segunda posição da hierarquia cabe a ANCOR (T, E), posto que tal restrição garante a preservação, na forma truncada, da margem esquerda da palavra-matriz.



Consoante as propriedades do fenômeno de truncamento explicitadas nos capítulos anteriores, sabe-se que todas as formas truncadas devem preservar a borda esquerda da palavra-matriz. Por essa razão, ANCOR (T, E) também é restrição importante, uma vez que milita em favor de uma característica essencial do truncamento.

Definidas as restrições prioritárias, pode-se proceder à constituição parcial do *ranking*, conforme a seguir, em (04):

(04)

MORPH  $\approx$  PWD  $\gg$  ANCOR (T, E)

Uma vez que há, no *corpus*, formas truncadas compostas por prefixos monossilábicos, faz-se necessária uma restrição que seja responsável pela avaliação de quais prefixos dessa espécie estão licenciados a constituir truncamentos. Tal restrição é ROOTING, definida a seguir, em (05).

(05)

**ROOTING** é definida por Cagliari (2002) como uma restrição métrica que exige a presença de acento em toda palavra de conteúdo semântico, não apenas gramatical. Violações são verificadas quando os candidatos não apresentam elemento proeminente, assim como os prefixos átonos *re-*, *in-*, *des-* e *a-*, por exemplo.

Vale observar, mais uma vez, que as formas truncadas pertencentes ao padrão ‘gástro’ adquirem *status* de palavra morfológica, apesar de serem formas presas

(prefixos ou radicais) em outros contextos linguísticos. Assim, consoante a exigência de ROOTING, todos os truncamentos que integram o padrão em voga devem ser acentuados, posto que veiculam o conteúdo lexical da palavra-matriz. A forma truncada ‘pós’, por exemplo, não deve ser interpretada como o prefixo latino indicador de “posição posterior”, mas como uma nova forma linguística que veicula a mesma carga semântica da base ‘pós-graduação’.

Contudo, apesar de ROOTING ser uma restrição de muita relevância, no sentido de impedir a emergência de formas truncadas que não portem acento, não a apresentaremos no *ranking* final, assim como Rondinini (2009), em virtude de todas as palavras de conteúdo lexical da língua serem acentuadas. Assim, uma vez que truncamentos possuem conteúdo lexical, entendemos que o componente GEN (*generator*) não gerará candidatos em que não haja elemento proeminente – o que garante, portanto, a satisfação de ROOTING por todos os candidatos que constarão do *ranking*.

Dessa forma, a ausência de ROOTING na hierarquia deve-se ao fato de truncamentos jamais serem formas de conteúdo somente gramatical – condição que lhes garante o acento lexical e, por conseguinte, a não-violação à restrição em voga. ROOTING, portanto, impede que prefixos átonos, como des-, in- e a-, entre outros, sejam truncamentos possíveis de formas morfológicamente complexas como ‘desleal’, ‘ingrato’ e ‘anormal’, por exemplo.

Restrições métricas quanto à posição do elemento proeminente dos pés, tais como IAMBO e TROQUEU<sup>26</sup>, não apresentam relevância na análise do padrão ‘gástro’,

---

<sup>26</sup> TROQUEU é uma restrição métrica que exige o posicionamento da cabeça do pé à esquerda.

visto que as formas truncadas tendem a manter a tonicidade do morfema de que são constituídas. Por isso, as referidas restrições não constam do *ranking* final.

A hierarquia estará definida, então, após a inclusão de MAX B-T, restrição de fidelidade base-truncamento, segundo a qual todo segmento da base deve ter um correspondente na forma truncada.

Conforme visto no capítulo 5, quando da análise do padrão ‘refrí’, MAX B-T é uma restrição sistematicamente violada, uma vez que o fenômeno de truncamento pressupõe apagamentos no sentido base-produto. Porém, a presença de tal restrição é indispensável no *ranking*, pois é necessário, para manter a fidelidade em relação à base, limitar o número de segmentos apagados no processo de formação de truncamentos. Portanto, o papel de MAX B-T na hierarquia é, apesar de violada por todos os candidatos, manter a fidelidade à base por meio do controle de elementos deletados.

A partir de então, descritas as restrições atuantes na formação de truncamentos que integram o padrão ‘gástro’ e definida a ordem de prioridade estabelecida entre elas, têm-se o *ranking* final para análise, proposto a seguir, em (06):

(06)

**MORPH  $\approx$  PWd  $\gg$  ANCOR (T, E)  $\gg$  MAX B-T**

Para encerrar esta seção, deve-se destacar que MORPH  $\approx$  PWd atua no nível morfoprosódico, uma vez que exige a coincidência entre as categorias morfológica e prosódica; em termos mais estritos, entre um morfema e uma palavra prosódica.

ANCOR (T, E) e MAX B-T, conforme visto no capítulo 5 (seção 5.3), atuam no nível morfológico, visto que a primeira exige a coincidência entre as margens esquerdas

da base e da forma truncada, e a segunda proíbe apagamentos processados da base para o truncamento.

### 6.3. Análise de dados

A presente seção destina-se à análise de dados que integram o padrão ‘gástro’ de truncamento. Para tanto, são apresentados quatro *tableaux*, um para cada dado selecionado, a saber: ‘gástro’ (< ‘gastroenterologista’), ‘éco’ (< ‘ecocardiograma’), ‘pólio’ (< ‘poliomielite’) e ‘ex’ (< ‘ex-namorado’).

A primeira base a ser analisada é ‘gastroenterologista’, cuja forma truncada nomeia o padrão, por meio do *tableau* em (07).

(07)

<b>Input: Gastroenterologista + /TRUNC/</b>	<b>MORPH <math>\approx</math> PWd</b>	<b>ANCOR (T,E)</b>	<b>MAX B-T</b>
a) [('gas.tro)]			*****
b) [('gas.tro).('en.te)]	*!		*****
c) [en.('te.o).('ro.lo).('gis.ta)]	*!	*****	*****
d) [('gas.tro).('en).('teo)]	*!		*****
e) [('gas)]	*!		*****

MORPH  $\approx$  PWd, restrição mais cotada no *ranking*, por garantir a característica mais marcante do padrão, a coincidência estrita entre a forma truncada e um único morfema da língua, é violada pelos candidatos (b), (c), (d) e (e). Observe-se que nenhum dos referidos candidatos corresponde a um único morfema – o que implica a

infração a MORPH  $\approx$  PWd e a imediata eliminação dos infratores, uma vez que se trata da restrição mais elevada na hierarquia.

Dessa forma, a primeira restrição do *ranking* é responsável pela seleção do candidato ótimo, pois, eliminados os concorrentes (b), (c), (d) e (e), o único a não infringi-la, candidato (a) – ‘gástro’, correspondente ao radical grego *gaster*, *gast(e)ros* –, define-se como ótimo e recebe, por isso, o símbolo ( $\ominus$ ). O hachuramento para todos os candidatos, inclusive o ótimo, nas regiões correspondentes às restrições que se seguem na hierarquia reforça a não relevância destas na análise.


Porém, embora as restrições seguintes a MORPH  $\approx$  PWd não interfiram na seleção do candidato ótimo, verificaremos as infrações, para concluir a análise.

ANCOR (T, E), segunda restrição da hierarquia, é infringida pelo candidato (c), ‘enteorologista’. Observe-se que o candidato deixa de nivelar a sua margem esquerda com a da base e não preserva exatamente o morfema de que se constitui a forma truncada vencedora.

MAX B-T, a restrição sistematicamente violada do *ranking*, é, assim como o esperado, violada por todos os candidatos, uma vez que todos se estruturam a partir de apagamentos processados em relação à base – tal como pressupõe a formação do truncamento. Os candidatos recebem, então, as marcas de violação (uma para cada segmento da base apagado).

A seguir, apresenta-se o segundo *tableau*, em (08), que ilustra a avaliação dos candidatos a truncamento da base ‘ecocardiograma’.

(08)

<i>Input: Ecocardiograma + /TRUNC/</i>	MORPH $\approx$ PWd	ANCOR (T, E)	MAX B-T
a) [(e.co)] 			*****
b) [(e.co).(car)]	*!		*****
c) [(e.co).(car).(dio)]	*!		*****
d) [(di.o).(gra.ma)]	*!	*****	*****
e) [(car).(dio)]		*!*	*****

Nesse caso, dos cinco candidatos apresentados, três violam a primeira restrição do *ranking*, MORPH  $\approx$  PWd, por não serem constituídos de um único morfema. A eliminação dos infratores (b), (c) e (d) é, então, imediata, e permanecem na disputa os candidatos (a), ‘éco’, e (e), ‘cárdio’, uma vez que ambos constituem-se de somente um morfema (os radicais gregos *échos* e *kardia*, respectivamente), tal como exige MORPH  $\approx$  PWd. Dessa forma, a seleção do candidato ótimo caberá a outra restrição do *ranking*.

ANCOR (T, E) é violada pelos candidatos (d) e (e), cujas bordas esquerdas não coincidem com as da base. No entanto, como o primeiro, ‘diogrâma’, já está eliminado da disputa por infringir MORPH  $\approx$  PWd, as violações a ANCOR (T, E), apesar de indicadas no *tableau*, não são relevante.

Contudo, as violações a ANCOR (T, E) são decisivas no que tange ao candidato (e), que, embora constituído de um único morfema, não apresenta correspondência entre a sua borda esquerda e a da base. Por essa razão, o referido candidato viola ANCOR (T, E) e, em seguida, é eliminado da disputa por localizar-se em posição medial, e não inicial, da base. Nesse momento, o candidato (a), ‘éco’, define-se como ótimo por atender às exigências de MORPH  $\approx$  PWd e ANCOR (T, E), ao passo que os concorrentes violam uma ou ambas restrições.

MAX B-T, última restrição do *ranking* devido à sua condição de sistematicamente violável, é infringida por todos os candidatos, que constituem formas encurtadas para a base ‘ecocardiograma’ e, para tanto, tiveram alguns elementos deletados.

Destarte, pode-se dar início à avaliação dos candidatos a truncamento da base ‘poliomielite’, de acordo com o *tableau* apresentado em (09).

(09)

<b>Input: Poliomielite + /TRUNC/</b>	<b>MORPH <math>\approx</math> PwD</b>	<b>ANCOR (T, E)</b>	<b>MAX B-T</b>
a) [(‘pɔ.li)]			*****!
b) [(‘pɔ.ɫu).(‘mi.e)]	*!		****
c) [(‘mi.e).(‘li.tʃi)]	*!	****	****
d) [(‘pɔ.ɫu)]			*****
e) [pɔ.(ɫu.‘mi)]	*!		*****

Antes de proceder-se à análise, cumpre destacar que, apesar de termos optado pela transcrição ortográfica nos *tableaux* anteriores, os candidatos a truncamento de ‘poliomielite’ que constam no *tableau* em (09) são transcritos foneticamente, com o objetivo de indicar a palatalização verificada em alguns candidatos no dialeto carioca.

Com base no *tableau* em (09), observa-se que os candidatos (b), (c) e (e) infringem a restrição mais elevada do *ranking* e são eliminados da disputa, uma vez que não se constituem de somente um morfema. Seguem na análise, então, os candidatos (a) e (d), ‘póli’ e ‘pólio’, respectivamente, que não violam MORPH  $\approx$  PwD por serem constituídos de um único morfema, os radicais de origem grega correspondentes a

*poliós* (cinzento) e *polys* (muitos, diversos). Assim, a seleção do candidato que, entre (a) e (d), emergirá como ótimo caberá a outra restrição que não MORPH  $\approx$  PWd.

ANCOR (T, E) é infringida somente pelo candidato (c), ‘mielíte’, que não preserva a margem esquerda da base e contraria, por isso, a exigência de ANCOR (T, E). Porém, como o referido candidato já foi eliminado anteriormente por MORPH  $\approx$  PWd, as violações não interferem no resultado, e prossegue a análise.

A seguir, MAX B-T, a restrição de fidelidade base-truncamento que milita contra apagamentos da primeira para o segundo, é violada por todos os candidatos, tal como previsto. Contudo, essa restrição, apesar de ocupar a posição mais baixa da hierarquia, é responsável pela seleção do candidato ótimo, posto que (a) e (d) passam ilesos pelas restrições mais cotadas.


Ao contar-se o número de violações, ou seja, de segmentos apagados, verifica-se que o candidato (a), ‘póli’, sofre o apagamento de oito elementos, enquanto o concorrente (d), ‘pólio’, forma-se por meio da deleção de sete segmentos. Destarte, ao apagar o oitavo elemento, o candidato (a) é eliminado, e (d), ‘pólio’, define-se como candidato ótimo devido ao menor número de infrações.

MAX B-T, embora seja a restrição menos cotada do *ranking*, desempenha papel fundamental na seleção de ‘pólio’ e tem sua importância reafirmada, pois, nesse caso, o apagamento de um segmento a mais interfere diretamente na fidelidade à base, uma vez que leva ao radical ‘poli’, cujo significado difere completamente do veiculado por ‘pólio’.


Para encerrar a presente seção, segue-se o *tableau* (10), em que se procede à avaliação de cinco possíveis candidatos a truncamento da base ‘ex-namorado’.



(10)

<b>Input: Ex-namorado + /TRUNC/</b>	<b>MORPH <math>\approx</math> PWd</b>	<b>ANCOR (T, E)</b>	<b>MAX B-T</b>
a) [( <b>'ex</b> )] 			*****
b) [( <b>'ex.na</b> )]	*!		*****
c) [( <b>'ex</b> ).( <b>na.'mo</b> )]	*!		****
d) [( <b>ex.'na</b> )]	*!		*****
e) [( <b>ex.'na</b> ).( <b>mo.'ra</b> )]	*!		**

MORPH  $\approx$  PWd, restrição mais elevada na hierarquia, é violada pelos candidatos (b), (c), (d) e (e). Observe-se que tais candidatos não se constituem de somente um morfema – o que implica a sua imediata eliminação da disputa. Nesse caso, a definição do candidato ótimo dá-se pela restrição mais cotada do *ranking*, pois a única forma a não violar MORPH  $\approx$  PWd é ‘ex’, por coincidir com o prefixo de origem latina que indica “movimento para fora” ou “mudança de estado”.

As áreas correspondentes às restrições que se seguem na hierarquia são, assim, hachuradas, uma vez que futuras infrações não interferirão na seleção do candidato ótimo, já definido por MORPH  $\approx$  PWd e indicado pelo símbolo ().

Por fim, vale ressaltar que o prefixo ‘ex’ emerge como truncamento da base ‘ex-namorado’, ainda que a atuação de ROOTING, tal como explicitado na seção 6.2, impeça a geração candidatos átonos<sup>27</sup>.

Schwindt (2000), ao pesquisar a prefixação em português com os instrumentos da Teoria da Otimalidade, dividiu os prefixos em legítimos e composicionais, sob o ponto de vista prosódico. Segundo o autor, somente os primeiros se enquadram na definição tradicional de verdadeiros prefixos: formas presas e átonas, isto é, que não

<sup>27</sup> Vale observar que a questão da tonicidade da forma truncada ‘ex’ costuma ser resolvida pelos falantes por meio da abertura da vogal, que permite a aplicação do acento: [’eks].

possuem acentuação própria e, por isso, são hospedadas prosodicamente em uma base. Como exemplos de prefixos legítimos, têm-se in-, an- e des-.

Os prefixos composicionais, por sua vez, possuem autonomia prosódica e podem funcionar, portanto, como palavras fonológicas independentes, visto que têm acentuação própria. De acordo com Schwindt (2000), a autonomia prosódica desses prefixos deve-se à sua origem em formas livres que, diacronicamente, tornaram-se prefixos, assim como os exemplos a seguir.

(11)

‘pós-’ – preposição latina de acusativo *post* (depois) > advérbio > prefixo

‘pré-’ – preposição de ablativo *prae* (adiante de) > advérbio > prefixo

‘ex-’ – preposição de ablativo *ex* ou *ē* (do interior de, a partir de, por causa de) > prefixo

‘sub-’ – preposição de acusativo e ablativo (debaixo de, na base de) > prefixo

Com base na distinção entre prefixos legítimos e composicionais proposta por Schwindt (2000) e adotada por Pinto (2008), pode-se, então, justificar a emergência de ‘ex’ como truncamento de ‘ex-namorado’, posto que se encontra entre os prefixos composicionais.


Portanto, pode-se dizer que, de modo geral, os prefixos composicionais são passíveis de constituir truncamentos, devido à autonomia prosódica que lhes confere a possibilidade de receber *status* de palavra morfológica. Os prefixos legítimos, por sua vez, não podem ser isolados de suas bases por serem formas presas e não possuem acentuação própria – daí a não-possibilidade de constituírem truncamentos.

#### 6.4. Hierarquia aplicada a dados de teste

O objetivo desta seção é aplicar a hierarquia elaborada para a análise do padrão ‘gástro’ de truncamento a duas bases que constam dos testes e aparentemente não possuem truncamento conhecido, a saber, ‘lactobacilo’ e ‘macromolécula’, com o objetivo de verificar se emergirão como candidatos ótimos as formas truncadas ‘lácto’ e ‘mácro’, compostas pelo morfema situado mais à esquerda de suas bases e apontadas pelos informantes como truncamentos dessas mesmas bases.

A primeira base a que se aplicará o *ranking* é ‘lactobacilo’, cuja análise é ilustrada pelo *tableau* a seguir, em (12).


(12)

<b>Input: Lactobacilo + /TRUNC/</b>	<b>MORPH <math>\approx</math> PWD</b>	<b>ANCOR (T, E)</b>	<b>MAX B-T</b>
a) [(‘lac.’)(‘to.ba)]	*!		****
b) [(‘lac.to)] 			*****
c) [(‘lac.to).(ba.‘ci)]	*!		**
d) [(ba.‘ci)]	*!	*****	*****
e) [ba.(‘ci.lo)]	*!	*****	*****

Os candidatos (a), (c), (d) e (e) violam MORPH  $\approx$  PWD, uma vez que não se constituem de somente um morfema. Nesse caso, a definição do candidato ótimo dá-se pela restrição mais elevada do *ranking*, respeitada por somente pelo candidato (b), ‘lácto’, que consiste em um único radical de origem latina (*lac, lāctis*).

Encerrada a análise da base ‘lactobacilo’, pode-se dar início à análise da segunda base selecionada para compor a presente seção, ‘macromolécula’, ilustrada a seguir, no *tableau* em (13).

(13)

<i>Input: Macromolécula + /TRUNC/</i>	<b>MORPH <math>\approx</math> PwD</b>	<b>ANCOR (T, E)</b>	<b>MAX B-T</b>
a) [( <b>ma</b> .cro)] 			*****
b) [( <b>ma</b> .cro).( <b>mol</b> )]	*!		*****
c) [(mo. <b>lé</b> ).( <b>cu</b> .la)]	*!	*****	*****
d) [( <b>ma</b> .cro).(mo. <b>lé</b> )]	*!		*****
e) [ <b>ma</b> .(cro. <b>mo</b> )]	*!		*****

MORPH  $\approx$  PwD, a restrição mais cotada da hierarquia, não é atendida pelos candidatos (b), (c), (d) e (e), que não se constituem de somente um morfema. Destarte, os referidos candidatos são eliminados da disputa, e ‘mácro’ – o único não-infrator, uma vez que consiste em um único radical de origem grega (*makro* < *makrós*) – define-se como candidato ótimo. Observe-se que, também nesse caso, a restrição mais elevada do *ranking* é responsável pela seleção do candidato ótimo.

De acordo com as análises realizadas para as bases ‘lactobacilo’ e ‘macromolécula’, que aparentemente não possuem truncamento conhecido, mas são passíveis de truncamento que resulte no padrão ‘gástro’, pode-se dizer que a hierarquia elaborada para a análise do padrão se aplica também a dados que não pertencem ao *corpus*.

Dessa forma, está confirmada a hipótese de que, no âmbito da Teoria da Otimalidade, não há *rankings* construídos com o propósito de validar dados. Ao

contrário, a análise cuidada do *corpus* permite a identificação e posterior hierarquização das restrições que atuam no fenómeno pesquisado, com o objetivo de elaborar *rankings* que sejam eficientes não somente na análise de dados já coletados, mas também na de novas formas que venham a integrar o *corpus* por semelhança estrutural com o padrão de formação detectado.

## CAPÍTULO 7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Nesta dissertação, buscou-se refutar o caráter “idiossincrático” (cf. SANDMANN, 1989) e “limitado” (cf. CARONE, 2004) atribuído ao processo de truncamento pela Gramática Tradicional, bem como pelos morfólogos do português, que encontram problemas na análise do processo ao tentar descrevê-lo com os instrumentos disponibilizados pela morfologia concatenativa.

Contudo, adotando-se a proposta de Gonçalves (2004), segundo a qual o truncamento deve ser considerado, entre outros (hipocorização, reduplicação, siglagem), um processo não-concatenativo de formação de palavras, a incorporação de fatores prosódicos à análise permite a sua descrição como fenômeno regular regido por expedientes morfoprosódicos, e não pela mera supressão de afixos.

Por isso, a Teoria da Otimalidade mostra-se altamente eficiente na descrição de formas truncadas, uma vez que a interação entre os restritores universais permite a combinação de diferentes níveis linguísticos (por exemplo, a restrição MORPH≈PWd atua na interface morfologia-prosódia) – o que permite a descrição de fenômenos linguísticos como um todo. Dessa forma, o truncamento deixa de ser analisado exclusivamente sob o âmbito da morfologia e, pela incorporação de fatores prosódicos, torna-se possível a verificação de regularidades no seu processo de formação.

No capítulo 5, destinado à análise do padrão ‘refrí’, constata-se que o *ranking* definido e aqui retomado – TD PÉ (D), ANCOR (T, E), IAMBO >> ANAL-σ >> UNIQ >> MAX B-T – é responsável pela seleção de candidatos ótimos oxítonos e dissilábicos, constituídos de um único pé iâmbico, tal como ‘belê’ e ‘proví’.

O capítulo 6, por sua vez, descreveu o padrão ‘gástro’ de truncamento, e, como as formas truncadas que o compõem diferem estruturalmente das que se enquadram no padrão ‘refrí’, tem-se novo *ranking* para análise: MORPH  $\approx$  PWd  $\gg$  ANCOR (T, E)  $\gg$  MAX B-T. Ao compararem-se as hierarquias propostas para os dois padrões descritos, verifica-se que os restritores ANCOR (T, E) e MAX B-T são comuns aos dois, com vistas a garantir as características gerais do truncamento: a preservação da margem esquerda da base e o apagamento até o ponto em que não seja comprometida a fidelidade à base. Quanto aos dados pertencentes ao padrão ‘gástro’, a preservação integral do morfema situado na extremidade esquerda da palavra-matriz constitui sua principal característica (‘odônto’, ‘rétro’).

Com base nas análises realizadas nos capítulos 5 e 6, fundamentadas nos pressupostos da Teoria da Otimidade, verifica-se que o fenômeno de truncamento apresenta regularidade em dois níveis distintos: (a) de modo geral, todas as formas truncadas estruturam-se por meio da preservação da margem esquerda da base e devem ter segmentos apagados somente até o limite que permita o rastreamento da forma derivante. Além disso, a subdivisão em padrões de afinidade estrutural permite afirmar que, (b) de modo específico, formas truncadas do padrão ‘refrí’ são oxítonas, dissilábicas e constituídas de um único pé iâmbico, enquanto as que se enquadram no padrão ‘gástro’ são formadas por meio da preservação do morfema que compõe a margem esquerda da base.

Assim, as regularidades – em nível geral e estrito – supracitadas, detectadas pela análise otimalista, são argumentos decisivos para que seja refutado o rótulo de “imprevisível” atribuído por Basílio (2004), por exemplo, ao fenômeno de truncamento. Como se pode ver, não há imprevisibilidade no processo de formação do truncamento;

ao contrário, o fenômeno mostra-se regular o suficiente para ser descrito formalmente. Para tanto, basta adotar nova perspectiva teórica, dividir os dados em padrões estruturais distintos (cf. GONÇALVES e VAZQUEZ, 2005) e focar a regularidade no produto (a forma truncada).

Vale ressaltar que a busca de regularidades na sequência deletada inviabiliza a análise do truncamento, uma vez que o processo não envolve a supressão de sequências afixais (ou tomadas como afixos, no caso da derivação regressiva) – daí a “imprevisibilidade” encontrada pela morfologia derivacional na descrição das formas truncadas.

Diante do exposto neste capítulo e das análises efetuadas ao longo da dissertação, pretende-se contribuir para a descrição dos processos não-concatenativos de formação de palavras, mais especificamente, do truncamento, posto que a nova perspectiva teórica adotada possibilita a análise eficiente do mesmo, que carece de descrição formal pela morfologia derivacional, embora seja empregado com frequência em situações de fala real.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

ABREU, Kátia Nazareth Moura de. Um estudo sobre as siglas do português do Brasil. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

ALVES, Ieda. *Neologismo (criação lexical)*. São Paulo: Ática, 2000.

ARAÚJO, Gabriel. Truncamento e reduplicação no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v.10, n.1, jan./jun. 2002. p. 61-90.

ARONOFF, Mark. *Word formation in generative grammar* (Linguistic Inquiry Monograph 1). Cambridge; Massachusetts: MIT Press, 1976.

BAGEMIHLE, Bruce. The crossing constraint and 'Backwards Languages'. *Natural Language and Linguistic Theory* 7, 1989. p. 481-549.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BELCHOR, Ana Paula Victoriano. O encurtamento de formas sem morfema de truncamento: um enfoque otimalista. *Ao Pé da Letra* (UFPE). V. 7, n. 1/2, 2005. p. 23-37.

\_\_\_\_\_. O encurtamento de formas com a preservação do morfema à esquerda: uma análise otimalista. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 4, n. 7, 2006. [www.revel.inf.br]

BENUA, Laura. Identity effects in morphological truncation. In: Beckman, J.N.; Dickey, L.W.; Urbanczyk, S. (ed). *Papers in optimality theory*. Amherst: Graduate Linguistic Student Association, 1995. p. 77-136.

BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York: H. Holt, 1933.

CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

- CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 9<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ática, 2004.
- COLINA, S. Spanish truncation processes: the emergency of the unmarked. *Linguistics*. Hawthorne, v. 34, n. 1, 1996. p. 199-218.
- COLLISCHONN, Gisela. O acento em português. In: Bisol, Leda (org). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDUPUCRS, 2005. p. 135-169.
- COSTA, J. *Gramática, conflitos e violações: introdução à Teoria da Otimalidade*. Lisboa: Editorial Caminho, 2001.
- CRISTÓFARO SILVA, Thais. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 6<sup>a</sup> ed (revista). São Paulo: Contexto, 2002.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Assistentes: Cláudio Mello Sobrinho [et al.]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FERREIRA, Aurélio B. de H. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GONÇALVES, C. A. V. Processos Morfológicos Não-Concatenativos no português do Brasil: tipos e funções. [versão revista e ampliada da Comunicação “Processos de redução vocabular: tipos e funções”, apresentada na XVII Jornada de Estudos Lingüísticos do GELNE, que se realizou em Recife (instituto de Letras da UFPE) em setembro de 1999]
- \_\_\_\_\_. A função indexical das formações x-íssimo, x-ésimo e x-érrimo no português do Brasil. *Veredas* (UFJF), Juiz de Fora, v. 5, n. 2, 2003. p. 47-59.
- \_\_\_\_\_. Processos morfológicos não-concatenativos do português brasileiro: formato morfoprosódico e latitude funcional. *Alfa* (ILCSE/UNESP), Araraquara, v. 48, n. 2, 2004. p. 30-66.
- \_\_\_\_\_. Relações de identidade em modelos paralelistas: morfologia e fonologia. *DELTA*. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. São Paulo, v. 21, n. 1, 2005. p. 75-119.

\_\_\_\_\_. Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português. *Gragoatá* (UFF), v. 21, 2006. p. 219-42.

\_\_\_\_\_. Retrospectiva dos estudos em morfologia prosódica: de regras e circunscrições à abordagem por *ranking* de restrições. *Alfa* (ILCSE/UNESP), Araraquara, v. 44, 2009.

GONÇALVES, C. A. & VAZQUEZ R. Fla x Flu no Maraca: uma análise otimalista do truncamento no português do Brasil. In: SILVA, J. P. (org.) *Questões de morfossintaxe*. Rio de Janeiro: Cifefil, v. 8, 2005. p. 56-64.

HAYES, Bruce. *Metrical stress theory: principles and case studies*. Chicago: Chicago University Press, 1995.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Morfologia: estudos lexicais em perspectiva sincrônica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

HORWOOD, Graham. Anti-faithfulness and Subtractive Morphology. Rutgers Optimality Archive #466, 2001. <<http://roa.rutgers.edu/view.php3?roa=466>>

ITÔ, Junko; KITAGAWA, Yoshihisa e MESTER, Armin. Prosodic Faithfulness and Correspondence: evidence from a Japanese argot. *Journal of East Asian Linguistics* 5, 1996. p. 217-294.

JENSEN, John Tillotson. *Morphology: word structure in generative grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.

KAGER, René. *Optimality theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2005.

KURISU, Kazutaka. The Phonology of Morpheme Realization. Rutgers Optimality Archive #490, 2002. <<http://roa.rutgers.edu/view.php3?roa=490>>

LAROCA, M. N. C. *Manual de morfologia do português*. Campinas: Pontes, 1994.

LIMA, Bruno C. A formação de ‘Dedé’ e ‘Malu’: uma análise otimalista de dois padrões de hipocorização. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

MATTHEWS, Peter H. *Morphology*. 2ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

McCARTHY, John & PRINCE, Alan. Generalized alignment. In: Booij, G.E.; Marle J. (ed). *Yearbook of morphology*. Dordrecht: Kluwer, 1993.

\_\_\_\_\_. The emergency of the unmarked. *Proceedings of NELS*, 24(1), 1994. p. 333-79.

\_\_\_\_\_. *Faithfulness and reduplicative identity*. Rutgers: Rutgers University, 1995.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. 2<sup>a</sup> ed. Fortaleza: EdUFC, 1987.

NESPOR, Marina & VOGEL, Irene. *Prosodic Phonology*. Dordrecht-Holland: Foris Publications, 1986.

NICOLA, José de; INFANTE, Ulisses. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. 7<sup>a</sup> ed. São Paulo: Scipione, 1991.

NIDA, Eugene Albert. *Morphology: the descriptive analysis of words*. 2<sup>a</sup> ed. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1949.

PIÑEROS, Carlos-Eduardo. Word-blending as a case of non-concatenative morphology in Spanish. Rutgers: Rutgers University, 2000. Disponível em <<http://roa.rutgers.edu/files/343-0999/343-PINEROS-0-0>>

PINTO, Ana Maria dos S. Alomorfia prefixal numa abordagem otimalista: análise de /iN-/ , /aN-/ e /deS-/. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ: 2008.

PRINCE, Alan & SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: constraints interaction in generative grammar*. Boulder: University of Colorado/ Rutgers University, 1993.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 42<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

RONDININI, Roberto B. O acento primário no latim clássico e no latim vulgar: o tratamento da mudança na perspectiva da Teoria da Otimalidade. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

SANDERS, Nathan. *Intra-Representational Correspondence and the Realization of Empty Morphemes*. California: Ms. University of California, 2000.

SANDMANN, Antônio José. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor; Ícone, 1989.

SANTOS, João Batista Alves. Truncamento no português do Brasil: acaso ou processo? Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

SCHWINDT, Luis Carlos. O prefixo no português brasileiro: análise morfofonológica. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 2000.

SHERRARD, N. Optimality and morphology. In: ARCHANGELI, D. & LANGENDOEN, D. (eds.). *Optimality Theory: an overview*. Malden and Oxford: Blackwell, 1997.

SILVA, Hayla Thami da. Uma abordagem otimalista da hipocorização com padrão de cópia à esquerda. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

SPENCER, Andrew. *Morphological theory*. Cambridge: Basil Blackwell, 1991.

SPENCER, Andrew; ZWICKY, Arnold M. (ed). *The handbook of morphology*. Oxford: Blackwell Publishers, 1998.

TATEISHI, Koichi. Theoretical implications of the Japanese musician's language. *Proceedings of the West Coast Conference on Formal Linguistics 8*, 1989. p. 384-398.

TESAR, Bruce. An iterative strategy for learning metrical stress in Optimality Theory. In: Elizabeth Hughes, Mary Hughes & Annabel Greenhill (eds.) *Proceedings of the 21st Annual Boston University Conference on Language Development*. Somerville, Mass.: Cascadilla, 1997. p. 615-626.

VAZQUEZ, Renato Pazos. A criação lexical via truncamento: uma análise do fenômeno no espanhol. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

VILELA, A. C.; GODOY, Luisa; CRISTÓFARO SILVA, Thais. Truncamento no português brasileiro: para uma melhor compreensão do fenômeno. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, MG, v. 14, n. 1, 2006. p. 149-174.

VILLALVA, Alina. *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do português*. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

## ANEXO I – CORPUS

---

Dados do padrão ‘refrí’:

1. Bijú (bijuteria)
2. Refrí (refrigerante)
3. Condí (condição)
4. Visú (visual)
5. Expô (exposição)
6. Belê (beleza)
7. Motô (motorista)
8. Deprê (depressão)
9. Bicí (bicicleta)
10. Prejú (prejuízo)
11. Mocré (mocréia)
12. Retrô (retrospectiva)
13. Cafú (cafuné)
14. Guarú (Guarujá)
15. Falsí (falsificado)
16. Quití (quitinete)
17. Colê (colégio)
18. Proví (morro da **Providência**)
19. Belô (Belo Horizonte)
20. Alô (alojamento)<sup>28</sup>

Dados do padrão ‘gástro’:

1. Gástro (gastroenterologista)
2. Éco (ecocardiograma)
3. Pólio (poliomielite)
4. Êx (ex-namorado)

---

<sup>28</sup> Dado descartado após análise do padrão e substituído por ‘alója’, forma apontada pelos informantes como truncamento da base ‘alojamento’ e acrescentada aos dados representativos do padrão que se estrutura por meio da afixação da vogal -a após o encurtamento, a exemplo de ‘delegado’ > ‘deléga’ (cf. capítulo 5).

5. Elétro (eletrocardiograma)
6. Fôno (fonoaudiologia)
7. Cárdio (cardiologista)
8. Odônto (odontologia)
9. Ginéco (ginecologista)
10. Oftálmo (oftalmologista)
11. Pós (pós-graduação)
12. Últra (ultrassonografia)
13. Pré (pré-vestibular)
14. Pedágo (pedagogia)
15. Bíbli (biblioteconomia)
16. Páleo (paleontologia)
17. Psíco (psicologia)
18. Bí (bissexual)
19. Trí (tricampeão)
20. Pênta (pentacampeão)
21. Êxtra (extraordinário)
22. Hétero (heterossexual)
23. Hômo (homossexual)
24. Mícro (microcomputador)
25. Néó (neoliberal)
26. Hemáto (hematologista)
27. Quílo (quilograma)
28. Tétra (tetracampeão)
29. Vídeo (videocassete)
30. Pró (pró-resgate)
31. Rétro (retroprojektor)
32. Nêuro (neurologista)
33. Otorríno (otorrinolaringologista)

**ANEXO II – TESTES**

---

**Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ  
Questionário para pesquisa de Mestrado****Sobre o informante:**

**1. Sexo:** ( ) Masculino ( ) Feminino

**2. Idade:**

- ( ) 8 a 13 anos;
- ( ) 14 a 19 anos;
- ( ) 20 a 35 anos;
- ( ) mais de 35 anos.

**3. Escolaridade:**

- ( ) 1ª a 4ª séries (Primeiro segmento do Ensino Fundamental);
- ( ) 5ª a 8ª séries (Segundo segmento do Ensino Fundamental);
- ( ) Ensino Médio;
- ( ) Ensino Superior.

**Observações importantes:**

- Este questionário deve ser respondido de forma intuitiva e espontânea.
- Favor acentuar graficamente as sílabas acentuadas de suas respostas.

**Teste 1**

Observe as formas a seguir e responda qual a palavra-origem de cada uma:

- a. Refrí –
- b. Odônto –
- c. Dirê –
- d. Expô –
- e. Quílo –
- f. Agrí –
- g. Deprê –



- h. Prejú –
- i. Fôno –
- j. Belô –
- k. Ventí –
- l. Elétro –
- m. Vídeo –
- n. Térmo –
- o. Líquí –

## Teste 2

A partir das palavras abaixo, produza um encurtamento que considere possível:

- a. Psicologia –
- b. Flexibilidade –
- c. Beleza –
- d. Hematologista –
- e. Poligamia –
- f. Pedagogia –
- g. Bicicleta –
- h. Ginecologista –
- i. Particular –
- j. Macromolécula –
- k. Quitinete –
- l. Motorista –
- m. Neoliberal –

- n. Visual –
- o. Hermografia –

### Teste 3

Dentre as opções apresentadas a seguir, assinale a forma encurtada que considerar mais adequada:

1. Bijuteria
  - (a) bijúta
  - (b) bijú
  - (c) bijutéra
  - (d) jutería
  - (e) bíte
2. Lactobacilo
  - (a) lac
  - (b) lactôa
  - (c) lácto
  - (d) lactobací
  - (e) bací
3. Condição
  - (a) condí
  - (b) dição
  - (c) cõnda
  - (d) condíça
  - (e) cõndi
4. Ecocardiograma
  - (a) ecocár
  - (b) ecocárdio
  - (c) éco
  - (d) diogrâma
  - (e) cárdio
5. Porcelana
  - (a) porcél
  - (b) lana
  - (c) porcê
  - (d) porcéla
  - (e) pôr

6. Oftalmologista
  - (a) ófta
  - (b) oftalmôlo
  - (c) talmología
  - (d) oftálmo
  - (e) oftál
  
7. Biblioteconomia
  - (a) bibliotéco
  - (b) biblí
  - (c) biblioteconô
  - (d) bibliô
  - (e) bíblio
  
8. Temperatura
  - (a) têmpera
  - (b) têm
  - (c) tempê
  - (d) tempêra
  - (e) temperá
  
9. Extraordinário
  - (a) êtra
  - (b) extraôr
  - (c) extraordí
  - (d) extrá
  - (e) extraordiná
  
10. Nucleoplasma
  - (a) nú
  - (b) núcleo
  - (c) nucleoplá
  - (d) nucleoplás
  - (e) nuclê
  
11. Retroprojektor
  - (a) retroprô
  - (b) rétro
  - (c) retroprojéto
  - (d) rétra
  - (e) retrója
  
12. Reticência
  - (a) reticên
  - (b) retí
  - (c) rê
  - (d) reticê
  - (e) reticênci

13. Tetracampeão  
(a) tetracâm  
(b) tetracâmpa  
(c) tetráca  
(d) té  
(e) tétra
14. Bicicleta  
(a) bicí  
(b) biciclé  
(c) cléta  
(d) cicléta  
(e) bicíc
15. Alojamento  
(a) alója  
(b) alô  
(c) alojâma  
(d) alojamên  
(e) lôja

**ANEXO III – TABLEAUX NÃO APRESENTADOS NO CORPO DA DISSERTAÇÃO**


---


**PADRÃO ‘REFRÍ’:**


<i>Input: Exposição + /TRUNC/</i>	TD PÉ (D)	ANCOR (T, E)	IAMBO	ANAL-σ	UNIQ	MAX B-T
a) [(‘ex).('po.si)]	*!		*			***
b) [(ex.'po)]						*****
c) [(‘ex).(po.'si)]	*!					***
d) [(‘ex.po)]			*!			*****
e) [(‘po.si).('çãõ)]	*!	**	*		*	**


<i>Input: Beleza + /TRUNC/</i>	TD PÉ (D)	ANCOR (T, E)	IAMBO	ANAL-σ	UNIQ	MAX B-T
a) [(be.'le)]						**
b) [(‘le.za)]		*!*	*			**
c) ['be]			*!	*	*	****
d) [(‘bel)]					*!	***
e) [be.(‘le.za)]			*!	*	*	


<i>Input: Motorista + /TRUNC/</i>	TD PÉ (D)	ANCOR (T, E)	IAMBO	ANAL-σ	UNIQ	MAX B-T
a) [(‘mo.to)]			*!		*	*****
b) [(mo.'to)]						*****
c) [(‘mo.to).('ris)]	*!		*			**
d) ['mo]			*!	*		*****
e) [to.(‘ris.ta)]		*!*	*	*		**


<i>Input: Depressão + /TRUNC/</i>	TD PÉ (D)	ANCOR (T, E)	IAMBO	ANAL- $\sigma$	UNIQ	MAX B-T
a) [de.('pre.ssa)]			*!	*	*	*
b) [pre.('ssão)]		*!*		*	*	**
c) [(de.'pre)] 						***
d) ['de]			*!	*	*	*****
e) [(.'de.pre)]			*!			***


<i>Input: Bicicleta + /TRUNC/</i>	TD PÉ (D)	ANCOR (T, E)	IAMBO	ANAL- $\sigma$	UNIQ	MAX B-T
a) [bi.(ci.'cle)]				*!		**
b) [(.'cle.ta)]		*!***	*			****
c) [(bi.'ci)] 						*****
d) [ci.('cle.ta)]		*!*	*	*		**
e) [(.'bi.ci)]			*!			*****


<i>Input: Prejuízo + /TRUNC/</i>	TD PÉ (D)	ANCOR (T, E)	IAMBO	ANAL- $\sigma$	UNIQ	MAX B-T
a) [pre.(ju.'i)]				*!		**
b) [ju.('i.zo)]		*!*	*	*	*	***
c) [(pre.'ju)] 						***
d) [(.'pre.ju)]			*!			***
e) ['pre]			*!	*		*****


<i>Input: Mocréia + /TRUNC/</i>	TD PÉ (D)	ANCOR (T, E)	IAMBO	ANAL- $\sigma$	UNIQ	MAX B-T
a) [(mo.'cre)] 						**
b) ['mo]			*!	*		*****
c) [mo.('crei)]				*!		*
d) ['cre.('ia)]		*!*		*		**
e) [(.'mo.cre)]			*!			**


<i>Input: Retrospectiva + /TRUNC/</i>	TD PÉ (D)	ANCOR (T, E)	IAMBO	ANAL- $\sigma$	UNIQ	MAX B-T
a) [(re.'tro)] 						*****
b) [re.(.'tros.pe)]			*!	*		*****
c) [re.(.'tros)]				*!		*****
d) [re]			*!	*	*	*****
e) [(.'tros).(.'pec).(.'ti.va)]	*!*	**	*			**


<i>Input: Cafuné + /TRUNC/</i>	TD PÉ (D)	ANCOR (T, E)	IAMBO	ANAL- $\sigma$	UNIQ	MAX B-T
a) [(ca.'fu)] 					*	**
b) [(.'ca.fu)]			*!			**
c) [(fu.'ne)]		*!*				**
d) [ca.(.'fun)]				*!		*
e) ['cá]			*!	*	*	****


<i>Input: Guarujá + /TRUNC/</i>	TD PÉ (D)	ANCOR (T, E)	IAMBO	ANAL- $\sigma$	UNIQ	MAX B-T
a) [(.'gua.ru)]			*!			**
b) ['gua]			*!	*		****
c) [(gua.'ru)] 						**
d) [(ru.'ja)]		*!*				***
e) ['já]		*!****	*	*	*	*****

<i>Input: Falsificado + /TRUNC/</i>	TD PÉ (D)	ANCOR (T, E)	IAMBO	ANAL- $\sigma$	UNIQ	MAX B-T
a) [(fal.'si)] 						*****
b) [(.'fal.si)]			*!			*****
c) [(fal).(si.'fi)]	*!					****
d) [(fal.si).(.'fi.ca)]	*!		**		*	**
e) [(.'si.fi).(.'ca.do)]	*!	***	**			***

<i>Input: Quitinete + /TRUNC/</i>	<b>TD PÉ (D)</b>	<b>ANCOR (T, E)</b>	<b>IAMBO</b>	<b>ANAL-σ</b>	<b>UNIQ</b>	<b>MAX B-T</b>
a) [ti.('ne.te)]		*!*	*	*		**
b) [qui.(ti.'ne)]				*!		**
c) [( 'qui.ti)]			*!		*	****
d) ['qui]			*!	*	*	*****
e) [(qui.'ti)] 						****

<i>Input: Colégio + /TRUNC/</i>	<b>TD PÉ (D)</b>	<b>ANCOR (T, E)</b>	<b>IAMBO</b>	<b>ANAL-σ</b>	<b>UNIQ</b>	<b>MAX B-T</b>
a) [(co.'le)] 						***
b) [( 'col)]						****!
c) ['le.( 'gio)]		*!*		*		**
d) [( 'co.le)]			*!		*	***
e) [co.( 'le.gi)]			*!	*		*

<i>Input: Providência + /TRUNC/</i>	<b>TD PÉ (D)</b>	<b>ANCOR (T, E)</b>	<b>IAMBO</b>	<b>ANAL-σ</b>	<b>UNIQ</b>	<b>MAX B-T</b>
a) ['pro]			*!	*		*****
b) [( 'den).( 'ci.a)]	*!	*****	*			*****
c) [vi.( 'den).( 'ci.a)]	*!	***	*	*	*	***
d) [(pro.'vi)] 						*****
e) [( 'pro.vi).( 'den)]	*!		*			***

<i>Input: Belo Horizonte + /TRUNC/</i>	<b>TD PÉ (D)</b>	<b>ANCOR (T, E)</b>	<b>IAMBO</b>	<b>ANAL-σ</b>	<b>UNIQ</b>	<b>MAX B-T</b>
a) [be.(lo.'ri)]				*!		*****
b) [(be.'lo)] 						*****
c) [be.( 'lo.ri).( 'zon)]	*!		*	*		**
d) [( 'be.lo)]			*!		*	*****
e) [( 'ho.ri).( 'zon.te)]	*!	***	**		*	***




<i>Input: Alojamento + /TRUNC/</i>	TD PÉ (D)	ANCOR (T, E)	IAMBO	ANAL-σ	UNIQ	MAX B-T
a) [a.('lo.ja)]			*!	*	*	*****
b) [a.('lo.ja).('men)]	*!		*	*		**
c) [ja.('men.to)]		*!***	*	*		***
d) [(a.'lô)]					*	*****
e) [(('lo.ja).('men.to)]	*!	*	**			*


### PADRÃO 'GÁSTRO':


<i>Input: Eletrocardiograma + /TRUNC/</i>	MORPH ≈ PWd	ANCOR (T, E)	MAX B-T
a) [e.('le.tro).('car)]	*!		*****
b) [e.('le.tro)]			*****
c) [(('car).('di.o).('gra.ma)]	*!	*****	*****
d) [(e.'le)]	*!		*****
e) [(('car).('dio)]		*!*****	*****


<i>Input: Fonoaudiologia + /TRUNC/</i>	MORPH ≈ PWd	ANCOR (T, E)	MAX B-T
a) [(('fo.no)]			*****
b) [(('fo.no).('au).('dio)]	*!		*****
c) [(('au).('dio)]		*!***	*****
d) [(('fo.no).('au.'di)]	*!		*****
e) [(('fo.no).('au)]	*!		*****


<i>Input: Cardiologista + /TRUNC/</i>	MORPH ≈ PWd	ANCOR (T, E)	MAX B-T
a) [(('car).('dio)]			*****
b) [(('car.di).('o.'lo)]	*!		*****
c) [(('car.'di)]	*!		*****
d) [(('car).('dio.lo).('gis)]	*!		**
e) [(('car)]	*!		*****


<i>Input: Odontologia + /TRUNC/</i>	MORPH $\approx$ PWD	ANCOR (T, E)	MAX B-T
a) [o.('don)]	*!		*****
b) [o.('don).('to.lo)]	*!		***
c) [(('don).('to.lo).('gi.a)]	*!	*	*
d) [(('don.to)]	*!	*	*****
e) [o.('don.to)] 			*****


<i>Input: Ginecologista + /TRUNC/</i>	MORPH $\approx$ PWD	ANCOR (T, E)	MAX B-T
a) [(('gi.ne)]			*****!*
b) [(('co.lo).('gis.ta)]	*!	****	****
c) [gi.('ne.co)] 			*****
d) [ne.('co.lo).('gis.ta)]	*!	**	**
e) [(gi.'ne).(co.'lo)]	*!		*****


<i>Input: Oftalmologista + /TRUNC/</i>	MORPH $\approx$ PWD	ANCOR (T, E)	MAX B-T
a) [(('of.ta)]	*!		*****
b) [(('of).('tal).('mo.lo)]	*!		*****
c) [(('mo.lo).('gis.ta)]	*!	****	*****
d) [(('of).('tal.mo)] 			*****
e) [(('of).('tal)]	*!		*****

<i>Input: Pós-graduação + /TRUNC/</i>	MORPH $\approx$ PWD	ANCOR (T, E)	MAX B-T
a) [(('pós)] 			*****
b) [(('pós.gra)]	*!		*****
c) [(('pos).(gra.'du)]	*!		****
d) [(('pos.gra).('du.a)]	*!		***
e) [gra.('du.a).('ção)]	*!	***	***

<i>Input: Ultrassonografia + /TRUNC/</i>	MORPH ≈ PWD	ANCOR (T, E)	MAX B-T
a) ['ul.tra] 			*****
b) [(ul).(tra.'sso)]	*!		*****
c) [(ul.tra).(sso.'no)]	*!		*****
d) [so.('no.gra).('fi.a)]	*!	*****	*****
e) [(ul).('tra.sso).('no.gra)]	*!		***

<i>Input: Pré-vestibular + /TRUNC/</i>	MORPH ≈ PWD	ANCOR (T, E)	MAX B-T
a) [pré] 			*****
b) [pre.('ves)]	*!		*****
c) [pre.(ves.'ti)]	*!		*****
d) [(pre.ves).('ti.bu)]	*!		***
e) [(ves).('ti.bu).('lar)]	*!	***	***

<i>Input: Pedagogia + /TRUNC/</i>	MORPH ≈ PWD	ANCOR (T, E)	MAX B-T
a) [pe.('da.go)] 	*		***
b) [(a.go).('gi.a)]	*	*!***	***
c) [(pe.'da)]	*		****!*
d) [(da.go).('gi.a)]	*	*!*	**
e) [go.('gi.a)]	*	*!***	****


<i>Input: Biblioteconomia + /TRUNC/</i>	MORPH ≈ PWD	ANCOR (T, E)	MAX B-T
a) ['bi.('blio)] 			*****
b) [(bi.'bli)]	*!		*****
c) [bi.('bli.o).('te.co)]	*!		*****
d) [te.('co.no).('mi.a)]	*!	*****	*****
e) [(bi.'bli).('o.'te)]	*!		*****


<i>Input: Paleontologia + /TRUNC/</i>	MORPH ≈ PWD	ANCOR (T, E)	MAX B-T
a) [( <b>pa</b> .le)]	*!		*****
b) [ <b>pa</b> .('leo)]			*****
c) [( <b>pa</b> .le).('on.to)]	*!		*****
d) [( <b>pa</b> .le).('on).('to.lo)]	*!		***
e) [( <b>on</b> ).('to.lo).('gi.a)]	*!	****	****


<i>Input: Psicologia + /TRUNC/</i>	MORPH ≈ PWD	ANCOR (T, E)	MAX B-T
a) [psi.('co.lo)]	*!		***
b) [(psi.'co).(lo.' <b>gi</b> )]	*!		*
c) [( <b>co</b> .lo).('gi.a)]	*!	***	***
d) [( <b>psi</b> .co)]			*****
e) [lo.('gi.a)]		*!*****	*****


<i>Input: Bissexual + /TRUNC/</i>	MORPH ≈ PWD	ANCOR (T, E)	MAX B-T
a) [(bi.'sse)]	*!		****
b) [ <b>bi</b> ]			*****
c) [bi.(sse.' <b>xu</b> )]	*!		**
d) [( <b>se</b> .xu).('al)]	*!	**	**
e) [xu.('al)]	*!	****	****


<i>Input: Tricampeão + /TRUNC/</i>	MORPH ≈ PWD	ANCOR (T, E)	MAX B-T
a) [( <b>tri</b> )]			*****
b) [tri.('cam)]	*!		****
c) [( <b>cam</b> .pe).('ão)]	*!	***	***
d) [tri.('cam.pe)]	*!		**
e) [( <b>cam</b> .pe)]	*!	***	*****


<i>Input: Pentacampeão + /TRUNC/</i>	MORPH ≈ PWD	ANCOR (T, E)	MAX B-T
a) [( <b>'pen.ta</b> )] 			*****
b) [( <b>'pen.ta</b> ).( <b>'cam</b> )]	*!		****
c) [( <b>'pen.ta</b> ).( <b>'cam.pe</b> )]	*!		**
d) [( <b>'pen</b> )]	*!		*****
e) [( <b>'cam.pe</b> ).( <b>'ão</b> )]	*!	*****	*****


<i>Input: Extraordinário + /TRUNC/</i>	MORPH ≈ PWD	ANCOR (T, E)	MAX B-T
a) [( <b>'ex</b> ).( <b>tra.'or</b> )]	*!		*****
b) [( <b>'ex.tra</b> )] 			*****
c) [( <b>'ex.tra</b> ).( <b>or.'di</b> )]	*!		****
d) [( <b>'or</b> ).( <b>di.'na</b> ).( <b>'rio</b> )]	*!	*****	*****
e) [( <b>'ex</b> ).( <b>tra.'or</b> ).( <b>di.'na</b> )]	*!		***


<i>Input: Heterossexual + /TRUNC/</i>	MORPH ≈ PWD	ANCOR (T, E)	MAX B-T
a) [( <b>'he.te</b> )]	*!		*****
b) [( <b>'he.te</b> ).( <b>ro.'sse</b> )]	*!		****
c) [ <b>he.</b> ( <b>'te.ro</b> )] 			*****
d) [( <b>'se.xu</b> ).( <b>'al</b> )]	*!	*****	*****
e) [ <b>he.</b> ( <b>'te.ro</b> ).( <b>'sse.xu</b> )]	*!		**


<i>Input: Homossexual + /TRUNC/</i>	MORPH ≈ PWD	ANCOR (T, E)	MAX B-T
a) [( <b>'ho.mo</b> )] 			*****
b) [( <b>se.'xu</b> )]	*!	****	*****
c) [ <b>ho</b> .( <b>mo.'sse</b> )]	*!		****
d) [( <b>'ho.mo</b> ).( <b>sse.'xu</b> )]	*!		**
e) [( <b>'se.xu</b> ).( <b>'al</b> )]	*!	****	****


<i>Input: Microcomputador + /TRUNC/</i>	MORPH ≈ PWd	ANCOR (T, E)	MAX B-T
a) [( <b>mi</b> .cro)] 			*****
b) [( <b>mi</b> .cro).( <b>com</b> )]	*!		*****
c) [( <b>mi</b> .cro).( <b>com</b> .pu)]	*!		*****
d) [( <b>mi</b> .cro).( <b>com</b> ).( <b>pu</b> .ta)]	*!		***
e) [( <b>com</b> ).( <b>pu</b> .ta).( <b>dor</b> )]	*!	*****	*****


<i>Input: Neoliberal + /TRUNC/</i>	MORPH ≈ PWd	ANCOR (T, E)	MAX B-T
a) [( <b>néo</b> )] 			*****
b) [be.( <b>ral</b> )]	*!	*****	*****
c) [( <b>néo</b> ).( <b>li</b> . <b>be</b> )]	*!		***
d) [( <b>li</b> .be).( <b>ral</b> )]	*!	***	***
e) [ <b>né</b> ]	*!		*****


<i>Input: Hematologista + /TRUNC/</i>	MORPH ≈ PWd	ANCOR (T, E)	MAX B-T
a) [he.( <b>ma</b> .to)] 			*****
b) [( <b>he</b> .ma)]	*!		*****
c) [( <b>he</b> .ma).( <b>to</b> .lo)]	*!		*****
d) [ma.( <b>to</b> .lo).( <b>gis</b> .ta)]	*!	*	*
e) [( <b>he</b> .ma).( <b>to</b> .lo).( <b>gis</b> )]	*!		**


<i>Input: Quilograma + /TRUNC/</i>	MORPH ≈ PWd	ANCOR (T, E)	MAX B-T
a) [( <b>qui</b> .lo)] 			*****
b) [qui.( <b>lo</b> . <b>grã</b> )]	*!		**
c) [( <b>lo</b> . <b>grã</b> )]	*!	**	****
d) [ <b>lo</b> .( <b>gra</b> .ma)]	*!	**	**
e) [( <b>gra</b> .ma)]		*!***	****


<i>Input: Tetracampeão + /TRUNC/</i>	MORPH ≈ PWd	ANCOR (T, E)	MAX B-T
a) [( <b>'te</b> .tra)] 			*****
b) [( <b>'te</b> .tra).( <b>'cam</b> )]	*!		****
c) [( <b>'te</b> .tra).( <b>'cam</b> .pe)]	*!		**
d) [( <b>'cam</b> .pe).( <b>'ão</b> )]	*!	*****	*****
e) [ <b>'té</b> ]	*!		*****

<i>Input: Videocassete + /TRUNC/</i>	MORPH ≈ PWd	ANCOR (T, E)	MAX B-T
a) [ca.( <b>'sse</b> .te)]	*!	*****	*****
b) [ <b>'vi</b> .('deo)] 			*****
c) [vi.(deo. <b>'ca</b> )]	*!		****
d) [vi.('deo).(ca. <b>'ssé</b> )]	*!		**
e) [(ca. <b>'ssé</b> )]	*!	*****	*****

<i>Input: Pró-resgate + /TRUNC/</i>	MORPH ≈ PWd	ANCOR (T, E)	MAX B-T
a) [ <b>'pró</b> ] 			*****
b) [pro.('res)]	*!		****
c) [( <b>'res</b> ).('ga.te)]	*!	***	***
d) [pro.(res. <b>'gá</b> )]	*!		**
e) [( <b>'ga</b> .te)]	*!	*****	*****

<i>Input: Retroprojektor + /TRUNC/</i>	MORPH ≈ PWd	ANCOR (T, E)	MAX B-T
a) [re.(tro. <b>'pro</b> )]	*!		*****
b) [( <b>'re</b> .tro).(pro. <b>'je</b> )]	*!		***
c) [( <b>'re</b> .tro)] 			*****
d) [( <b>'pro</b> .je).('tor)]	*!	*****	*****
e) [re.('tro.pro).('je.to)]	*!		*

<i>Input:</i> Neurologista + /TRUNC/	MORPH $\approx$ PwD	ANCOR (T, E)	MAX B-T
a) [( <b>'neu</b> .ro)] 			*****
b) [( <b>'neu</b> ).( <b>ro</b> . <b>'lo</b> )]	*!		*****
c) [( <b>'neu</b> ).( <b>ro</b> . <b>lo</b> ).( <b>'gis</b> )]	*!		**
d) [ <b>lo</b> .( <b>'gis</b> . <b>ta</b> )]	*!	*****	*****
e) [( <b>'neu</b> )]	*!		*****

<i>Input:</i> Otorrinolaringologista + /TRUNC/	MORPH $\approx$ PwD	ANCOR (T, E)	MAX B-T
a) [( <b>o</b> . <b>'to</b> )] 			*****
b) [ <b>o</b> .( <b>to</b> . <b>'rri</b> )]	*!		*****
c) [( <b>'o</b> . <b>to</b> ).( <b>'rri</b> . <b>no</b> )]	*!		*****
d) [ <b>o</b> .( <b>to</b> . <b>'rri</b> ).( <b>no</b> . <b>'la</b> )]	*!		*****
e) [ <b>to</b> .( <b>'rri</b> . <b>no</b> )]	*!	*	*****



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)